

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA

O ENSINO DE HISTÓRIA EM AMBIENTES NÃO-FORMAIS: O MUSEU COMO
AMBIENTE EDUCATIVO

FÁBIO GENÉSIO DOS SANTOS MARIA

BAURU

2019

FÁBIO GENÉSIO DOS SANTOS MARIA

O ENSINO DE HISTÓRIA EM AMBIENTES NÃO-FORMAIS: O MUSEU COMO
AMBIENTE EDUCATIVO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação do Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho.

BAURU

2019

Maria, Fábio Genésio dos Santos.

O ensino de História em ambientes não-formais : o
museu como ambiente educativo / Fábio Genésio dos
Santos Maria, 2019

126 f. : il.

Orientador: Macioniro Celeste Filho

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

1. Ambientes não-formais. 2. Educação. 3. Museus.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de FÁBIO GENÉSIO DOS SANTOS MARIA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 11 dias do mês de dezembro do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro do prédio da Pós-graduação da Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO - Orientador(a) do(a) Programa de Pós-Graduação em Educação / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES do(a) Depto. de Educação / UNESP/Bauru, Profa. Dra. ELIANE APARECIDA TOLEDO PINTO do(a) Centro de Humanas - Pedagogia / Universidade do Sagrado Coração - USC, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de FÁBIO GENÉSIO DOS SANTOS MARIA, intitulada "**O ENSINO DE HISTÓRIA EM AMBIENTES NÃO-FORMAIS: O MUSEU COMO AMBIENTE EDUCATIVO**" E **PRODUTO EDUCACIONAL "VOU ALÍ VISITAR MUSEUS!"**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO



Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES



Profa. Dra. ELIANE APARECIDA TOLEDO PINTO



Dedico esse trabalho a minha avó Maria de Souza Santos (*in memoria*) por me ensinar a nunca desistir de ir em busca de nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

O trabalho científico nunca é realizado de maneira isolada. Diversas pessoas são atingidas por ele nos mais variados níveis. Nesta caminhada, agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram na realização da pesquisa. Agradeço aos meus amigos que me aconselharam e em especial a Gabriel Augusto Fineiz Cella que me acompanhou durante todo esse percurso me ouvindo e aconselhando. Agradeço, de maneira especial, a Prof^a. Dr^a Eliane Aparecida Toledo Pinto e ao Prof. Dr. Antonio Francisco Marques por aceitarem compor a banca do exame de qualificação e exame de defesa e contribuírem para qualidade da pesquisa. Meus mais sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho, meu orientador, pelos ensinamentos e orientação não somente da pesquisa, mas que levarei para a vida toda.

MARIA, F. G. S. **O ensino de História em ambientes não-formais: o museu como ambiente educativo.** 2019. 126f. Dissertação (Mestre em Docência para Educação Básica) -UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

RESUMO

A educação do século XXI trouxe consigo diversos desafios e perspectivas para o ensino de História e para a educação como um todo. O advento das novas tecnologias de informação e comunicação e as alterações ocorridas na sociedade exigem de nós professores um repensar de nossa prática docente. Diante desta nova realidade, a pesquisa buscou analisar novas estratégias de ensino e aprendizagem no ensino da disciplina de História conciliando com os ambientes não-formais de educação, dando ênfase no museu como ambiente educativo. Para tal, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de conhecer o que já se sabe sobre o assunto. Posteriormente foram realizadas entrevistas com quatro professores da educação básica e quatro monitores e mediadores de museus da região objetivando o aprofundamento da temática. Durante a pesquisa foi possível perceber que os professores realizam visitas técnicas a museus e reconhecem sua importância, no entanto elencam diversas dificuldades, tais como: falta de verba para realização da atividade, dificuldade em se conseguir transporte e preconceito relacionado as atividades extramuros da escola, muitas vezes entendida como perda de tempo. Ainda foi possível perceber certa discrepância entre as realidades das escolas públicas, municipais e estaduais, com as escolas privadas que possuem apoio e incentivo para realização das visitas técnicas. Em relação aos museus, embora enfrentem diversas dificuldades relacionadas a manutenção e restauro dos prédios e peças, falta de verba e comunicação com a sociedade do século XXI, priorizam o diálogo com a escola no intuito de alinhar o discurso museológico com os conteúdos aprendidos em sala de aula, bem como a elaboração de atividades voltadas especificamente para os alunos. Vale salientar que a presente pesquisa não visa propor a substituição do ensino formal de História pelo ensino realizado pelos museus, nem pretende o esgotamento do assunto, mas objetiva fomentar a discussão em relação a interação entre o ensino formal com os ambientes não-formais de educação.

Palavras-chave: Ambientes não-formais. Educação. Museus

MARIA, F. G. S. **History teaching in non-formal environments:** the museum as an educational environment. 2019. 126f. Dissertation (Master in Teaching for Basic Education) -UNESP, Faculty of Sciences, Bauru, 2019.

ABSTRACT

The education of the twenty-first century brought with it several challenges and perspectives for the teaching of History and for education as a whole. The advent of the new technologies of information and communication and the changes that have taken place in society require us teachers to rethink our teaching practice. Faced with this new reality, the research sought to analyze new teaching and learning strategies in the teaching of History, conciliating with the non-formal environments of education, emphasizing the museum as an educational environment. For this, a bibliographical research was initially carried out in order to know what is already known about the subject. Subsequently, interviews were conducted with four teachers of basic education and four monitors and mediators of museums in the region and neighborhood with the aim of deepening the theme. During the research it was possible to realize that teachers make technical visits to museums and recognize their importance, however they listed several difficulties, such as: lack of money to carry out the activity, difficulty in getting transport and prejudice related to activities outside the school, often understood as a waste of time. It was still possible to realize some discrepancy between the realities of public, municipal and state schools, in private schools that have support and incentive to carry out the technical visits. In relation to museums, although they face several difficulties related to the maintenance and restoration of buildings and pieces, lack of money and communication with 21st century society, they prioritize the dialogue with the school in order to align the museological discourse with the contents learned in the classroom as well as the elaboration of activities aimed specifically at students. It is important to point out that the present research does not aim to propose the substitution of the formal teaching of History by the teaching done by the museums, nor does it intend to exhaustion of the subject, but aims to foment the discussion in relation to the interaction between the formal education and non-formal environments of education .

Keywords: Non-formal environments. Education. Museums

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tela inicial do site do Museu Imperial	84
Figura 2: Serviços online	85
Figura 3: Acervo digital.....	86
Figura 4: Tour virtual	87
Figura 5: Sala do senado	88
Figura 6: Ambiente 360º.....	89
Figura 7: Página inicial do site do Arquivo Público do Estado de São Paulo	91
Figura 8: Difusão	92
Figura 9: Exposições virtuais.....	93
Figura 10: Exposição Ferrovias Paulistas	94
Figura 11: Exposição.....	94
Figura 12: Atividades Pedagógicas	95
Figura 13: Seleção de fontes.....	96
Figura 14: Capa do produto.....	124
Figura 15: Linha do tempo	125
Figura 16: Dicas para os professores.....	125
Figura 17: Dicas para os pais.....	126
Figura 18: Atividades para crianças I	126
Figura 19: Atividades para crianças II	127

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. O ensino de História no século XXI: desafios e perspectivas	17
2.1. O novo papel do professor	24
2.2 A educação nos ambientes educativos não-formais	27
3. O ensino de História em museus	34
3.1 Principais museus da região de Bauru e vizinhança	39
3.1.1 Museu Ferroviário Regional de Bauru	40
3.1.2 Museu Municipal de Jahu	47
3.1.3 Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado – Botucatu	55
3.1.4 Museu do Café de Piratininga	60
4. O uso das novas tecnologias no ensino de História como ambiente de aprendizagem não-formal	77
4.1 As visitas virtuais em museus	80
5. A educação em museus na prática: o dizem os professores?	97
Considerações finais	113
Referências	118
Produto educacional: Vou alí visitar o museu!	124

1. Introdução

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação houve uma modificação no comportamento da sociedade, tendo seu reflexo no campo educacional. A relação aluno/professor sofreu grandes alterações e as metodologias de ensino e aprendizagem necessitam ser atualizadas.

No decorrer de minha experiência em sala de aula com o ensino de História pude constatar a rejeição por parte dos alunos pela disciplina. Tal comportamento me deixou inquieto e me motivou a realizar uma pesquisa de iniciação científica sobre estratégias de ensino aprendizagem no ensino de História no Ensino Médio entre os anos de 2016 e 2017.

Durante a pesquisa questionamos aos alunos de duas escolas, uma pública e outra privada, sobre seu interesse na disciplina, as estratégias utilizadas pelos professores e o que gostariam que fosse modificado durante as aulas. As respostas de ambas as escolas foram muito parecidas, nos dando a entender que não há grandes diferenças nas metodologias utilizadas pelos professores das duas instituições de ensino.

No que diz respeito ao interesse dos alunos pela disciplina História, obtivemos uma resposta positiva. “Foi possível notar que os alunos se interessam e gostam da disciplina de História em ambas instituições de ensino, sendo 45, 79% da escola pública e 43,90% da escola privada.” (MARIA, 2017, p.32). Se há o interesse por parte dos alunos na disciplina de História, o que estaria acontecendo para que os mesmos tivessem um comportamento de rejeição durante as aulas?

A resposta a essa pergunta foi encontrada ao questioná-los sobre o interesse dos mesmos pelas aulas de História, ou seja, de como os conteúdos estavam sendo ensinados em sala de aula. “[...] em relação às aulas de História, notamos que, o interesse dos alunos diminuiu, passando de 45% para a faixa dos 30%.” (MARIA, 2017, p. 32). Outro ponto que nos chamou a atenção foi o apontamento do que os alunos não gostavam durante as aulas de História. Dentre as respostas obtidas observamos:

- Conteúdos no quadro de giz: 61,58% da escola pública e 64,63% da escola privada;
- Exercícios práticos: 26,31% da escola pública e 21,95% da escola privada;

- Confecção de materiais: 14,21% da escola pública e 15,85% da escola privada. (MARIA, 2017, p. 35).

Cabe aqui fazer algumas observações, no que diz respeito aos exercícios práticos os alunos se referem ao uso de questionários aplicados pelos professores no qual há leitura e posteriormente o aluno responde as questões. Na confecção de materiais os alunos relacionaram a produção de cartazes em cartolina. Ambas as práticas são comuns ao cotidiano escolar.

Assim, podemos constatar que as estratégias utilizadas pelos professores estão diretamente ligadas ao ensino tradicional, o qual não oferece grandes desafios aos alunos. De acordo com Anastasiou e Alves (2012) a metodologia tradicional associa a inteligência com memorização, e todo o trabalho docente está voltado para exposição de conteúdos e a apreensão da atenção do aluno.

Ainda durante a pesquisa, indagamos aos alunos como eles gostariam que fossem as aulas de História, quais recursos gostariam que os professores utilizassem para que a aprendizagem dos mesmos fosse mais significativa. Dentre as respostas, obtemos:

- Vídeos ou filmes: 31,60% dos alunos da escola pública e 30,49% da escola privada;
- Uso de tecnologias: 28,42% dos alunos da escola pública e 36,58% da escola privada;
- Aulas práticas e dinâmicas: 13,16% dos alunos da escola pública e 35,36% da escola privada. (MARIA, 2017, p. 53).

Diante do exposto, fica evidente que a educação do século XXI exige uma nova forma de se fazer aula. As metodologias tradicionais, embora tenham dado grande contribuição para o processo educacional, precisam ser revistas devido as mudanças ocorridas na sociedade. Atualmente, nossos alunos estão conectados a todo o momento, interagem com diversas realidades diariamente e a escola, bem como o ensino de História devem proporcionar métodos mais interativos e concatenados com a realidade de seus alunos. Diante do exposto, é necessário repensar as estratégias utilizadas no ensino de História, bem como a relação entre os ambientes educativos.

Diante desta nova realidade, a presente pesquisa buscou investigar e fundamentar teoricamente estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas no ensino

de História que propicie uma maior relação com o museu como ambiente não-formal de educação, transformando a sala de aula em um objeto de constante investigação e reflexão sobre a realidade, articulando o ambiente não-formal – o museu – neste processo. Bem como a elaboração de um guia em formato PDF que vise oferecer sugestões de atividades, textos e dicas para professores, pais, monitores e alunos na tentativa de possibilitar maior interação e uma aprendizagem mais significativa.

Essa escolha se deu pela necessidade de relacionar os conteúdos aprendidos em sala de aula (ambiente formal) com os adquiridos no museu (ambiente não-formal) propiciando uma aprendizagem significativa. Além de repensar as visitas técnicas realizadas pelas escolas, em que muitas vezes não são aproveitadas adequadamente não atingindo todo o seu potencial educativo.

É comum observarmos que as visitas técnicas, muitas vezes, são vistas como premiação aos alunos e estes, não a veem como uma oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, mas sim como uma maneira de sair do meio escolar, da lousa, giz e livros: levando ao esvaziamento do potencial educativo da instituição museológica.

Desta forma, a pesquisa justifica-se pela necessidade de atualização das estratégias utilizadas em sala de aula e de novas propostas de ensino aprendizagem, conciliando o ambiente formal de educação e o ambiente não-formal propiciando que o aluno se sinta integrante da história e que tenha um ensino de História significativo e condizente com sua realidade.

Scheimer (2010) comenta que apesar das grandes mudanças no contexto educacional o papel do professor e especificamente do professor de História não teve grandes alterações. É necessário considerar que a criatividade e a força de vontade são ingredientes indispensáveis que devem acompanhar o professor na arte de ministrar aulas (BERGAMO, 2010).

Essa defasagem fica mais evidente quando se trata da diversidade das estratégias utilizadas no processo de aprendizagem, onde, na maioria das vezes, a aula fica resumida na exposição dialogada restrita as quatro paredes da sala de aula. Tendo o aluno um papel passivo na construção de seu conhecimento e, muitas vezes, desmotivado.

Diante do exposto, a pesquisa inicialmente procurou analisar, o ensino da disciplina de História no século XXI tendo como principal objetivo compreender os novos desafios e perspectivas que são apresentados ao ambiente escolar. É possível perceber que a educação do século XXI exige estratégias de aprendizagem que possibilitem maior interação entre o aluno e seu objeto na construção do conhecimento. Portanto, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação permite uma maior interação entre os ambientes educativos surgindo como novos desafios e também como uma perspectiva para uma nova educação. O primeiro capítulo ainda buscou refletir sobre o novo papel do professor frente as novas realidades apresentadas e analisar o uso dos ambientes não-formais na educação.

No segundo capítulo é abordado o ensino da disciplina de História em museus, conceituando esse ambiente não-formal de educação e suas potencialidades para interagir com o ambiente formal de educação objetivando uma aprendizagem da disciplina mais significativa aos alunos. No mesmo capítulo é apresentado um levantamento de quatro museus da região e ouvidos quatro monitores e mediadores dessas instituições, a saber: Museu Ferroviário Regional de Bauru, Museu do Café de Piratininga, Museu Municipal de Jaú e Núcleo de Conservação da Fazenda Lageado de Botucatu, com o intuito de compreender e investigar as atividades realizadas por essas instituições museológicas e suas interações com o ensino formal.

No terceiro capítulo é proposto o uso das novas tecnologias de informação e comunicação no ensino de História. Desta forma, é apresentado as potencialidades para uma aprendizagem mais interativa com duas sugestões de visitas virtuais em museus como alternativa para os professores que não possuem condições de levar suas turmas a um museu e também como possibilidade de realização de atividades prévias com os alunos.

No quarto capítulo é dado voz a quatro professores que lecionam em cidades da região, a saber: Piratininga, Bauru, Bariri e Jaú com o objetivo de compreender seu planejamento ao realizar uma visita técnica aos museus, a importância dessas visitas, suas maiores dificuldades, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação em sala de aula e a interação entre a escola e o museu.

Ao final é apresentado o produto educacional elaborado a partir das discussões realizadas no decorrer da pesquisa. O produto consiste em um guia em

formato PDF que traz textos, atividades pedagógicas e dicas para professores, pais, monitores e alunos para a realização de uma visita técnica a museus com mais qualidade.

O presente trabalho pautou-se na pesquisa qualitativa. De acordo com Denise Silveira e Fernanda Córdova (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com a quantificação numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de determinado grupo social. Diante do exposto, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por se preocupar “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32)

Inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de conhecer o que vinha sendo estudado na área referente ao tema da pesquisa: a educação em ambientes não-formais e as possibilidades de conciliar o ensino de História com o museu.

Com o intuito de aprofundar a discussão da temática, foram realizadas entrevistas com monitores e/ou mediadores de museus e professores da educação básica. Segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 196) a entrevista “trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.”

Assim sendo, foram entrevistados quatro monitores e/ou mediadores de museus da região, sendo um do Museu Ferroviário Regional de Bauru, um do Museu do Café de Piratininga, um do Museu Municipal de Jaú e um do Núcleo de Preservação da Fazenda Lageado de Botucatu. A fim de preservar a identidade dos entrevistados eles serão caracterizados na pesquisa como Monitor/Mediador 1, Monitor/Mediador 2, Monitor/Mediador 3 e Monitor/Mediador 4.

De igual modo, foram entrevistados quatro professores da educação básica que lecionam em diferentes cidades da região. Destes, dois lecionam em escolas públicas e dois em escolas privadas. Com o objetivo de preservar suas identidades, os professores entrevistados serão caracterizados na pesquisa como Professor 1, Professor 2, Professor 3 e Professor 4. Cabe salientar que tanto os monitores e/ou mediadores de museu como os professores entrevistados cederam autorização para o uso das respostas para redação da dissertação e demais trabalhos frutos dela.

Todas as entrevistas realizadas, tanto como os monitores/mediadores como as dos professores, foram gravadas e transcritas no texto da dissertação.

Posteriormente foram ouvidas e analisadas todas as entrevistas gravadas e redigidos os dados levantados na discussão do texto da dissertação.

Por fim, a partir das discussões levantadas no decorrer da pesquisa foi elaborado um guia em formato PDF intitulado Vou alí visitar museus! Com textos, atividades pedagógicas e dicas para professores, pais, monitores e/ou mediadores de museus e alunos com objetivo de possibilitar maior aproveitamento das visitas técnicas em museus e, conseqüentemente, uma maior interação entre a sala de aula e o museu.

2. O ensino de História no século XXI: desafios e perspectivas

O século XXI trouxe consigo grandes desafios e perspectivas para a educação e, conseqüentemente, para o ensino de História. O avanço das novas tecnologias de informação e comunicação possibilitou uma nova dinâmica na sociedade. O acesso rápido as informações e as facilidades nas realizações de tarefas agravaram a crise instalada na educação. Fato que nos chama à reflexão de nossa prática docente na busca de diversificar as estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas em sala de aula que propiciem um ensino mais significativo e condizente a realidade dos alunos, incorporando as novas tecnologias nas aulas e aproximando os ambientes formais e ambientes não-formais de educação. No que tange ao ensino de História iremos analisar as potencialidades educativas dos museus e sua relação com a sala de aula.

A disciplina de História foi instituída no Brasil em 1838 com a constituição do Colégio Dom Pedro II na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Elza Nadai (2014, p. 28) a instituição da disciplina no Brasil se deu por meio dos “movimentos de organização do discurso laicizado sobre a história universal, discurso no qual a organização escolar foi um espaço importante das disputas então travadas entre o poder religioso e o avanço do poder laico, civil.”

Nesse momento, a História ensinada nas salas de aulas era a história da Europa, tida como a verdadeira história. A história nacional vinha como um apêndice enaltecendo os grandes personagens da recente história brasileira e datas simbólicas. Com os movimentos que surgiram na sociedade como por exemplo, o movimento abolicionista, a vinda de imigrantes e a própria proclamação da República, houve uma grande transformação no meio social, o que exigiu uma nova mudança na disciplina de História. Segundo Mathias:

À História caberia a incumbência de situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade. Uma vez que a nação havia sido erigida por grandes homens, restava a cargo de seus descendentes o ‘fardo’ de conduzir o país em direção ao progresso. (MATHIAS, 2011, p. 42).

Assim a História passa a ser um manual de como deve ser o novo cidadão e as representações enfatizavam o novo ideário de nação que nascia após a proclamação da República. Desta forma, a História se apresenta “como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de uma identidade comum – o cidadão nacional – destinado a continuar a obra de organização da nação brasileira.” (NADAI, 2014, p. 30).

Mais tarde, durante a Era Vargas (1930 – 1945) duas grandes reformas educacionais foram realizadas. A primeira delas ocorreu em 1931 por meio do decreto 19.890/1931 que ficou conhecido como Reforma Francisco Campos, então ministro da Educação e Saúde. Essa reforma previa o ensino secundário dividido em dois cursos: o fundamental e o complementar. O primeiro com duração de cinco anos objetivava a formação geral do indivíduo, enquanto o segundo era obrigatório apenas para aqueles que desejassem entrar no ensino superior.

No que tange ao ensino de História ela passava a possuir um caráter mais utilitário, privilegiando a utilização do método biográfico, os fatos econômicos e as questões de ética. De acordo com Kátia Abud:

Ao atribuir esse caráter utilitário ao ensino de História, o legislador deu à disciplina o ponto de ligação com o corpo ideológico do movimento getulista, cujo discurso ia à direção da implantação de reformas para superar os arcaísmos da sociedade brasileira e para implementar a modernização do país, introduzindo-o, finalmente, no século XX, ao promover seu desenvolvimento. (ABUD, 1993, p. 166).

A segunda reforma ocorreu em 1942 e ficou conhecida como Reforma Gustavo Capanema. Com essa reforma a História do Brasil passa a ter *status* de disciplina autônoma. Mathias nos fala que:

Em se tratando de um governo ditatorial de viés nacionalista, o ensino de História foi revestido com as cores da bandeira, objetivando a conjuração de uma consciência patriótica por meio da seleção de episódios significativos e de grandes nomes do passado. As novas gerações deveriam conhecer seus direitos e, mais importante, seus deveres para com a pátria. (MATHIAS, 2011, p. 43).

Esse viés nacionalista volta a ganhar força em 1964 com a subida dos militares a presidência da república. Com o novo governo, o ensino de História passa por diversas mudanças ligadas ao ideário de segurança nacional e desenvolvimento econômico. Neste período a História perde o *status* de disciplina autônoma, sendo reconhecida apenas no 2º grau, e novas disciplinas entram para o currículo escolar.

Com os decretos de 1968 e 1971 surgem as disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) que tinham por objetivo a inclusão dos atos cívicos e morais em sala de aula. Outra disciplina incorporada ao currículo foi Estudos Sociais que trazia em seu cerne noções de pátria e nação, “bem como a valorização dos heróis nacionais dentro de uma ótica que tentava legitimar, pelo controle do ensino, a política do Estado e da Classe dominante, anulando a

liberdade de formação e de pensamento.” (URBAN, 2011 *apud* SCHMIDT, 2012, p. 86).

Após o fim do regime ditatorial e início do processo de redemocratização do país, o ensino de História passa a ser novamente discutido. A História volta a ter o *status* de disciplina autônoma e são criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs serviriam de referência para os professores e possuía como objetivo a “busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento.” (BRASIL, 1997, p. 15). No que diz respeito ao ensino de História, o documento reconhece que:

O ensino de História envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive. (BRASIL, 1997, p. 27).

Neste breve percurso histórico do ensino de História no Brasil é possível perceber que a disciplina, muitas vezes, foi utilizada para representar interesses políticos e ideológicos. E foi se transformando conforme a sociedade se transformava. Atualmente, na busca de atender as novas demandas suscitadas pela sociedade do século XXI, o ensino como um todo e com ele o ensino de História passa por uma nova discussão com a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do ensino médio por meio da lei nº 13. 415 de 16 de fevereiro de 2017.

As novas demandas originadas no século XXI trouxeram consigo a necessidade de repensar as estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas pela escola e buscar um novo modelo de educação que não fique restrito apenas a sala de aula, como no modelo tradicional, mas que vise um ensino mais significativo ao aluno.

A educação não deve ser apenas uma agência, uma socialização de conhecimentos, mas deve contribuir para a formação de capacidades para atuar e pensar de forma criativa, inovadora, com liberdade. A escola deve ser o centro da vida social, e não um serviço administrativo, “odiada” por muitos de seus alunos, que se sentem livres apenas quando estão fora dela. (GOHN, 1999, p. 109).

Atualmente o que observamos é uma crise na educação, com alunos desinteressados pelas aulas e professores desmotivados, ocasionada por um descompasso entre professores e alunos. Janice Theodoro (2013, p. 52) nos fala que “como cada coisa ocupava, por muito tempo, o mesmo lugar nós podíamos ensinar uma receita adequada para o sucesso: estude! Tenha um diploma! [...] A relação entre expectativa e resultado era, quase, linear.”

Hoje essa receita não existe. Segundo expressão cunhada por Bauman (2007), tudo é muito líquido. Tudo é mutável, a cada instante novas coisas surgem e uma realidade é transformada de uma hora para outra. “Hoje, tudo muda a toda hora, tornando difícil a sobrevivência dos homens que constituíram hábitos, costumes, tradições e que resistem a formas diferentes de vida.” (THEODORO, 2013, p. 49).

Em meio a este contexto:

Somos levados, portanto, a revalorizar as dimensões ética e cultural da educação e, nesse sentido, a fornecer os recursos para que cada um venha a compreender o outro em sua especificidade, além de compreender o mundo em sua busca caótica de certa unidade; mas, previamente, convém começar pela compreensão de si mesmo em uma espécie de viagem interior, permeada pela aquisição de conhecimentos, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. (DELORS, 2010, p. 10).

Em meio a esse novo contexto que nos é apresentado, é preciso buscar meios para conciliar nossas práticas de ensino e aprendizagem com as novas ferramentas que nos são disponibilizadas. É necessário que a escola busque meios para incrementar, cada vez mais, “o gosto e o prazer de aprender, além da curiosidade intelectual. Podemos, inclusive, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno.” (DELORS, 2010, p. 12).

Jacques Delors no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI publicado originalmente em 1996 e traduzido e publicado no Brasil em 2010, elenca seis tensões a serem superadas pela educação: a tensão entre o universal e o singular; a tensão entre tradição e modernidade; a tensão entre o longo prazo e o curto prazo; a tensão entre a indispensável competição e o respeito pela igualdade de oportunidade; a tensão entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades da assimilação do homem e a tensão entre o espiritual e o material.

A tensão entre o universal e o singular diz respeito à globalização da cultura e seu progresso no mundo. Estamos cada vez mais conectados e recebemos informações a todo instante, o que nos faz, muitas vezes, perdermos nossa essência particular e cultural. Deixamos de sermos nós mesmos, perdemos a nossa identidade em favorecimento ao que está na moda, nas redes sociais, na mídia. Entramos em um paradigma no qual as coisas perdem seus significados, sua profundidade, sua essência. Ao generalizarmos tudo caímos no erro da superficialidade. Nas palavras do autor:

[...] um dos [riscos] mais graves é, exatamente, o esquecimento do caráter único de cada pessoa, de sua vocação para decidir seu destino e realizar todas as suas potencialidades, conservando a riqueza de suas tradições e de sua própria cultura que, se não forem tomadas as devidas providências, corre o risco de desaparecer sob a influência das mudanças em curso. (DELORS, 2010, p. 8).

Seguindo a mesma linha de raciocínio encontra-se a segunda tensão a ser enfrentada pela educação, a tensão entre a tradição e a modernidade. Para Delors (2010, p. 8) é necessário “adaptar-se sem se negar a si mesmo, construir sua autonomia em dialética com a liberdade e a evolução do outro, além de manter sob o controle o progresso científico.” O equilíbrio entre a tradição e a modernidade é um grande desafio em sala de aula, isso ocorre por haver grande diferença de gerações entre professores e alunos e rápidas mudanças ocorridas na sociedade provocando uma crise de comunicação entre os personagens envolvidos.

A educação aprendida pelos nossos professores está baseada no método tradicional no qual o professor é o transmissor do conhecimento, desta forma as aulas, em sua maioria, são expositivas e dialogadas com resolução de exercícios. Vale salientar que não pretendo esvaziar a importância do método tradicional, mas reconhecer que é necessário um repensar das práticas docentes no século XXI.

Os jovens hoje têm acesso constante com a informação. Qual seria a diferença de ouvir um professor cinquenta minutos em sala de aula e um vídeo de vinte minutos na internet referente a um tema específico? Há a necessidade de buscar esse equilíbrio entre o tradicional e o moderno. A escola precisa repensar seus métodos e incluir essa nova realidade em sala de aula, dialogando com os ambientes não-formais de educação e buscando uma maior interação com as novas tecnologias.

A terceira tensão, a tensão entre o longo prazo e o curto prazo está concatenada com as duas tensões anteriores. A nova sociedade da informação exige soluções rápidas para problemas que, muitas vezes, é necessária paciência e reflexão como é o caso das políticas educacionais. Segundo o autor, “as diferentes propostas procuram respostas e soluções rápidas quando, afinal, um grande número de problemas exige uma estratégia respaldada na paciência, consenso e negociação relativamente às reformas a empreender.” (DELORS, 2010, p. 8-9).

Isso também se reflete em sala de aula. Por estarem acostumados com o rápido acesso e resoluções que precisam apenas de um *click*, nossos alunos não possuem a paciência para parar um momento e refletir sobre determinado assunto.

Parte do alunado não se interessa em aprofundar determinado tema, ficando apenas na superficialidade, na generalização. Buscam respostas rápidas para assuntos complexos.

A tensão entre a indispensável competição e o respeito pela igualdade de oportunidades refere-se ao modelo capitalista de desenvolvimento que incentiva a competição entre as pessoas e, na maioria das vezes, não oferece oportunidades iguais para todos. Para Delors (2010, p. 9) “o imperativo da competição impele um grande número de responsáveis a esquecer a missão que consiste em fornecer a cada ser humano os meios para realizar todas as suas potencialidades.” Diante do exposto, o autor apresenta a educação ao longo da vida, ou seja, a formação contínua como forma de “conciliar a competição incentivadora com a cooperação fortificante e com a solidariedade que promove a união entre todos.” (DELORS, 2010, p. 9).

A exemplo da primeira e segunda tensão, a tensão entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação do homem refere-se ao autoconhecimento e a busca de um viver melhor, garantindo saúde física e psicológica. Assim, ao elaborar o currículo escolar é necessário fazer escolhas de disciplinas que possibilite “a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor pelo conhecimento, pela experiência e pela construção de uma cultura pessoal.” (DELORS, 2010, p. 9).

Por fim, mas não menos importante, a tensão entre o espiritual e o material. Para o autor, nós humanos, “muitas vezes, de forma insensível ou sem a capacidade de exprimir tal estado anímico, tem sede de ideal ou de valores a que, para evitar ferir alguém, atribuímos o qualificativo de morais.” (DELORS, 2010, p. 9). Neste ínterim, cabe a educação, segundo o autor, a tarefa de “suscitar em todos, segundo as tradições e as convicções de cada um, no pleno respeito do pluralismo, essa elevação do pensamento e do espírito até o universal e, inclusive, uma espécie de superação de si mesmo.” (DELORS, 2010, p. 9).

Como podemos perceber, o novo século se apresenta com novas demandas, não só para o ensino de História, mas, para toda a área educacional. A busca de profissionais capacitados e rápidas soluções para os problemas atuais nos exigem uma formação contínua ao longo da vida. Para Delors:

É a ideia de educação permanente que deve ser, simultaneamente, reconsiderada e ampliada; com efeito, além das necessárias adaptações relacionadas com as mudanças da vida profissional, ela deve ser uma construção contínua da pessoa, de seu saber e de suas aptidões, assim como de sua capacidade para julgar e agir. (DELORS, 2010, p. 12).

Segundo o Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, a educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser.

O primeiro pilar, aprender a conhecer, está relacionado aos conteúdos aprendidos em sala de aula. É necessário “aprender a aprender” para conseguir aproveitar as oportunidades que lhe são apresentadas. Segundo o relatório é preciso combinar “uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um reduzido número de assuntos.” (UNESCO, 2010, p. 31).

O aprender a fazer refere-se à educação atrelada ao mundo do trabalho, possibilitando uma formação profissional ao indivíduo. De acordo com o relatório o aprender a fazer não busca “só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.” (UNESCO, 2010, p. 31).

O aprender a conviver nos chama a atenção para o fato de que é necessário desenvolver a “compreensão do outro e a percepção das interdependências.” Ou seja, uma convivência harmoniosa em sociedade respeitando os “valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.” (UNESCO, 2010, p. 31).

Aprender a ser relaciona-se com a formação da personalidade de cada indivíduo e sua capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Desta forma, “a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.” (UNESCO, 2010, p. 31).

Como é possível perceber as tensões elencadas por Delors e os quatro pilares para a formação ao longo da vida suscitados pela UNESCO estão intimamente relacionados. A educação do século XXI requer novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem. O professor, no caso, o professor de História, precisa compreender seu novo papel mediante a educação. O papel de mediador do processo de construção do conhecimento e assim proporcionar novas estratégias que visem a aprendizagem de seu aluno.

2.1. O novo papel do professor

Em meio a tantas transformações ocorridas na sociedade o papel do professor também se altera. Na educação do século XXI há uma mudança na forma de ver o processo educacional, deslocando o foco do ensino para a educação. José Moran as diferencia da seguinte forma:

No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. (MORAN, 2006, p. 12)

De acordo com a visão do autor, podemos compreender o ensino como centrado na figura do professor, nas estratégias que o mesmo utiliza para a transmissão do conhecimento. Na educação esse foco muda, o importante é a forma como o aluno aprende. A educação está centrada na maneira como o aluno constrói o seu próprio conhecimento, utilizando o que se aprendeu em sala de aula na sua vida cotidiana. Ou seja, o cerne da educação “é ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional.” (MORAN, 2006, p. 13).

Essa mudança de foco, contribuiu para uma alteração significativa no papel do professor frente a educação. Ele, o professor, não é mais apenas o transmissor do conhecimento, mas agora passa a assumir a função de mediador do processo de construção do conhecimento, ou seja, cabe ao professor auxiliar, mediar o aluno na construção de seu próprio conhecimento. Essa nova visão de compreender a educação não ocorre de maneira fácil e natural, isso porque estamos acostumados com um ensino tradicional no qual a figura central do processo educacional é o professor. Ao mudarmos essa figura central para o aluno, a forma como ele aprende, saímos de nossa zona de conforto e nos lançamos ao desconhecido.

Para Marcos Masetto (2006) sair da nossa posição que estamos acostumados e entrar em diálogo direto com os alunos, nos arriscar a ouvir uma pergunta que talvez não tenhamos resposta e propor uma pesquisa para que juntos possamos encontrar a solução gera grande desconforto e uma grande insegurança.

Embora esse processo gere insegurança, ele é necessário para uma educação de qualidade. Segundo o autor o novo professor deverá desempenhar o papel de orientador, de consultor, “de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de

quem trabalha em equipe, [...] desenvolverá o papel de mediação pedagógica.” (MASETTO, 2006, p. 142).

Moran (2006, p. 30) acredita que o professor é um pesquisador em serviço. “Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador.” O autor ainda nos diz que o professor busca integrar de maneira equilibrada quatro maneiras de orientação tornando-se: orientador/mediador intelectual; orientador/mediador emocional; orientador/mediador gerencial e comunicacional e orientador ético, descritos a seguir.

1) Orientador/mediador intelectual: é aquele que auxilia o aluno a buscar informações e selecionar as mais pertinentes de maneira que as tornem mais significativas e possibilite sua compreensão, reelaboração e adaptação ao seu contexto pessoal;

2) Orientador/mediador emocional: sua função é fundamental na autoestima do aluno. Ele motiva, estimula o aluno em suas atividades buscando transmitir credibilidade, autenticidade e empatia;

3) Orientador/mediador gerencial e comunicacional: está relacionado com as atividades em grupos. Desta forma, é ele que organiza as atividades de pesquisas, as interações, o processo de avaliação e os grupos. Segundo Moran (2006) ele é a principal ponte de comunicação entre a instituição, os alunos e a comunidade;

4) Orientador ético: preza por ensinar o aluno a assumir e vivenciar valores construtivos, individual e socialmente. Tendo por base a liberdade, a cooperação e a interação pessoal. “Cada um dos professores colabora com um pequeno espaço, uma pedra na construção dinâmica do ‘mosaico’ sensorial-intelectual-emocional-ético de cada aluno.” (MORAN, 2006, p. 31).

Diante do exposto e tendo em mente as mudanças ocorridas na sociedade, Masetto (2006) categoriza nove características que um professor desenvolverá para se tornar um mediador pedagógico. Sendo elas:

1) Ensino voltado para a aprendizagem: nesta concepção é fundamental compreender que o aluno é o centro do processo de aprendizagem e é a partir do desenvolvimento do aluno que o professor irá planejar suas ações. “Trata-se de uma

ação contínua sua e de seus alunos, sabendo esperar, compartilhar, construir juntos.” (MASETTO, 2006, p. 168);

2) Professor e aluno como célula básica de aprendizagem: no processo de ensino aprendizagem o professor e o aluno desenvolvem uma ação conjunta de aprendizagem, uma relação de empatia seja nos momentos de sucessos ou de erros;

3) Corresponsabilidade: no processo de aprendizagem a corresponsabilidade e as parcerias são fundamentais incluindo os momentos de planejamento, realização e avaliação das atividades;

4) Clima mútuo de respeito: é essencial criar um clima de mútuo respeito entre todos os participantes, dando ênfase em estratégias cooperativas nas quais os alunos são envolvidos em um planejamento conjunto estabelecendo uma atmosfera de confiança;

5) Domínio profundo de sua área de conhecimento: o professor deve estar atualizado quanto as informações e aos assuntos afetos de sua área, possibilitando para que o mesmo não valorize apenas uma perspectiva metodológica. “A construção do conhecimento é o eixo da articulação da prática educativa e ela não pode faltar. Ela não será feita sem estudo, reflexão, investigação e intercâmbio de experiências.” (MASETTO, 2006, p. 169);

6) Criatividade: fundamental para buscar, juntamente com o aluno, soluções para situações novas e inesperadas. Tendo sempre em mente que cada aluno é diferente um do outro;

7) Disponibilidade para o diálogo: o professor mediador deve estar sempre aberto ao diálogo com seus alunos. Com as novas tecnologias de informação e comunicação o aluno busca o professor a qualquer momento, não estando limitado apenas ao período em sala de aula;

8) Subjetividade e individualidade: O professor é um ser humano e como qualquer pessoa está sujeito as adversidades do dia a dia podendo, às vezes, utilizar uma linguagem mais dura e outras vezes mais carinhosa. O mesmo ocorre com o aluno, cada um é diferente do outro e possui características próprias que o professor deverá levar em consideração ao se comunicar com o aluno, principalmente quando a comunicação for feita por meio digital;

9) Comunicação e expressão em função da aprendizagem: a comunicação é muito importante para o processo de aprendizagem, ela pode incentivar ou

desmotivar o aluno no seu processo de aquisição do conhecimento. Esses cuidados necessitam ser redobrados quando a comunicação se dá por meio digital, no qual não se tem a visão de seu interlocutor e nem ouvirá o tom de suas palavras. “O professor deverá cuidar muito de sua expressão e comunicação para que elas sempre estejam em condições de ajudar a aprendizagem e incentivar o aprendiz em seu trabalho.” (MASETTO, 2006, p. 170).

Na educação do século XXI, o professor deixa de ser o principal agente do processo de construção do conhecimento e passar a fazer parte de uma ação conjunta com o aluno na tentativa de alcançar tal objetivo. Sendo assim, o professor precisa compreender cada aluno em sua individualidade, respeitando suas capacidades e especificidades. É preciso ser um incentivador da busca pelo conhecimento, cuidando assim de sua comunicação com o aluno, principalmente se está se dá por meios eletrônicos. É necessário criar um ambiente de mútuo respeito entre os envolvidos e usar da criatividade para que todo o processo seja realizado de maneira significativa para ambas as partes.

Desta forma, as mudanças ocorridas na figura do professor e na visão sobre o processo de ensino e aprendizagem não se refletem apenas em sua atuação em sala de aula ou em suas estratégias utilizadas, mas também na relação entre a escola e os demais ambientes educacionais. Como abordado por Moran (2006) a educação objetiva a construção da identidade do aluno e esse processo não se dá apenas em sala de aula, mas na relação desta com a sociedade. Sendo assim, é de suma importância que a escola se relacione com os ambientes não-formais de educação, como por exemplo, o museu.

2.2 A educação nos ambientes educativos não-formais

A educação em ambientes não-formais passou a ser amplamente discutida a partir da década de 1980. Autores como Trilla (1993, 2008), Torres (1992) e Afonso (1989) se debruçaram sobre esse assunto. No entanto, para a realização desta pesquisa foram priorizados os estudos de Maria da Glória Gohn, por entender a pesquisadora citada ser referência sobre o tema no Brasil.

A todo o momento estamos aprendendo, seja ao falar com um amigo, ao participar de um grupo de estudos ou pesquisas, ao irmos à escola, ao participar da catequese, ao realizar uma visita a museus ou ao parque, ao nos conectarmos as

redes sociais, entre outros. Todos esses lugares que diariamente estamos nos possibilitam a construção e a ampliação do nosso conhecimento. Os ambientes educativos, ou seja, aqueles em que há a construção de algum conhecimento podem ser classificados em: ambientes formais de educação, ambientes não-formais de educação e ambientes informais.

Maria da Glória Gohn (2006, p. 28) conceitua a educação formal como sendo aquela “desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados.” Desta forma, podemos entender a educação formal como sendo aquela realizada na escola, com um currículo e objetivos previamente elaborados. Dadas as características os ambientes educativos dessa modalidade são as escolas, faculdades e universidades. José Carlos Libâneo (1990, p. 18) nos chama atenção para o fato de que “a educação propriamente escolar se destaca entre as demais formais formas de educação intencional por ser suporte e requisito delas.”

A educação não-formal desenvolve-se no seio da sociedade, “[...] é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.” (GOHN, 2006, p. 28). Na educação não-formal os espaços educativos são construídos coletivamente dependendo das necessidades de cada comunidade.

Corroborando com o pensamento de Gohn, Libâneo (1990, p. 18) conceitua a educação não-formal como sendo a “atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional (como é o caso dos movimentos sociais organizados, dos meios de comunicação de massa, etc.)” Assim, eles podem ser um cursinho realizado por voluntários, um grupo de estudos, a catequese, os museus, entre outros.

A educação informal é entendida como aquela em que “os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização [...], carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.” (GOHN, 2006, p. 28). Ela ocorre nos momentos em família, nos encontros com amigos, nas rodas de conversas. Não há um currículo pré-estabelecido, nem o objetivo de ensinar. Embora quando pensamos em relação a família possui a intencionalidade de transmitir valores morais, éticos e costumes. O processo educativo se dá de maneira espontânea.

Neste sentido o que os difere é a intencionalidade de cada ambiente. Libâneo (1990) os classificam em duas categorias: a educação não-intencional e a educação intencional.

A educação não-intencional ocorre sob as influências do contexto social e do meio ambiente. Nas palavras do autor:

Tais influências, também denominadas de educação informal, correspondem a processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. (LIBÂNEO, 1990, p. 17)

A educação intencional acontece quando há uma intencionalidade na ação com objetivos definidos conscientemente, como ocorre na educação escolar e extraescolar. Assim, na educação intencional “há métodos, técnicas, lugares e condições específicas prévias criadas deliberativamente para suscitar ideias, conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos.” (LIBÂNEO, 1990, p. 18)

Devido essa pesquisa se referir à educação em ambientes não-formais focaremos a essa modalidade de ambiente educativo aprofundando, a seguir, suas principais características.

Até meados das décadas de 1980 e 1990 a educação não-formal era vista por menor importância tanto por professores como pelas políticas públicas. Era entendida como uma extensão da educação formal, sendo desenvolvida fora dos muros da escola. De acordo com Gohn (1999):

Genericamente, a educação não-formal era vista como conjunto de processos delineados para alcançar a participação de indivíduos e de grupos em áreas denominadas extensão rural, animação comunitária, treinamento vocacional ou técnico, educação básica, planejamento familiar etc. (GOHN, 1999, p. 91-92).

A educação não-formal passa a ganhar importância no cenário educacional nos anos de 1990 devido as transformações ocorridas na sociedade, na economia e no mundo do trabalho. Segundo a autora (1999):

Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares. (GOHN, 1999, p. 92).

Como já mencionado, os ambientes não-formais de educação se constroem no seio da sociedade, com o objetivo de sanar alguma necessidade de determinada comunidade. Ela se realiza por meio da organização dos próprios membros da

sociedade em assembleias, grupos de estudos, entidades sociais. Sendo, muitas vezes, confundida erroneamente com a educação informal.

Gohn a conceitua como:

Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o conduz têm intencionalidades e propostas. (GOHN, 2014, p. 40)

A educação não-formal não se organiza por séries, pela idade daqueles que dela participam ou mesmo por conteúdo. Ela se organiza sob os aspectos sociais e políticos. Proporciona o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e fortalece a identidade de determinado grupo.

Por tanto, a finalidade da educação não-formal é:

Abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. [...] A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não-formal. (GOHN, 2006, p. 29-30).

Diante do exposto, temas como cidadania, justiça social, democracia, igualdade, direitos humanos estão sempre em voga nesses ambientes. No intuito de formar pessoas capazes de exercitar sua cidadania de maneira plena. “Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo, etc.” (GOHN, 2006, p.30).

Assim sendo, podemos considerar a educação não-formal como sendo processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida por meio de experiências. Nas palavras de Gohn:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista

de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela a mídia, em especial a eletrônica, etc. (GOHN, 2009, p. 31)

No que diz respeito à metodologia adotada na educação não-formal, Gohn (2006) a considera como a mais fraca em comparação com as outras modalidades educativas, devido as metodologias operadas no processo de aprendizagem partirem da cultura dos indivíduos e dos grupos. Ou seja, na educação não-formal, muitas vezes, não há um profissional capacitado para realizar tal atividade.

O método adotado irá depender das problemáticas que surgirem na vida cotidiana e seus conteúdos são desenvolvidos a partir das necessidades, carências e ações que aparecem durante o processo. Ela não fica limitada a burocracia da educação formal. Desenvolve-se de forma espontânea e dinâmica. Por haver intencionalidades nos processos, objetivos e metas podem sofrer alterações durante o percurso educativo.

Neste sentido, o papel do educador social é muito importante para alcançar as potencialidades da educação não-formal. Para Gohn os educadores sociais se fazem necessários para:

Dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade. O diálogo, tematizado – não é um simples papo ou conversa jogada fora, é sempre o fio condutor da formação. Mas há metodologias que supõem fundamentos teóricos e ações práticas – atividades, etapas, métodos, ferramentas, instrumentos, etc. O espontâneo tem lugar na criação, mas ele não é o elemento dominante no trabalho do educador Social, pois o seu trabalho deve ter: princípios, métodos e metodologias de trabalho. (GOHN, 2009, p. 33)

Desta forma, Paulo Freire nos diz que há três fases distintas na construção do trabalho do educador social, a saber:

A elaboração do diagnóstico do problema e suas necessidades, a elaboração preliminar da proposta de trabalho propriamente dita e o desenvolvimento e complementação do processo de participação de um grupo ou toda a comunidade de um dado território, na implementação da proposta. (FREIRE, 1983, *apud* GOHN, 2009, p. 33)

A metodologia utilizada pelo educador social reflete sua formação que deve objetivar o desenvolvimento crítico da realidade em que se encontra. Assim, “a formação do educador pode ser observada não apenas na trajetória passada, anterior ao trabalho na área da educação não-formal, mas também na busca de qualificação e no próprio desempenho do trabalho atual.” (GOHN, 2007, p. 25) Esse conhecimento é utilizado na execução do verdadeiro trabalho do educador que visa sensibilizar, formar e estimular o trabalho do grupo.

Gohn atenta-nos para o fato de:

A formação do educador deve vir acompanhada do desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade onde ele vive e atua. O educador que teve uma formação com conhecimentos básicos sobre a realidade socioeconômica do país e sobre os direitos básicos dos seres humanos desenvolverá seu trabalho de maneira engajada e responsável, preocupando-se em conhecer a história de vida das pessoas com quem está trabalhando, assim como a história do lugar, articulando fragmentos dessas histórias com fatos e acontecimentos de um cenário mais amplo, de modo a auxiliar na construção da identidade do grupo. (GOHN, 2007, p. 28)

Diante do exposto, o educador social não deve ser apenas um “facilitador de atividades” ou um “ouvido amigo”, mas sim, ser um agente “ativo, partir do domínio de conhecimentos e da habilidade no manejo desses conhecimentos segundo as necessidades do grupo para que novos saberes se construam, continuamente.” (GOHN, 2007, p. 28)

A educação não-formal, embora tenha-se se aperfeiçoado durante os anos, possui pontos a serem desenvolvidos. Gohn nos alerta para algumas fragilidades da educação não-formal. Embora seja uma lista longa, é importante sua citação para refletirmos sobre a educação não-formal e a importância de a aperfeiçoarmos. Segundo a autora o que falta a educação não-formal é:

- Formação específica a educadores a partir de seu papel e as atividades a realizar;
- Definição mais clara de funções e objetivos da educação não-formal;
- Sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano;
- Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que vem sendo realizado;
- Construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado;
- Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho de egressos que participaram de programas de educação não-formal;
- Criação de metodologias e indicadores para estudo e análise de trabalhos da educação não-formal em campos não sistematizados. Aprendizado gerado por atos de vontade do receptor tais como a aprendizagem via internet, para aprender música, tocar um instrumento etc.;
- Mapeamento das formas de educação não-formal na autoaprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens). (GOHN, 2006, p. 31)

Vale salientar que a educação não-formal não compete com a educação formal e nem objetiva substituí-la, uma vez que ambas as modalidades possuem características próprias. Atuam em conjunto objetivando a formação integral do indivíduo.

Acho que se deve olhar para as possibilidades da educação não-formal, até para resolver e potencializar a educação formal. Às vezes me perguntam ‘as coisas que preconizo para educação não-formal, a escola não deveria

fornecer?'. E eu respondo. Sim, formar para a cidadania está na Lei maior da educação nacional brasileira, na LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Mas a educação formal tem atributos próprios e específicos, oxalá possa cuidar bem deles tais como, em alfabetizar bem, apreender o básico sobre a arte da matemática, dar acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade etc. Tudo isso é formar o cidadão, portanto jamais um cidadão se forma apenas com a educação não-formal. (GOHN, 2014, p. 41-42)

Voltando-se para o ensino de História, que visa a formação da identidade e criticidade do aluno por meio dos estudos dos fatos e gerações passados, os ambientes educativos não-formais são de grande valia para a obtenção desse objetivo. Um dos ambientes não-formais que se destaca intimamente ligado ao ensino de História é o museu. A utilização do museu como ambiente educativo torna-se importante por permitir que o educando possa fazer conexões entre o que foi aprendido em sala de aula e a exposição. Além de possibilitar a criação do sentimento de pertencimento e identidade.

3. O ensino de História em museus

Os museus estão intimamente relacionados com o ensino de História, eles, por essência, são os locais de salvaguarda do patrimônio e da memória. Sendo assim, a conciliação entre os estudos realizados em sala de aula e as visitas técnicas a museus é uma valiosa alternativa para o enriquecimento da aprendizagem do aluno.

Os museus podem ser utilizados de maneiras distintas, modificando assim suas características de ambiente educativo, podendo ser, ora ambiente não-formal de educação, ora ambiente informal de educação. São espaços não-formais de educação quando o grupo presente ali possui a intenção de aprender algo, com objetivos previamente definidos. Por outro lado, se tornam ambientes informais quando fazemos uma visita de domingo com os familiares, quando marcamos um encontro com os amigos, ou seja, sem a elaboração de objetivos específicos. Desta forma, o que vai definir qual ambiente educativo o museu será é a intencionalidade.

Durante o decorrer da história a definição de museu sofreu alterações. O que conhecemos como modelo de museu hoje remete ao período da formação dos Estados Modernos e identificação do Estado como nação, período entre os séculos XVI e XIX, destaque para a Revolução Francesa. Nesse período, os museus tinham o papel de salvaguardar a história nacional por meio dos heróis nacionais e criar uma identidade nacional. Para Marília Xavier Cury (2011, p.18) os museus “foram instrumentos da integração cultural e da enculturação da cultura popular para a definição da cultura nacional.”

Nesse período o discurso e sua transmissão se modificam. O conhecimento popular é posto de lado, colocando de lado também as classes populares. De acordo com Cury (2011, p. 19) “o saber popular é posto à parte e rotulado de exótico, folclórico, e de outras denominações pejorativas. Dessa forma, se o saber popular é desvalorizado, as classes populares também o são.”

Ana Silvia Bloise nos chama atenção para o fato de que no Brasil:

O museu é um legado europeu, que durante décadas preservou e reproduziu valores estéticos, glorificou personagens e fatos que interessavam a uma parcela bem reduzida da sociedade brasileira. Por vezes foram constituídos por força de lei, outras vezes foram fruto de entusiasmos e de utopias de pequenos grupos ou indivíduos. (BLOISE, 2011, p. 46)

Esse contexto possibilitou a ideia de que museu é lugar para alguns e não para todos. “O museu, como prolongamento da hegemonia, nega e esconde o

popular, não como um estratagema e sim como consequência do modo de funcionamento do hegemônico. Assim, ainda é aceita a ideia de que é lugar para alguns.” (CURY, 2011, p. 19). Pensamento este que persiste até os dias atuais, embora tenhamos iniciativas que visem a aproximação das classes populares, o museu ainda é tido como lugar de pessoas cultas.

Outro pensamento muito comum entre as pessoas é que museu é lugar de guardar coisas velhas, um lugar chato. Não é raro ouvirmos expressões como: quem gosta de coisa velha é museu! É preciso mudar essas visões equivocadas “ver museus não é uma obrigação chata, tarefa para dias chuvosos. Nem privilégio de meia dúzia de intelectuais de feição sisuda e óculos com lentes grossas.” (PINSKY, 2013, p. 69)

Um dos motivos do distanciamento da sociedade é a falta do sentimento de pertencimento que a população possui em relação a instituição museológica e as peças ali expostas. Há certa dificuldade de dialogar com seu público, sendo este, um dos grandes desafios dos museus no século XXI.

Outros motivos do distanciamento do grande público em relação aos museus podem estar atrelados ao “modelo de gestão, no planejamento institucional, no processo de comunicação e até na constituição de coleções e acervos poucos significativos ou representativos.” (BLOISE, 2011, p. 46)

Diante do exposto, como podemos conceituar o museu? Segundo Marcos Silva e Selva Guimarães (2017) etimologicamente a palavra museu deriva de musa, que na mitologia greco-latina simboliza uma divindade inspiradora. O museu seria “[...] a casa das musas, um lugar dos saberes, dos conhecimentos elevados, um local onde diferentes materiais, considerados significativos para uma sociedade, são preservados e expostos como fontes de inspiração.” (SILVA; GUIMARÃES, 2017, p. 73)

Para Maria Cristina Oliveira Bruno:

O museu é interpretado, muitas vezes, como local de invenção de tradições, como espaço de fruição do belo, como lugar para a memória, como área propícia para o refinamento cognitivo, entre muitas outras perspectivas que de alguma forma são responsáveis pela permanência dessas instituições nas mais diferentes sociedades. (BRUNO, 2011, p. 30)

Para Bloise (2011) museus são espaços de cultura que pertence a todos da sociedade e reconhece a baixa procura por essas instituições por parte da população.

Segundo a autora, “o museu abriga uma herança cultural que pertence a todos, mas que é de fato conhecida e reconhecida como tal por poucos.” (BLOISE, 2011, p. 44)

A autora ainda alerta para o fato de que:

O museu não pode ser ‘apenas’ espaço que abriga e preserva o patrimônio, a arte, os testemunhos da história, nossas memórias; ele deve ser um espaço cultural dinâmico, que possa atrair público numeroso e atender às expectativas de diferentes públicos, com diferentes graus de instrução, exercendo assim uma função social, educativa e de lazer cultural. (BLOISE, 2011, p. 44-45)

Por fim, Angelica Fabbri nos recorda que:

Os museus estão entre as instituições mais antigas da humanidade; são instituições que viajaram pelos tempos, que podem melhorar o presente e influenciar o futuro, através das reflexões que operam como lugares de representação, como polos educativos, geradores e disseminadores de conhecimento, promotores de cidadania, que valorizam as identidades culturais em suas formas de expressão cotidiana, ritual e material. (FABBRI, 2011, p. 51)

Os museus são lugares de memórias, da preservação do patrimônio, da arte. É um ambiente privilegiado para o diálogo entre a sociedade e sua história e possibilita à criação do sentimento de pertencimento a determinada sociedade ou grupo social a qual pertence.

Dada as características, o museu mostra-se como importante ferramenta para o ensino de História. Não apenas para essa disciplina, mas possibilita um verdadeiro processo educativo transdisciplinar. Cury (2011) baseado nos estudos de Lauro Zavala nos apresenta dois modelos educativos em museus: o tradicional e o emergente.

No primeiro modelo, o tradicional, a visita ao museu possui apenas um objetivo, o conhecimento. Neste modelo, o importante de uma exposição e/ou ação educativa é somente o conteúdo. “As formas de aprendizagem estão restritas à visão e ao pensamento e estão apoiadas na autoridade dos especialistas do museu.” (CURY, 2011, p. 21) A experiência do visitante se resume ao circuito que ele percorre durante a visita.

No segundo modelo, o emergente, o objetivo de uma visita ao museu está vinculado a experiência que o visitante se propõe realizar, desta maneira o objetivo da visita pode ser múltiplo. Cury nos explica que:

A experiência de aprendizagem está relacionada à participação ativa do público ao alcançar suas expectativas ritualísticas durante a visita; ele é agente de sua própria experiência e participa sensorial, emocional e

fisicamente, pois utiliza o seu corpo como elemento para a apropriação do museu. O museu é instituição por meio do patrimônio musealizado. (CURY, 2011, p. 21)

Ainda nas palavras da autora, “o modelo emergente faz distinção entre educação formal, informal e não-formal e considera que essas formas de ensino podem trabalhar em parceria.” (CURY, 2011, p. 21) Não há uma competição entre os ambientes educativos, mas respeitando as características e objetivos particulares de cada local.

Em resumo, podemos considerar que no modelo tradicional o museu tem como principal objetivo complementar o ensino formal. No modelo emergente, o objetivo de uma visita vai além dos conteúdos, visa a participação integral do visitante. O importante é a experiência do público, no qual podem relacionar suas lembranças e memórias com o seu cotidiano. O que possibilita que o professor ou mediador da visita possa utilizar variadas estratégias de ensino e aprendizagem.

Ao que se refere às estratégias de ensino e aprendizagem, entendemos estas como sendo “a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vistas à consecução de objetivos específicos.” (ANASTASIOU; ALVES, 2012, p. 75-76) Elas visam “à consecução de objetivos, portanto há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensinagem. (ANASTASIOU; ALVES, 2012, p. 77)

É necessário que os objetivos estejam claros para todos os envolvidos, professores e alunos. É preciso saber o ponto de partida e o ponto de chegada. Esses objetivos devem nortear todo o processo educativo. Para isso, é importante realizar um bom planejamento.

Ao optar por fazer uma visita técnica a um museu é preciso ter clareza que a escola e o museu são ambientes diferentes. Martha Marandino (2001, p. 88) nos fala que “museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria.” Essas diferenças ficam evidentes quando analisamos a estrutura da instituição, a questão pedagógica e o tempo.

Por essas questões é que ao propor uma visita ao museu alguns cuidados devem ser observados. A visita deve ser planejada. É importante que o professor delineie os seus objetivos e que os mesmos estejam claros. Questões como: o que

eu pretendo com a visita? O que quero alcançar? O que desejo que os alunos aprendam? devem ser levantadas e respondidas.

Uma ida ao museu, como profissional de história, sozinho ou acompanhando alunos, é um ato reflexivo: precisamos pensar e fazer pensar sobre o que é aquele espaço, o que é aquela instituição, o que são seu acervo (a cultura material de diferentes épocas) e suas atividades. Os museus – particularmente, os monumentais – têm um caráter espetacular que não pode nem deve ser apagado (precisamos interpretar historicamente as razões dessa monumentalização do prédio e de seu acervo), mas é muito importante ultrapassar isso, pensando sobre o que é aquele monumento, para quem é aquele monumento e como ele se relaciona com um processo de conhecimento em história. (SILVA; GUIMARÃES, 2017, p. 82-83)

É importante que o professor faça uma visita prévia ao local a ser visitado para que possa conhecê-lo e analisar se a instituição atende aos seus objetivos. Diversas vezes a escolha do museu a ser visitado se dá pela fama ou de forma aleatória e ao chegar ao local percebe-se que o mesmo não atende aos objetivos estabelecidos anteriormente, ficando assim a visita pela visita.

É necessário conhecer a estrutura do museu que planeja visitar. Qual tema abordado pela instituição? As visitas são acompanhadas por monitores ou os visitantes ficam livres para realizar a visita de forma espontânea? Qual o tempo de duração da visita? O local possui acessibilidade para atender alunos com deficiência, pessoas idosas? As exposições ficam em locais fechados, cobertos ou ao ar livre, como é caso dos museus ao céu aberto?

Outra questão que se deve levar em consideração é o transporte. Em muitas cidades do interior a prefeitura municipal disponibiliza o transporte para atividades culturais como a visita ao museu. No entanto, o tempo disponibilizado é limitado em poucas horas. Isso ocorre pelo fato de o transporte utilizado ser o mesmo que buscam e levam os alunos de casa para escola. Diante disso, é preciso calcular o tempo necessário para ida e volta e a duração da visita, para saber se é viável fazer a visita ou não.

O levantamento dessas questões é importante para a realização de uma boa visita técnica. A visita pela visita é vazia, não se sabe ao certo onde se pretende chegar. Os alunos, e por vezes, o professor, ficam perdidos. Não aproveitando todo o potencial educativo do museu.

Embora escolas e museus possuam suas especificidades, ambos possuem pontos em comuns o que permite que um complemente o outro. Para Marandino:

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado. (MARANDINO, 2001, p. 98).

É por possuir um grande potencial educativo, não só para o ensino de História como para todas as outras disciplinas, que é necessário um bom planejamento para que esse potencial não se perca. Uma visita técnica não se pode resumir apenas a um passeio dado como prêmio a uma turma por bom comportamento. Ações como esta fazem com que não se alcance o principal objetivo das visitas que é a aprendizagem dos alunos.

O interior paulista possui importantes museus regionais que contam a história, não só da região em que está localizado, mas também do desenvolvimento do Brasil. Como exemplo citamos o Museu Ferroviário Regional de Bauru que possui o maior acervo ferroviário do Brasil. Nossa região é rica em história e seus museus tem grande potencial para o ensino de História.

3.1 Principais museus da região de Bauru e vizinhança

O interior paulista é rico em museus que nos contam um pouco sobre nossa história destacando temas como a ferrovia, o movimento dos bandeirantes e a exploração do interior paulista. Esses ambientes nos proporcionam importantes momentos para reflexão sobre nossa história e de nossa caminhada até os dias atuais.

Com objetivo de conhecer melhor as atividades realizadas por essas instituições, foram entrevistados mediadores e/ou monitores de quatro museus da região de Bauru e vizinhança, sendo eles: Museu Ferroviário Regional de Bauru, Museu Municipal de Jaú, Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado de Botucatu e Museu do Café de Piratininga.

Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos foram nomeados como: Monitor/Mediador 1, Monitor/Mediador 2, Monitor/Mediador 3 e Monitor/Mediador 4.

O Monitor/Mediador 1 é funcionário da prefeitura municipal de Bauru e atua como monitor no Museu Ferroviário Regional de Bauru. É graduado em História, possui especialização em História Cultural e participa de diversos cursos de formação na área de museologia. Está no museu há seis meses. O Monitor/Mediador 2 é graduado em História e possui especialização, mestrado e doutorado em arqueologia

e curso de extensão em musealização da arqueologia. Está no Museu de Jaú há três anos. O Monitor/Mediador 3 está cursando o terceiro ano do curso de licenciatura em História e está no museu há um ano e meio. O Monitor/Mediador 4 possui graduação em Biologia, especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos, Mestrado em Educação para Ciência no qual pesquisou o ensino de Ciência em museus de Ciência e atualmente está cursando doutorado. Atua no museu desde sua fundação em 2015.

Ao dar voz aos monitores e/ou mediadores dos museus a pesquisa visa o aprofundamento da questão referente ao ensino de História em museus por meio da análise das atividades pedagógicas realizadas pelas instituições museológicas e sua relação com as escolas que os visitam.

3.1.1 Museu Ferroviário Regional de Bauru

O Museu Ferroviário Regional de Bauru é uma das principais instituições de preservação da memória ferroviária do interior paulista por contar com o maior acervo ferroviário do Brasil e estar localizado no entroncamento das principais ferrovias do país: Companhia Paulista de Estrada de Ferro, Estrada de Ferro Sorocabana e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, empresas que foram fundamentais para o desenvolvimento da região.

Fica evidente a importância do museu para a preservação da memória e identidade da população que se desenvolveu por meio da ferrovia, não só da cidade de Bauru, mas também de toda região. Desta forma, o museu não é apenas uma instituição de guarda da memória local, mas um espaço rico para o uso pedagógico.

De acordo com o site oficial do museu disponibilizado em <<http://hotsite.bauru.sp.gov.br/museuferroviario/>>, a história do museu inicia-se com a publicação da Lei Municipal nº 1.445 em 11 de julho de 1969 que institui o museu como entidade da prefeitura municipal de Bauru com o nome de Museu Ferroviário de Bauru. Dada a importância da instituição, não apenas para a cidade de Bauru, mas para toda a região, o museu tem seu nome alterado para Museu Ferroviário Regional de Bauru por meio da Lei Municipal nº 2.731 no ano de 1986.

O Monitor/Mediador 1 recorda que na década de 1980 foi feito um acordo entre a Rede Ferroviária Federal e a FEPASA para que cedessem parte do acervo existente hoje no museu. Posteriormente ex-ferroviários aposentados e ativos, bem

como a população também doaram peças para a composição do acervo museológico por meio de um conselho deliberativo formado na época. O Monitor/Mediador 1 ainda nos fala que atualmente o museu possui um acervo composto por peças de maquinários ferroviários, mobiliários, indumentárias, pintura, fotografia, material etnográfico, documentos textuais e exemplares relacionados a atividade ferroviária.

Ainda segundo seu site institucional, após a estruturação do projeto museológico e arquitetônico o museu é fundado em, 26 de agosto de 1989, no antigo prédio administrativo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, tendo como principal objetivo “preservar e expor o material ferroviário das empresas Companhia Paulista-CP, Estrada de Ferro Sorocabana-EFS e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil-NOB, que atuaram na cidade”, que compartilhavam o prédio da Estação Central Ferroviária. O Monitor/Mediador 1 destaca que o museu nunca suspendeu suas atividades desde sua fundação.

O museu atualmente possui uma equipe formada por aproximadamente 15 profissionais, dos quais fazem parte: diretores, monitores, maquinistas, marceneiros, serralheiros, arquivistas e museóloga. A formação dessa equipe se dá devido às especificidades do local. Por se tratar de um museu ferroviário, conta em seu acervo o material rodante que necessita de profissionais específicos para o trabalho de conservação das peças. Esses profissionais também são importantes na preparação de materiais na elaboração de exposições e atividades realizadas pela instituição. O Monitor/Mediador 1 ressalta a importância desses profissionais para a instituição: “Quando a gente fala de museu as pessoas não imaginam a importância de ser ter, por exemplo, os marceneiros para poder confeccionar tudo isso.”

O museu é aberto a todos os públicos interessados pela questão ferroviária, sendo a maioria das visitas realizadas pelo público escolar, que compõe escolas e projetos sociais. O Monitor/Mediador 1 nos chama a atenção pelo fato de receberem um número razoável de visitantes de outros países.

Por receber um público variável (idosos, deficientes, crianças) o museu tem uma preocupação com a acessibilidade. No local foram adaptados diversos ambientes como banheiros, aumento da largura das portas para passagem de cadeiras de rodas, rampas de acesso e estuda novos projetos para que o local possa ficar mais acessível.

- O discurso do Museu

Em relação ao discurso transmitido pelo museu, o Monitor/Mediador 1 recorda que durante muito tempo as exposições seguia um perfil mais tradicional, centrado nas figuras dos diretores e superintendentes das estradas de ferro e que aos poucos foi sendo acrescentado a figura de novos personagens como os maquinistas, os trabalhadores das linhas de ferro e os povos indígenas. E acrescenta que a partir de 2014 com o objetivo de dar voz a todos os personagens envolvidos na história da ferrovia reelaboraram toda a exposição do museu.

Com isso, a exposição não é cronológica e linear. Ela pode ser iniciada a partir de qualquer setor do museu não sendo prejudicado o seu conteúdo. Para o Monitor/Mediador 1 isso é importante pois:

Cada público tem o seu modo de ver, cada pessoa traz seu conhecimento prévio, tem o seu tempo. Tem gente que não gosta de ler. Tem gente que gosta de ver figura. Tem gente que gosta de ver peça. Tem gente que adora um texto. Então é a tentativa de deixar que o público forme seu próprio percurso e desenvolva o seu, absorva o conhecimento da forma que achar melhor. Por isso evitar essa questão do caminho já trilhado para que o público trilhe seu próprio caminho ali dentro. (Monitor/Mediador 1, 2019)¹

Essa questão é importante na montagem de uma exposição. De acordo com o Monitor/Mediador 1 ao se pensar na realização de uma exposição há a preocupação inicial sobre o recorte temporal que se pretende expor e qual o discurso que se pretende transmitir ao visitante. Segundo o monitor, esse discurso não é um discurso pronto, mas pretende suscitar no visitante da exposição reflexões sobre o momento exposto.

Posteriormente, é realizado um estudo sobre as peças disponíveis no acervo técnico. Esse estudo visa compreender a funcionalidade de cada peça (Para que servia? Onde era utilizada? Qual o nome? Qual a relevância dela para a exposição?). Após a escolha das peças que irão compor a exposição é realizado o processo de preparação das mesmas, como a higienização por exemplo, e são expostas ao público. Todo esse cuidado também é refletido na elaboração das atividades pedagógicas.

¹ Com o objetivo de referendar o autor da fala ao final de cada citação é apresentado o autor da fala (Monitor/Mediador 1, Monitor/Mediador 2, Monitor/Mediador 3 e Monitor/mediador 4) e o ano em que foi realizada a entrevista. Salientamos que todos os monitores e mediadores pesquisados autorizaram o uso das respostas e por questão de preservação da identidade dos mesmos não foram anexados os termos de consentimento que possuem o nome dos entrevistados.

- Atividades pedagógicas

Ao que se refere à ação educativa, o site do museu nos fala que:

O setor educativo se propõe a desenvolver atividades lúdicas e dinâmicas com o público que frequenta o espaço do museu. Entendendo que um museu é um espaço informal de educação, são elaboradas ações pedagógicas voltadas à questão da atuação da ferrovia na cidade e educação patrimonial. (PROJETO MUSEU FERROVIÁRIO)

A esse respeito, o Monitor/Mediador 1 fala que o tempo de duração das visitas escolares varia muito e as atividades propostas leva em consideração o recorte temático, que pode ser solicitado pela escola, e o tempo disponível. Para tal, o museu possui material educativo composto por vídeos, material de pintura, desenhos, cruzadinhas e material informativo que são disponibilizados para as escolas.

No tocante as visitas escolares, o Monitor/Mediador 1 falou que cada turma escolar possui sua especificidade. E contou alguns casos ocorridos durante a realização das visitas, como por exemplo, já aconteceu de determinado professor levar a turma ao museu e abandonar o grupo, ir para outro lugar ou mesmo não acompanhar a monitoria. Professores apressados para fazer a visita, pois irão a algum outro lugar também é comum encontrar. Segundo o Monitor/Mediador 1 isso acontece pois “existe muito preconceito em relação a museus. As pessoas ainda tem a visão de que museus são espaços muito monótonos, muito chatos e às vezes se surpreendem.”

No entanto, já aconteceu de chegar uma turma com um tempo restrito e apressado e se encantarem com as peças, com a monitoria e se interessarem pela exposição completa. E a visita de turmas bem preparadas pelo professor, com atividades prévias, questão em que o monitor chama a atenção para a importância da realização de uma preparação prévia, por parte do professor, com o aluno.

O museu também realiza, em algumas datas específicas, atividades voltadas para a questão pedagógica, como por exemplo, no dia da criança são realizadas oficinas com diversas atividades e brincadeiras. Durante o ano todo são realizadas as monitorias ao acervo e buscam adequá-las de acordo com o público ali presente. Se é um público mais idoso a monitoria é feita de maneira com que o visitante fale mais, conte suas experiências e sua história. Se o público é infantil, o discurso é adequado para essa faixa etária e é passado o conteúdo por meio de histórias e curiosidades.

Atualmente o museu possui um projeto para a criação de um espaço específico para atividades pedagógicas. Será um vagão de trem preparado para tal fim com materiais de leitura, teatrinho, jogos, vídeos. Buscando assim, aperfeiçoar a questão pedagógica e desenvolver cada vez mais o potencial educativo do museu.

O Portfólio do Museu Ferroviário Regional de Bauru (2018, p. 6) destaca que “essas atividades estimulam a compreensão e a convivência com a diversidade. Em nossas mediações, há sempre a preocupação em apresentarmos a pluralidade de nossa história, com diferentes olhares e perspectivas.” Ou seja, há uma preocupação por parte dos profissionais do museu em não mostrar apenas uma visão da história, mas transmitir as diversas visões sobre a história.

Embora haja grande preocupação com as atividades pedagógicas, o museu não conta com um profissional de Pedagogia em sua equipe, ficando a área educativa sob responsabilidade dos profissionais licenciados em História. O Monitor/Mediador 1 ainda salienta que é muito importante a participação desse profissional, o pedagogo, ao preparar uma atividade educativa, pois traz um novo olhar para as atividades. Como alternativa para sanar a falta desse profissional, o museu propõe parcerias com esses profissionais.

A gente gosta muito de ouvir o pessoal de fora, né? Como trabalhamos aqui todos os dias, às vezes a gente fica com a visão já viciada e é importante. Às vezes vem um profissional de fora e ‘olha tem essa ideia’ e é por isso que sempre propomos essas parcerias. (Monitor/Mediador 1, 2019)

O museu ainda realiza diversos eventos durante o ano como encontros, palestras e visitas técnicas guiadas no centro histórico da cidade. Destaque para o evento Encontro de Ferroviários que reúne ferroviários aposentados, trabalhadores da estrada de ferro, crianças e o público em geral. Importante evento que mostra a importância da relação entre o museu e a comunidade. De acordo com o Monitor/Mediador 1 a maioria dos eventos são financiados com recursos próprios, mas que nos últimos anos estão realizando uma série de parcerias com empresas e associações locais que viabilizam a realização e aperfeiçoamento dos mesmos. E ressalta que essas parcerias são fundamentais para a realização dos eventos.

- A relação do museu com as novas tecnologias de informação e comunicação

Vivemos em um mundo conectado e essa nova realidade se apresenta como um novo desafio para os museus: se adequar para atender esse novo público que se

apresenta. Segundo o Monitor/Mediador 1 “a gente está sempre pensando em como adequar o espaço respeitando a história e ao mesmo tempo criando mecanismos para que essa história possa ser difundida em diversas plataformas.”

O monitor ainda chama atenção para o fato de que embora as novas tecnologias de informação e comunicação sejam importantes ferramentas para publicização da história, é necessário cuidado para que não se torne o único recurso do museu.

Temos que tomar cuidado para que não seja um museu [em que as tecnologias] sejam o único recurso. Temos que entender que em um museu as peças são as estrelas, os trabalhadores que aqui passaram são as estrelas. Então eles são o foco principal, o foco não pode ser o *tablet*, o foco não pode ser o simulador. Isso tudo pode e deve ser integrado sim, mas sempre levando a narrativa para o recorte histórico que a gente quer trabalhar. Então a estrela não pode ser a questão tecnológica, a gente toma muito cuidado com isso. (Monitor/Mediador 1, 2019)

Desta forma, o museu entende as novas tecnologias como sendo uma ferramenta para a divulgação do acervo e conteúdo do museu. Ela é entendida como um meio e não como um fim. O Monitor/Mediador 1 levantou a questão do uso das tecnologias para a preparação dos alunos para visita, no qual o professor pode entrar no site da instituição antes da visita e preparar atividades para os alunos. Prepará-los previamente para a visita demonstrando o conteúdo que será visto, o acervo, elaborar questionamentos e expectativas para a visita técnica.

Atualmente o museu passa por um processo de digitalização de seu acervo e publicização na internet. O projeto foi contemplado pelo edital de Preservação de Acervos Museológicos do Programa de Ação Cultural (ProAc) do governo do estado de São Paulo, podendo ser acessado por meio do site <<http://www.projeto-museu-ferroviario.com.br/>>.

Durante a entrevista o Monitor/Mediador 1 relatou que o projeto surgiu no ano de 2013 com o intuito da digitalização servir como uma ferramenta de preservação e difusão do acervo. Ele foi submetido ao ProAc no mesmo ano e ficou como projeto suplente. Com esse resultado, o projeto foi reformulado e submetido no ano de 2015 e novamente ficou como projeto suplente e numa terceira tentativa o projeto fora submetido no ano de 2016 e foi contemplado pelo programa.

O projeto consiste na compra de maquinários para a digitalização do acervo, materiais de conservação do arquivo, a digitalização dos documentos e divulgação

em site próprio. O projeto está em andamento e diversas atividades foram realizadas, como por exemplo a questão da preservação preventiva. O arquivo sofreu intervenções para que pudesse ser melhor conservado, com a troca das caixas de papelão pelas de Polipropileno corrugado. Outra ação importante foi a identificação do arquivo e a pesquisa e construção dos metadados, ou seja, as informações básicas de uma foto e/ou documento. Neste ponto o Monitor/Mediador 1 salientou que “não podemos nos esquecer de todo o trabalho realizado desde a criação do museu que possibilitou a sua existência até os dias atuais.”

Segundo o Monitor/Mediador 1 com a digitalização e divulgação dos materiais foi possível notar o aumento no número de visitantes do museu. Muitas pessoas entram primeiramente no site do projeto e ficam interessadas em conhecer pessoalmente o acervo. Além de fomentar a curiosidade do público, o site possibilitou maior interatividade com os visitantes que podem, por meio dele, enviar comentários, sugestões, enviar informações sobre algum documento ou foto. O site se tornou fonte de pesquisa para diversos pesquisadores que buscam informações sobre a história da ferrovia, da cidade de Bauru ou mesmo sobre a história do interior paulista.

- As dificuldades e perspectivas do Museu

Apesar de estarem buscando se aperfeiçoar sempre e adequar o museu as novas demandas, o museu enfrenta alguns desafios. O primeiro deles elencado pelo Monitor/Mediador 1 é o preconceito por parte da população em relação aos museus.

Em relação as dificuldades, romper as barreiras do preconceito em relação aos museus. Por exemplo: pego o Uber constantemente e eu sempre falo do museu para os ubers e a maioria fala ‘Nossa eu nasci aqui em Bauru, tenho 37 anos e não conheço o museu!’ E nós somos propagandas ambulantes do museu, porque a gente sabe da importância do trabalho realizado aqui e a importância para a história da cidade. Então por mais que seja divulgado, por mais que a gente avance para dentro desse mecanismo de rede social, rádio, televisão as pessoas ainda tem muito preconceito com os museus. (Monitor/Mediador 1, 2019)

Outro ponto elencado é o preconceito com a história local. Em sua fala o monitor recorda que as pessoas viajam para as grandes capitais e visitam os grandes museus, no entanto não conhecem o museu de sua cidade, o museu regional. E nos chama atenção para o fato de que se há várias universidades na cidade e região, inclusive com curso de graduação em História e os universitários não se interessam por visitar a instituição.

Ao ser questionado sobre o que poderia ser feito para melhorar a instituição caso tivesse maior apoio financeiro, o Monitor/Mediador 1 me respondeu que o “céu é o limite”, que muita coisa poderia ser feita e pontuou algumas ações mais emergenciais. Uma delas seria a acessibilidade. Embora o museu já tenha realizado obras para se tornar mais acessível, há outras obras que poderiam ser feitas para melhor receber seus visitantes.

Outro ponto elencado foi o reparo da estrutura predial. O museu está localizado em um prédio histórico e nessas edificações sempre há que se fazer reparos como a troca da fiação elétrica e partes do piso. Reparos que são de praxes em uma estrutura predial antiga.

O Museu Ferroviário Regional de Bauru, assim como outros museus municipais enfrentam diversas dificuldades e ficam dependendo de verbas públicas para poderem sobreviver e realizar suas atividades. Essas instituições propiciam um verdadeiro encontro entre a teoria da sala de aula e a história, mas sentem a falta de investimentos.

Outro exemplo da realização de um trabalho que se preocupa com a formação do cidadão e a relação entre os ambientes educativos é o Museu Municipal de Jaú que, entre suas atividades, conta com o projeto O museu vai à escola, no qual são realizadas atividades dentro das escolas em parceria com o museu.

3.1.2 Museu Municipal de Jahu

O Museu Municipal de Jaú “José Raphael Toscano” foi criado em 29 de agosto de 1975 na região em que era localizada a antiga chácara Dr. Lopes local em que residia o jauense Francisco Cláudio de Almeida Prado e sua esposa Lúcia Penteado de Almeida Prado com o nome de Museu Pedagógico Jorge Tibiriçá.

De acordo com o Monitor/Mediador 2, em 1984 o museu passou por diversas reformas e adaptações para que as instalações tivessem estrutura para abrigar o museu, pois o imóvel era uma casa, sendo reaberto apenas em 1987. No ano de 2010, por meio da lei municipal nº 2. 258/84 o museu tem seu nome alterado passando a se chamar Museu Municipal de Jaú “José Raphael Toscano”. (Monitor/Mediador 2, 2019)

A instituição abriga a Biblioteca Municipal e o Arquivo Histórico Municipal que ficam localizados nas dependências do museu, ficando assim sob sua

responsabilidade. O Arquivo Histórico Municipal abriga jornais, livros, periódicos, fotografias, negativos, mapas e plantas arquitetônicas. Sendo um centro regional de pesquisa.

Embora o museu abrigue em suas dependências a Biblioteca Municipal e o Arquivo Histórico Municipal o número de funcionários é pequeno. Segundo o Monitor/Mediador 2 os funcionários do museu são: o diretor, que auxilia na monitoria de grupos visitantes e mais duas funcionárias que possuem registro em carteira como serviços gerais e um estagiário recentemente contratado. Vale mencionar que apenas o diretor do museu possui curso de extensão em museologia. A Biblioteca Municipal conta com mais duas funcionárias e no Arquivo Histórico Municipal não há funcionário contratado para atuar nesse ambiente especificamente. Desta forma, os funcionários são remanejados entre os ambientes conforme as necessidades de cada momento. O monitor relatou que o museu recebe muita ajuda de voluntários que se dispõem a auxiliar realizando alguns serviços na instituição.

Em relação a acessibilidade, apesar de necessitar de algumas melhorias por se tratar de um prédio antigo, é acessível a todos os públicos. O imóvel possui rampas de acesso e está em projeto a construção de mais rampas de acesso. O museu possui uma cadeira de rodas disponível no local caso alguém necessite e uma das funcionárias fica à disposição para o atendimento as pessoas com algum tipo de deficiência.

O museu é classificado como museu de cidade, ou seja, seu acervo abriga materiais e objetos de diversos temas que contam a história do município de Jaú. O acervo inicialmente foi constituído por objetos cedidos pela prefeitura e pelo colégio de padres instalado no município, além de doações de moradores da cidade. A instituição possui uma exposição permanente que abriga objetos que contam a história do município de Jaú, peças arqueológicas e indígenas.

O acervo ainda conta com objetos que retratam a fé católica da população jauense, bem como objetos que ilustram o período do café, a escravidão de negros africanos, as ferrovias, a imigração europeia e a Revolução Constitucionalista de

1932. E peças que contam a história do Comandante João Ribeiro de Barros², tido como herói local, e parte da história política do município.

- O discurso do Museu

No que diz respeito ao discurso transmitido pelo museu, o Monitor/Mediador 2 diz que “enxerga o museu como uma instituição que ela tem que atender e representar a sociedade na qual ela está inserida, então a gente vê que ela é feita para o povo, ela é do povo e com o povo.” Historicamente foi dado destaque para a história elitizada, burguesa e o museu também seguia essa linha de pensamento, dando destaque para os grandes nomes da sociedade, os grandes feitos políticos. Atualmente a exposição continua dando importância para elite jauense, mas houve o acréscimo de outros segmentos da sociedade. Foi acrescentado objetos da história indígena, foi dado destaque para a figura da mulher, para a figura do negro, foi apresentado objetos de outras denominações religiosas. Nas palavras do Monitor/Mediador 2 “a gente quer de fato representar a sociedade não por um segmento, mas por todos.”

Este discurso é refletido na organização e preparação da exposição feita pelo museu. O Mediador/Monitor 2 nos diz que ao se preparar a exposição há a preocupação com a escolha dos objetos, o recorte temporal e temático e o discurso que se pretende transmitir. Em suas palavras, a organização de uma exposição:

Ela por si é muito trabalhosa. Desde a escolha de um tema, o que vamos expor? E essa escolha do tema pode estar relacionada a diversas coisas. Você está em uma cidade X, ela está relacionada a alguma festividade? A alguma data especial relacionada a essa cidade? Aniversário da cidade? Um herói da cidade? Um evento cultural da cidade? Ou uma coisa relacionada a história do Brasil? Ou qualquer que seja. Vai desde a escolha do tema. Aí depois você pensa o espaço. Pensar no acervo e como você vai dispor essas peças, esse material digital, essas intervenções. Vão ter intervenções artísticas, culturais, pessoas? É só uma exposição de fotografias? É só uma exposição de esculturas? Uma exposição histórica, artística? Você pensa em uma exposição só contemplativa, interativa. A problemática, a questão técnica, como eu vou fazer funcionar? Como eu vou fazer isso? Como eu vou expor essa peça de forma adequada para estar em contato com o público? Então tem uma série de problemáticas aí.” (Monitor/Mediador 2, 2019)

Desta forma, o museu possui uma exposição permanente, mas que não é estática. Periodicamente os objetos são dispostos em locais diferentes ou substituídos

²João Ribeiro de Barros nasceu em Jahú em 4 de abril de 1900 e era neto do capitão José Ribeiro de Camargo Barros, um dos fundadores da cidade. Foi comandante do hidroavião Jahu, com o qual cruzou o Oceano Atlântico em 1927, fazendo o percurso Gênova-Santo Amaro. Tinha como seus tripulantes o navegador Newton Braga, o co-piloto João Negrão e o mecânico Vasco Cinquini.

por outros, dependendo do recorte temporal e temático que se pretende dar à exposição. Também são recebidas exposições temporárias, para isso o museu possui um espaço específico para receber tais exposições. O Monitor/Mediador 2 relatou que além dessas exposições, o museu está entrando em contato com museus de outros municípios para criação de exposições regionais que possam circular pelas cidades da região para mostrar a história regional.

Todo o cuidado tomado em relação ao seu discurso e o preço pela preparação das exposições são refletidos nas atividades pedagógicas que são realizadas pela instituição museológica. Como dito pelo Monitor/Mediador 2 o museu é entendido como um órgão da, para e com a sociedade e os profissionais do museu buscam demonstrar isso nas exposições e atividades pedagógicas propostas pela instituição.

- Atividades pedagógicas

Entre as atividades do museu figuram visitas espontâneas da população e visitas monitoradas, atendimento a grupos escolares, estudantes universitários e pesquisadores. Além das oficinas realizadas pelo museu e por meio de parcerias. Um exemplo dessas oficinas é a Exposição Parente realizada em parceria com o coletivo Luminar que é composto por ilustradores da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Bauru (UNESP – Bauru) e palestras.

Além das atividades realizadas comumente pelo museu, a instituição faz diversos eventos durante o ano todo. A maioria dos eventos são possíveis por meio de parcerias que são feitas com empresas privadas da região e outras instituições como o SISEM (Sistema Estadual de Museus de São Paulo). Outro meio de arrecadação de verbas se dá por meio de leis federais de suporte as pesquisas de arqueologia. Exemplo disso é a portaria 230/2002 de 17 de dezembro de 2002 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a portaria 196/2016 de 23 de maio de 2016 do IPHAN que preveem que museus devem dar apoio adequado aos estudos de impactos ambientais que inclui a arqueologia que ocorrem por meio de licenciamento ambiental. Desta forma, uma porcentagem da verba dessas obras deve ser encaminhada para o museu que irá receber as peças. O Museu Municipal de Jaú oferece esse suporte e por esse motivo está amparado pela lei.

Em relação aos visitantes, grande parte do público que o museu recebe é espontâneo atendendo em média 30 pessoas diariamente durante a semana e

aumentando para uma média de 60 pessoas nos finais de semanas. O público escolar realiza visitas frequentemente e em menor número o museu recebe visitantes de municípios vizinhos, pessoas de outros estados e de outros países. Em relação aos visitantes estrangeiros o Monitor/Mediador 2 disse que em uma das ocasiões ele questionou um visitante o motivo de seu interesse em visitar o museu e o visitante respondeu que estava a passeio no município e gostaria de conhecer a história local. Com esse relato, o monitor chamou a atenção para o fato de nós, brasileiros, não frequentarmos museus, de termos uma cultura que não se interessa pelos museus. Segundo ele “as pessoas não fazem ideia do que é um museu, por isso não valorizam.”

Segundo o Monitor/Mediador 2 além das atividades citadas há também grupos de teatro, de capoeira, Hip Hop, grupos de músicas que utilizam o espaço do museu para realização de ensaios e eventos além de ser aberto à comunidade para realização de encontros e saraus. De acordo com o monitor essas atividades são importantes e só é possível realizá-las devido o espaço disponível no museu. Para ele, isso reflete na visão que eles têm sobre a função social do museu, em suas palavras “temos a ideologia de que o museu tem que servir a sociedade na qual ele está inserido. Que ele serve, ele é da, para ela e com ela.”

Corroborando com esse pensamento Bruno (2011, p. 31) nos diz que “os museus são, portanto, instituições do seu tempo, visíveis aos seus contemporâneos e sempre servindo a causas de sua época.” Assim sendo, o museu deve estar atento as necessidades e as mudanças ocorridas na sociedade para que possa atender satisfatoriamente seu público.

Para Cury (2011, p. 19) “aparentemente o público vai ao museu, mas de fato é o museu que, mais do que abrir as portas, sai de sua posição isolada e movimentar-se ao encontro da cultura, lugar em que a audiência - público e não-público – se faz existir.” Este argumento reforça a ideia de que o museu não é algo estático, sem movimento. Ele deve se atualizar, se reinventar no intuito de preservar a memória, mas também acompanhar as transformações da sociedade.

A esse respeito, Bloise (2011, p. 43) argumenta que “o museu abriga uma herança que pertence a todos, mas que é de fato conhecida e reconhecida como tal por poucos.” E acrescenta:

O museu não pode ser ‘apenas’ um espaço que abriga e preserva o patrimônio, a arte, os testemunhos da história, nossas memórias; ele deve ser um espaço cultural dinâmico, que possa atrair público numeroso e atender às expectativas de diferentes públicos, com diferentes graus de instrução, exercendo assim uma função social, educativa e de lazer cultural. (BLOISE, 2011, p. 43)

Diante dos argumentos apresentados, Bruno elenca quatro funções dos museus:

- a. Os museus servem para medir as relações entre a convicção sobre a transitoriedade humana e os desafios preservacionistas referentes às expressões culturais da humanidade consignadas em seus acervos e coleções;
- b. Os museus servem para produzir e difundir conhecimento novo sobre as diversas ciências e artes, mediante estudo, salvaguarda e comunicação de seus acervos e coleções;
- c. Os museus servem, ainda, para demonstrar que é necessário não perder de vista a capacidade operacional, interdependente e processual das ações técnicas e científicas desenvolvidas por diferentes ramos profissionais e, também, a necessidade de análise sobre as atividades curatoriais, quando se tem a responsabilidade pública pelo patrimônio coletivo;
- d. Os museus servem, sobretudo, para aliar as novas tecnologias à preservação patrimonial, os diferentes tempos de fruição à perspectiva do tempo pautado pela dinâmica da vida cotidiana ‘sem tempo’ e as distintas formas pedagógicas de educação dos sentidos à pedagogia da educação da memória. (BRUNO, 2011, p. 35-36)

No que tange as atividades pedagógicas, o museu, realiza visitas guiadas, que podem ser feitas por meio de um tema específico ou visita ao acervo completo. Antes de toda visita é feita uma palestra introdutória no intuito de preparar o aluno para a visita. De acordo com o Monitor/Mediador 2 essas visitas devem ser agendadas previamente. Sendo assim uma visita leva em média uma hora, uma hora e meia para que seja realizada, mas o Monitor/Mediador 2 ressalta que o tempo varia conforme a atividade que se pretende fazer.

Há uma preocupação em constituir um diálogo com as escolas para saber qual o conteúdo os alunos estão estudando em sala de aula para que a monitoria seja realizada da melhor forma possível. À exemplo disso, foi feito pelo museu a exposição Os primeiros habitantes de Jaú e como atividade complementar foi realizada uma simulação de uma mini escavação de um crânio com alunos do quarto ano por ser a questão indígena o tema estudado em sala de aula.

O museu realiza outra atividade permanente que é a Escavação Simulada, nesta atividade o aluno simula uma escavação arqueológica em busca de peças. Para essa atividade é preciso que a escola tenha no mínimo quatro horas disponíveis e é oferecido aos alunos todo o material de apoio como ferramentas e fichas para

anotação. Nesta atividade o aluno é ensinado como é realizado o trabalho do arqueólogo por meio de uma escavação que ele irá fazer em um ambiente preparado pela equipe do museu. Desta forma a atividade permite o trabalho interdisciplinar com a História, Matemática, Geometria e Geografia.

O museu possui o projeto intitulado O museu vai à escola. Nesse projeto são realizadas visitas nas escolas com o intuito de mostrar o trabalho feito pela instituição. Sendo assim, são elaboradas apresentações e atividades que são feitas com os alunos em suas escolas.

Segundo o Relatório Bienal de Atividades (2016-2017) outra atividade realizada é o Historiador Mirim. Nesta atividade os alunos são levados ao Arquivo Histórico Municipal que fica localizado nas dependências do museu e aprendem sobre o processo de pesquisa em documentos antigos e elaboração de textos científicos, bem como o protocolo de manipulação de documentos com uso de máscaras e luvas.

O Monitor/Mediador 2 chama a atenção para a importância da participação dos professores nessas atividades. Ao visitar o museu, o professor precisa participar juntamente com seu aluno. Segundo o Monitor “a atividade no museu é uma atividade extra, educativa na qual o professor tem que fazer parte.” Essa parceria vai desde o diálogo com os profissionais do museu até o momento da visita em si.

De acordo com o relatório bienal de atividades (anos 2016 e 2017) entre as partes que mais chamam a atenção de seus visitantes, estão todo o acervo e a sala de animais empalhados, seguidos da exposição do Comandante João Ribeiro de Barros, a exposição sobre o time de futebol XV de Jaú e a história do café, do perfume e indígena.

Embora o museu realize diversas atividades pedagógicas, a instituição não possui um profissional da educação, como o pedagogo. As questões pedagógicas ficam sob responsabilidade do diretor do museu que possui Licenciatura em História e reveza seus afazeres entre a parte administrativa da instituição e as monitorias de grupos.

Para o Monitor/Mediador 2 seria muito importante a contratação de um profissional da educação. Em suas palavras seriam várias as contribuições de um profissional da educação no museu:

Primeiro, no caso existe uma sorte eu ser professor, mas muitas vezes o diretor de museu não é professor. Ele pode ser um historiador, pode ser um museólogo que entende da área de pesquisa, mas, às vezes, ele não é um educador, ele não sabe se comunicar. Você precisa ter abordagens diferentes e isso quem não tem costume, quem não lida com educação não sabe fazer. Então você vai pôr um doutor, às vezes, em História, um acadêmico que escreveu diversos artigos, mas não sabe passar o conhecimento, não tem a didática de passar o conhecimento. Essa é a importância. Às vezes, um pedagogo não é historiador, mas tem a didática de passar o conteúdo que está lá no museu para o público. Outra, que é pra valorizar o educador e outra, que é pra não acumular [trabalho] no caso o diretor.” (Monitor/Mediador 2, 2019)

Além das atividades pedagógicas o museu possui um grupo de estudos intitulado Grupo de Estudos Históricos e Arqueológicos de Jaú, tendo como membros em sua maioria pessoas ligadas a área da História. O grupo surgiu pelo fato de acreditarem que a instituição museológica além de ser um braço da educação ela também é um local de pesquisa. Desta forma, foram reunidas diversas pessoas que possuem afinidade com o tema e criaram o grupo de estudos.

Por meio do grupo de estudos foram feitas diversas intervenções no museu. A primeira delas foi a produção de uma linha do tempo que conta a história da cidade. Ela foi feita de maneira colaborativa com a participação de 16 pessoas. A segunda ação foi a identificação dos sítios arqueológicos da região e a terceira foi o projeto aprovado pelo ProAc que consistia na reforma da sala indígena e a produção de um livro contando a história dos primeiros habitantes de Jaú: os indígenas.

Alguns outros passos estão em andamento como a continuação do levantamento e identificação dos sítios arqueológicos da região, a produção de um novo projeto que será submetido ao ProAc para a reforma do arquivo municipal e a criação de uma associação do museu.

- A relação do museu com as novas tecnologias de informação e comunicação

Hoje as novas tecnologias de informação e comunicação se apresentam como uma nova realidade para a toda a sociedade e como um grande desafio para as instituições museológicas. Na tentativa de se adequar a essa nova realidade o museu está buscando se inserir nas redes sociais. Assim, a instituição possui uma página oficial no *Facebook* e um projeto para criação de um perfil da instituição no *Instagram*.

Visando uma maior interatividade com as novas tecnologias o museu está elaborando um projeto que visa a digitalização de seu arquivo e a divulgação na *internet*. Outro projeto que está em fase de negociação é a inserção da tecnologia de

QRcode nas exposições do museu visando maior comodidade aos visitantes que poderão ter informações das peças por meio do aparelho celular.

- As dificuldades e perspectivas do museu

Embora o museu esteja realizando várias atividades, há grandes desafios que necessitam ser enfrentados, entre eles, destaca o Monitor/Mediador 2, a manutenção e restauro não apenas do prédio, mas também das peças. Por ser um prédio antigo da década de 1950 e estar localizado no espaço de uma chácara, a manutenção do ambiente e igualmente de suas peças é um grande desafio e isso se soma a falta de profissionais, pois o museu possui apenas três funcionários e um estagiário.

Foi questionado ao Monitor/Mediador 2 o que poderia ser feito para melhorar o museu se houvesse maior apoio financeiro e o mesmo destacou que seria a contratação de mais funcionários atendendo a área educativa, para a área da manutenção, para a reserva técnica, para o arquivo, para serviços gerais. E as reformas prediais que ainda necessitam ser feitas.

Diante das atividades apresentadas pelo museu, fica evidente que a instituição proporciona momentos em que o visitante interage com a exposição, não sendo apenas um personagem passivo, mas ativo no seu processo de construção do conhecimento. Essa mesma interação é buscada pelo Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado de Botucatu que realiza diversas atividades.

3.1.3 Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado – Botucatu

Datada de 1885, a Fazenda Lageado de Botucatu fez parte de um importante momento de desenvolvimento do país: a era do café. A fazenda foi uma das maiores produtoras de café para exportação do estado de São Paulo com uso de maquinários com tecnologia hidráulica para o beneficiamento dos grãos.

Com a grande crise econômica de 1929 ocorrida pela queda da bolsa de valores de Nova York, a fazenda ficou endividada e como forma de sanar as dívidas adquiridas passa para o controle do governo Federal em 1934, tornando-se uma Estação Experimental Federal.

Em 1972, por meio de decreto federal, a cessão de uso da fazenda como unidade de Ensino Superior passa para o governo do estado de São Paulo, sendo implantados no local os cursos de Agronomia e Medicina veterinária. Posteriormente, com a instalação das faculdades de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu e juntamente com Institutos Isolados de Ensino do Estado foi formada a UNESP em 1976.

Segundo o Monitor/Mediador 3 o Museu do Café de Botucatu iniciou suas atividades em 2006 com apenas três salas e posteriormente foram ampliadas suas instalações. O Museu do Café está localizado na antiga casa grande da fazenda e é, segundo seu site institucional, o local mais visitado da cidade. Para a ampliação de seu núcleo histórico e preservação, a fazenda conta com parcerias com a rede hoteleira, restaurantes, bares e cafés e lanchonetes.

O acervo do museu conta com peças doadas por antigos moradores da fazenda e por pessoas que moram na região. O museu ainda recebe peças emprestadas. O Monitor/Mediador 3 falou da sala de arqueologia que o museu possui em que as peças que a compõe são por meio de parceria, o museu cede o espaço e a empresa responsável cede as peças e paga pelo espaço. Com isso, busca-se contar a história do café, a questão da imigração e a estação experimental. O museu atende um público diversificado com visitantes de diversas idades vindos da região de Botucatu, outras regiões do país e visitantes de outros países

Com isso, o museu busca ser acessível para todas as pessoas (idosos, deficientes, crianças), no entanto, encontra diversas dificuldades, pois pelo fato do prédio ser antigo possui diversas escadas e ambientes rústicos que foram pensados na época para o beneficiamento do café.

- O discurso do museu

No que diz respeito ao discurso do museu, o Monitor/Mediador 3 relata que o museu possuía um discurso bem tradicional da história, dando ênfase a elite cafeeira da época e atualmente estão buscando modificar o discurso, dando visão a outros personagens da história. “A princípio ele foi uma ideia bem positivista da história, só que agora ele está começando a se desconstruir, tanto pelos nossos estudos que a gente estuda e pesquisa. Estamos tentando mudar um pouco da ideia positivista da história.” (Monitor/Mediador 3) Desta forma, os monitores buscam dar maior

visibilidade a todos os personagens da história não se restringindo apenas a elite cafeeira por meio de novos estudos e pesquisas e elaboração de um novo discurso transmitido aos visitantes.

- Atividades pedagógicas

As atividades pedagógicas ficam por conta das visitas monitoradas realizadas pelo museu. O museu possuía quatro roteiros diferentes com o intuito de atender as necessidades de seu público. Sendo eles: Roteiro básico, Roteiro intermediário I, Roteiro intermediário II e o roteiro completo.

O Roteiro básico que tinha duração de uma hora e destinava-se aos grupos de pessoas da terceira idade, as pessoas deficientes ou com alguma limitação tanto de percurso como de tempo. Ao participar desse percurso o visitante conhecia o terceiro nível do terreiro e a Casa Grande, local que está abrigado o museu do café, e recebia informações referentes ao funcionamento da usina de café, bem como de peças, equipamentos e documentos preservados.

No Roteiro intermediário I, que tinha duração de uma hora e meia, o visitante conhecia os três níveis do terreiro fazendo um percurso que vai desde o início do processamento dos grãos até a tulha e conhece o Museu do Café. Este percurso era destinado as pessoas que possam caminhar e subir escadarias e eram dadas informações de todo o processamento do café.

Com o mínimo de duas horas, o Roteiro intermediário II destinava-se às pessoas que não possuíam nenhuma restrição para caminhar. Nele o visitante conhecia os três níveis do terreiro, o interior do moinho e da serraria e o Museu do Café. E recebia informações básicas sobre o período retratado e o funcionamento da fazenda.

Por fim, o Roteiro completo, que tinha duração mínima de duas horas e meia, o visitante conhecia, além dos lugares descritos nos roteiros anteriores, a estação ferroviária, portaria das palmeiras imperiais, campo de futebol, os tanques de separação de água utilizada na geração de energia e o entorno da Casa Grande composto pelo Paiol, alamedas e jardins. Durante a visita eram passadas informações sobre o período retratado e detalhes sobre os locais visitados.

No entanto, o museu não realiza mais esses roteiros. Devido à falta de verba não foi possível manter a manutenção e restauro de partes da fazenda, tornando-se assim ambientes propícios para acidentes. Sendo assim, os ambientes estão fechados e a visita guiada limita-se a monitoria da parte interior do museu que conta, por meio das peças expostas, a história da fazenda e desenvolvimento da região a partir do café.

Ao ser questionado sobre a realização das monitorias, foi relatado que o museu busca dialogar com as escolas no intuito de atrelar o discurso da exposição com os conteúdos de sala de aula. Sendo assim, inicialmente é realizada uma palestra introdutória com o objetivo de introduzir o visitante ao tema e posteriormente realizada a monitoria propriamente dita.

O visitante também pode se autoguiar pelos espaços do museu. Na entrada de cada ambiente é disponibilizada uma ficha com informações sobre o local e objetos dispostos pelo espaço. Assim, o visitante não fica limitado as monitorias para conhecer determinado ambiente ou peça.

Durante a entrevista, o Monitor/Mediador 3 ressaltou a importância do professor durante a realização da visita técnica e relatou um episódio que, segundo o Monitor/Mediador 3 diz acontecer frequentemente:

Às vezes entramos na guia com o professor e o professor quer fazer o seu trabalho. Então, por exemplo, você está explicando e o professor te interrompe para explicar o que é o teu trabalho explicar. Eu já, infelizmente, briguei com uma professora. Eu estava explicando, tinha cinco alunos prestando atenção em mim e o resto a professora estava explicando outra coisa e o resto prestando atenção nela. E é muito chato isso. Eu dei uma chamada de atenção nela na frente de todo mundo e ela ficou muito brava comigo. (Monitor/Mediador 3)

Essa é uma situação enfrentada por todos os museus visitados durante a pesquisa. O professor que muitas vezes não compreende a importância e as potencialidades das visitas técnicas e acabam, muitas vezes, desvalorizando o trabalho do monitor. Casos como abandono da turma, não acompanhamento da monitoria, conversas aleatórias foram comentadas por todos os monitores e mediadores entrevistados. “O professor, ele é o espelho, se o professor está conversando no meio da guia, está explicando outra coisa, assuntos aleatórios, os alunos vão perceber isso e vão começar a fazer.” (Monitor/Mediador 3)

O museu não possui profissionais da educação como o pedagogo. As monitorias ficam sob responsabilidades de duas alunas do terceiro ano do curso de Licenciatura em História no período da manhã e no período da tarde são realizadas com alunos do Ensino Médio que participam do programa Jovem Aprendiz que visa a inserção do jovem no primeiro emprego.

O setor educativo, por não haver profissional da educação, fica sob responsabilidade da coordenadora do museu que é professora do curso de Agronomia e das estudantes do curso de História, que buscam a inserção de práticas pedagógicas aprendidas nas disciplinas pedagógicas do curso de graduação.

- A relação do museu com as novas tecnologias de informação e comunicação

Em relação às novas tecnologias, o Monitor/Mediador 3 conta que estão utilizando a pouco tempo com a criação de um perfil oficial no *Facebook* e um no *Instagram* com postagens de fotos e dados referentes ao museu e seu funcionamento. O monitor ressalta que, embora faça pouco tempo que estão utilizando as novas tecnologias, é possível perceber maior número de visitantes e acessos das pessoas nas redes sociais.

- As dificuldades e perspectivas do museu

Entre as maiores dificuldades enfrentadas pelo museu, o Monitor/Mediador 3 cita o trato com as pessoas que, muitas vezes, desrespeitam o trabalho do monitor e mesmo regras do próprio museu como o horário de funcionamento, por exemplo. O monitor diz que percebe que pelo fato de o museu ser um setor público muitas pessoas “sentem-se em casa” e fazem o que querem, desrespeitando as regras da instituição.

Outro problema elencado é a falta de verba para o restauro de prédios que fazem parte da área histórica do museu que atualmente estão fechados para a visitação. Segundo o monitor, a Unesp realiza pequenos reparos como a instalação de tomadas, troca de lâmpadas, mas não possui verba para o restauro de um prédio, por exemplo. A restauração da parte histórica seria a primeira ação do museu caso tivesse maior apoio financeiro das instituições.

A temática do café e desenvolvimento de nossa região também é tratado pelo Museu do Café de Piratininga que possui uma especificidade, o Museu do Café de

Piratininga é privado e por essa questão possui uma realidade diferente das apresentadas até o momento.

3.1.4 Museu do Café de Piratininga

O Museu do Café de Piratininga surgiu em 2015 e está localizado na antiga Fazenda São João, propriedade datada do século XX sendo uma das maiores produtoras de café da região no período. A fazenda possui prédios antigos que retratam o período do café que são percorridos durante as visitas.

Segundo o Monitor/Mediador 4 com o objetivo de preservar a história da região, um grupo de profissionais composto por biólogos, historiadores, pedagogos, inclusive o próprio Monitor/Mediador 4, começaram a conversar sobre a criação de um museu no município de Piratininga. Inicialmente esse museu seria feito na sede da Fazenda São Pedro, antiga Fazenda Veado. Houve um longo período de negociações durante os anos de 2013 e 2014, mas o projeto não foi viabilizado.

Com isso, passaram a pensar em montar o museu na Fazenda São João, local importante para nossa história local, por se tratar de uma fazenda que movimentou a economia da região no auge do café. Desta forma, conta o Monitor/Mediador 4, buscou-se inspirações em outros grandes museus como o Museu do Café de Santos, a Bolsa de Valores de Santos e também maior autonomia por se tratar de um museu privado, não enfrentando “as intempéries do setor público.”

De acordo com o Monitor/Mediador 4 o museu busca “criar, ter e pensar um espaço com uma racionalidade interdisciplinar. Então, é recontar a história do espaço a partir de diversas opiniões, visões, representações destes profissionais.” Em vista disso, o museu conta com uma equipe multidisciplinar, sendo composta por profissionais da agricultura familiar, biólogos, pedagogos, jornalistas, geógrafos e profissionais da área de Antropologia.

- O discurso do Museu

Essa formação multidisciplinar influencia no discurso transmitido pelo museu. Nas palavras do Monitor/Mediador 4, o museu é “híbrido” para ele:

Não é só um museu temático com um perfil histórico. Então a gente não poderia dizer que a gente é um típico museu histórico e sim um museu de ciências. E aí essa racionalidade interdisciplinar, então, botar em discussão, conversar com vários profissionais de diversas áreas e retratar esse espaço a partir dessas diversas representações do mundo e do conhecimento

humano. Então ‘botar’ em diálogo um geólogo, um biólogo, um pedagogo, historiadores para retratar esse espaço que seria esse museu a céu aberto ou ecomuseu que a gente vem chamando é falar, por exemplo, do processo histórico a partir desses vários pontos de vista. Da mudança da paisagem promovido pela ocupação para o plantio do café, todas as estruturas e apropria história, o contexto histórico aí sim com olhar mais voltado para a história, história do Brasil, história da nossa região e até mesmo como se deu as intervenções no ambiente natural. (Monitor/Mediador 4, 2019)

E acrescenta que esse pensamento está concatenado com a missão da instituição que é “olhar criticamente para o passado, pensar e agir por um futuro mais sustentável e humano. Não é um discurso de memorialismo, não é um discurso saudosista, eu acho que é um discurso de pensar criticamente o mundo.” (Monitor/Mediador 4, 2019)

Esse discurso é refletido em seu acervo. Todo o acervo exposto é do próprio museu e está sendo enriquecido com pesquisas que são realizadas no local. Além do acervo já existente no local, está sendo construído um minimuseu de História Natural com alguns animais taxidermizados e o recebimento de doação de peças por parte da população. Para o Monitor/Mediador 4:

Isso está começando, essa cultura de enriquecimento do acervo agora, primeiro foi um olhar para o que a gente tinha, de fato, em termos de estrutura arquitetônica, implementos, história natural e patrimônio natural e agora a gente está começando olhar pro acervo com mais carinho, tanto em preservação do que temos, quanto receber e prospectar coisas novas. (Monitor/Mediador 4, 2019)

Todo esse acervo está disposto nos ambientes da fazenda. A exposição histórica está localizada no prédio da tulha. Neste ambiente é possível encontrar uma antiga máquina de beneficiamento de café feita de Peroba Rosa e enriquecido com outras ferramentas agrícolas dispostas no ambiente. No local também são encontrados banners com diversas informações sobre o café e o processo de imigração ocorrido na região.

No que diz respeito ao público atendido pelo museu, o Monitor/Mediador 4 relatou que existe dois públicos que mais frequentam o museu: o escolar, com visita de escolas de ensino fundamental e médio da região e cursos universitários e de formação continuada de professores e o público espontâneo, este composto por famílias (pais, mães, avós e filhos) com crianças com idades de até 12 anos. Outros públicos também frequentam o museu de uma maneira mais esporádica quando é realizado algum evento específico.

Por ser um museu a céu aberto o trabalho de manutenção se diferencia dos demais museus localizados em região urbana. O museu do Café de Piratininga realiza diversas atividades a céu aberto como as trilhas ecológicas e isso exige um cuidado especial. Diante disso há uma preocupação com os cuidados de jardinagem, manutenção da sinalização dos trechos de trilha, trabalho de melhoria das trilhas, limpeza dos ambientes e uma preocupação especial com animais que são comuns em um ambiente rural como, por exemplo, as abelhas.

Outro ponto que nos chama a atenção é a acessibilidade. O museu está localizado em uma fazenda e possui diversos ambientes rústicos como a tulha, o terreirão e que não foram pensados, construídos para a acessibilidade, mas sim como um local de trabalho para o armazenamento e beneficiamento do café. Desta forma, de acordo com o Monitor/Mediador 4, o trabalho de acessibilidade está em processo. Hoje o museu possui banheiros adaptados, obras de instalação de rampas de acesso e barras de segurança. O museu também possui uma pedagoga com especialização em Educação Especial que auxilia no atendimento a esse público.

- Atividades pedagógicas

Devida sua preocupação com a questão pedagógica, o Museu do Café de Piratininga foi objeto de pesquisa de Guilherme do Amaral Carneiro que, em 2016 pesquisou, durante a realização de seu curso de mestrado, a importância da relação museu-escola. Investigando assim, as atividades educacionais realizadas pela equipe do museu e discutidas em sua dissertação intitulada A interação museu-escola sob o referencial teórico metodológico das ilhas interdisciplinares de racionalidades. Estudo que corroborou com minha pesquisa ao buscar descrever as atividades pedagógicas da instituição.

Entre as atividades desenvolvidas pelo museu encontram-se, as visitas monitoras, exposições, trilhas ecológicas e material audiovisual. Realiza-se assim, um trabalho interdisciplinar relacionando a História, Geografia, Biologia, Agronomia e Artes. Atua em dois eixos: o histórico e o ambiental e trata de temas como história e cultura brasileira, biodiversidade, água e alimentação. (CARNEIRO, 2016)

Para a realização das visitas, pensando em escolas, o Monitor/Mediador 4 diz que o ideal seria ter disponibilidade para duas horas e meia a três horas, pois seria

possível realizar o roteiro básico da visita (roteiro histórico, lanche e trilha). Em uma visita com um tempo de duração menor é feito o roteiro histórico ou a trilha ecológica.

A exposição não segue uma linearidade. Embora tenha banners informativos com certa linearidade, o que vai ditar o tom da exposição, da visita é a monitoria que é adaptada conforme o recorte temático solicitado pela escola, a faixa etária de quem está visitando o museu e o tempo disponível pela escola.

Assim, as monitorias e atividades realizadas são adaptadas ao conteúdo que os alunos estão estudando em sala de aula. O Monitor/Mediador 4 chama a atenção para o fato da importância da preparação da turma, por parte do professor. O museu, segundo o Monitor/Mediador 4 prioriza essa interlocução com o professor que irá trazer sua turma ao museu. Ele acredita que isso é importante pelo fato de o museu não ser apenas um local de recreação, mas um lugar de aprendizagem. Assim, durante todo o percurso é possível encontrar *banners* e placas com o conteúdo histórico, fotos do período retratado e implementos agrícolas antigos. Por se tratar de um espaço aberto é possível realizar diversas atividades lúdicas para as crianças, nas quais duas se destacam: a contação de histórias e o projeto “Fazendinha”.

A contação de histórias é realizada no porão da sede da fazenda, ambiente que foi adaptado para receber os visitantes, no qual um personagem que retrata o antigo homem do campo conta histórias e “causos” para as crianças que participam da visita. A segunda atividade, que foi chamada de Fazendinha, possibilita que as crianças entrem em contato com animais (vacas, leitões, galinhas e patos) e passem pela horta orgânica e o viveiro de plantas. Esse roteiro tem por objetivo central “reaproximar as pessoas dos alimentos que consomem e das diversas formas de produção dos alimentos.” (CARNEIRO, 2016, p. 65).

Além das atividades citadas acima, por se tratar de uma área de proteção ambiental devida sua localização e fazer parte de uma importante formação geológica (uma crista de morros que atinge quase 900 metros de altitude) que é responsável pela divisão das águas que vertem para o Rio Batalha e para o Rio Turvo, são possíveis realizar trilhas ecológicas. As trilhas são monitoradas e “exploram temas relacionados à questão da água e da biodiversidade no contexto retratado.” (CARNEIRO, 2016, p. 65). Busca-se desta maneira concatenar o que o aluno está aprendendo em sala de aula com o que está sendo visto durante a trilha. Como

exemplo, o Monitor/Mediador 4 relatou uma atividade que integrava o conteúdo de geografia do sexto ano do ensino fundamental, no qual os alunos, utilizando-se de uma rosa dos ventos tinha como missão encontrar a entrada de uma trilha

Para a elaboração e planejamento destas atividades, o museu conta com uma pedagoga. O Monitor/Mediador 4 ressalta a importância desse profissional de educação para a realização das atividades educativas. Para ele:

É o profissional de educação que irá fazer uma análise crítica, na minha opinião, do processo de mediação. A gente entende que o processo de mediação aqui a gente prioriza que ele seja mais dialógico possível e menos escolarizado, menos expositivo, menos de cima para baixo, menos hierárquico, quebrando um pouco dessa cultura escolar. A escola também precisa quebrar essa estrutura, menos disciplinar e mais dialogada e dialógico. (Monitor/mediador 4, 2019)

Com essa preocupação na mediação, o museu do café realiza anualmente o Encontro de Monitores que tem por principal objetivo alinhar a proposta pedagógica do museu e a formação dos monitores para que possam fazer as monitorias da melhor forma possível.

O museu ainda realiza diversos eventos durante o ano como, por exemplo: A Astronomia com caldinho. Sendo realizados com financiamento próprio. Segundo o Monitor/Mediador 4 os próprios eventos se custeiam, não havendo assim grandes dificuldades na realização dos mesmos. Para o Monitor/Mediador 4 isso é possível pelo fato de terem grande apoio dos educadores da região que visitam e divulgam a instituição. Isso se dá, nas palavras do monitor:

Porque o trabalho é sério. A gente não tem um perfil recreativo. Não é um museu, vamos dizer assim, um parque, um parque de brincadeiras ou de passeio. Então a gente tem necessariamente nossas atividades tem uma intencionalidade educativa. (Monitor/Mediador 4, 2019)

- A relação do museu com as novas tecnologias de informação e comunicação

Estamos em um mundo digitalizado no qual todos estão conectados com alguma rede e os museus precisam se adequar a essa nova realidade. Ao indagar o Monitor/Mediador 4 sobre a relação entre o museu e as novas tecnologias de informação e comunicação o mesmo falou que:

É um desafio constante, querendo ou não nós gestores não somos da geração atual de tecnologia da informação. A gente é muito preocupado. A gente tem uma atuação forte nas mídias, nas redes sociais. A nossa divulgação, em termos de roteiros, atividades etc. se dá tudo pelas redes sociais e mídias de informação e comunicação, seja *Facebook*, *Instagram*, site. Acabamos de refazer nosso site com mais interatividade, tudo mais e

toda nossa divulgação se dá por meio dessas redes de comunicação e informação. (Monitor/Mediador 4, 2019)

Inclusive por meio do site do museu é possível encontrar materiais didáticos com diversos temas que o professor pode trabalhar com os alunos em sala de aula.

Embora as novas tecnologias de informação e comunicação sejam importantes, o Monitor/Mediador 4 ressalta que o museu é um local “para se desligar um pouco e se reconectar com a natureza, com o espaço natural e acho que as pessoas conseguem isso quando chegam aqui.”

- As dificuldades e perspectivas do museu

Em relação as principais dificuldades enfrentadas pelo museu, o Monitor/Mediador 4 elencou a infraestrutura e a manutenção. Segundo ele, isso acaba sendo um dos grandes desafios do museu pelo tamanho de sua área, o museu possui oito alqueires e pelo fato de ser tudo com recursos próprios, não tendo nenhuma ajuda econômica de outros setores. Outro desafio enfrentado é a questão de recursos humanos, embora tenha um número de monitores fixos há grande rotatividade de funcionários.

Foi questionado também o que poderia ser feito caso tivesse maior apoio financeiro para o museu e o Monitor/Mediador 4 elencou como principal sonho maior apoio do poder público para que o museu pudesse ser mais acessível as pessoas carentes e conseguisse atender as escolas públicas que não possuem verbas para levar seus alunos.

Outro ponto levantado foi a construção de uma estrutura para realização de esportes radicais e educação como, por exemplo, arvorismo. Novos roteiros para visitas e criação de visitas autoguiadas utilizando *QRcode*, onde o visitante ao passar por uma peça teria informações no aparelho celular.

Os museus de nossa região, como apresentado acima, são ricos em seus conteúdos e nos permitem ensinar História de uma maneira diferente, conciliando os dois ambientes educativos, formal e não-formal. Sendo eles classificados como pedagógicos e/ou históricos, eles objetivam transmitir a história do município e da região em que estão inseridos por meio de seu acervo e das exposições elaboradas. Durante a realização das entrevistas e em visitas aos museus apresentados foi notório

a preocupação, por parte dos profissionais das instituições, com a montagem das exposições e do discurso que se pretende passar por meio das peças expostas.

No entanto, mesmo com uma preocupação necessária para a montagem das exposições, cabe aqui uma reflexão. Ao se elaborar uma exposição, ao selecionar as peças, escolher o local e a posição em que as mesmas serão expostas cria-se um discurso. Segundo Valéria Alencar:

Não mostrar é uma escolha. Se pensarmos numa situação particular, por exemplo, quando um sujeito narra um acontecimento, ele escolhe suas palavras, dependendo para quem narra, ele pode omitir certos detalhes. Uma narrativa visual de um grande museu também. O que está exposto e o que não? Melhor ainda, quem decidiu o que expor e o que não? (ALENCAR, 2015, 68)

Esse novo discurso criado pode dar maior visibilidade as personagens que durante décadas foram esquecidos pelos museus. Nesse sentido fica evidente a busca dos museus visitados pela ampliação do discurso. Durante os questionamentos referentes aos discursos dos museus a preocupação em dar maior visibilidade a mulher, a questão do negro, das minorias estavam sempre presentes nas respostas, ou seja, os museus estão trabalhando na busca de um novo discurso na tentativa de contemplar outros setores da sociedade.

Embora os museus trabalhem no sentido de mudar seus *layouts*, trazendo maior interatividade com os visitantes, modificando a maneira como as peças são expostas, é latente o modelo tradicional com certa linearidade da exposição e destaque de algumas figuras e fatos do passado. Ouso levantar alguns motivos para que isso ocorra partindo de minhas experiências pessoais. O primeiro motivo seria a questão cultural, as pessoas já tem em mente o que é um museu, elas criam expectativas do que será visto durante a visita e isso inclui alguns pontos como a linha do tempo, a exposição ser linear e o destaque para algum personagem central. Desta forma, quando estas expectativas não são atendidas é perceptível certo descontentamento do visitante.

O segundo motivo é que grandes mudanças necessitam de um maior espaço de tempo para acontecerem. Neste sentido, os museus visitados na realização da pesquisa utilizam como estratégia a inserção de peças que dão visibilidade a personagens esquecidos pela história. A exemplo disso cito uma exposição temporária no Museu Municipal de Jaú na qual se deu destaque as religiões Afro-brasileiras.

Em meio a esses detalhes, cabe ao visitante questionar a exposição, questionar as peças expostas, buscar sua origem, sua importância, sua funcionalidade e refletir na busca da construção de um conhecimento. Mas o que comumente vemos são visitantes que passam apressados pelas peças sem a questionarem ou apenas tiram uma foto para postarem nas redes sociais. A esse respeito, Alencar nos fala que:

Na maioria das vezes, são apenas fotos para dizer que estavam ali, com os amigos, com a turma da escola, que conheceram o museu, que viram este ou aquele objeto ou obra. Ousaria arriscar que muitas poses, caretas, gestos e reações, que o público faz ao fotografar a si próprio nessas ocasiões, podem ser entendidas como uma primeira leitura da obra ou uma leitura possível. (ALENCAR, 2015, p. 66)

Não há, nesses casos uma reflexão sobre as peças e seus autores. Isso ocorre, na maioria das vezes, em grandes museus, com peças de autores renomados. As pessoas vão, visitam o museu, veem as peças, mas não refletem sobre sua importância.

Esse fato nos chama atenção para outro ponto levantado pelos profissionais entrevistados: o preconceito em relação a museus e especialmente por museus pequenos, da cidade ou regionais. Essa observação levantada pelos monitores 1 e 2 nos faz refletir sobre o preconceito enfrentado pelos museus.

Muitas pessoas de nossa sociedade não enxergam o potencial de um museu na salvaguarda de nossa memória e cultura. Acreditam que uma visita técnica a museus é uma atividade chata, relegada “a meia dúzia de intelectuais de feição sisuda e óculos com lentes grossas.” Utilizando as palavras de Pinsky (2013, p. 69).

Em seu relato o Monitor/Mediador 1 nos diz que questiona as pessoas se conhecem o museu de sua cidade e, na maioria das vezes, as pessoas não o conhecem. E, ressalta que as pessoas vão conhecer grandes museus nas capitais, mas não conhecem o museu de sua própria cidade. Esse ponto também é levantado pelo Monitor/Mediador 2 que relatou em sua fala a experiência de conversar com um visitante de outro país que veio conhecer o museu em que ele trabalha e ao perguntar porque ele estava visitando o museu, o visitante respondeu que gostaria de conhecer a história da cidade. Vivemos em uma sociedade que não visita museus.

Esse preconceito em relação aos museus é um grande desafio para educação, despertar o interesse e conseguir conciliar o ambiente formal de educação

com os ambientes não-formais de educação, no caso, o museu. Os museus, por meio de suas peças e exposições, nos contam a nossa história, nos mostram nas peças tudo aquilo que aprendemos na teoria em sala de aula. A aprendizagem do aluno se potencializa quando o mesmo consegue tocar, ver, sentir o objeto e isso, na maioria das vezes, não é possível apenas com a sala de aula. Conhecer o funcionamento de uma fazenda de café como é possível no museu do Café de Piratininga ou o de Botucatu, poder entrar em um trem como no Museu Ferroviário Regional de Bauru é possibilitar ao aluno que entre em sua história, conheça suas raízes e possa se sentir pertencente a sociedade em que vive. Mais do que prepará-lo para o vestibular, é formá-lo como cidadão.

Fabbri argumenta que:

Uma das maiores conquistas dos museus, podendo ser considerado um dos principais avanços dos museus, está no seu comprometimento com a Educação, compreendida como um processo social de formação de consciência crítica, de manutenção ou transformação das tradições e valores; de leitura e interatividade com o mundo, entendendo-se nessa perspectiva a educação presente na vida dos indivíduos em caráter permanente e ininterrupto; caracterizando-se como educação não formal, que se realiza a partir de uma intencionalidade, porém de maneira flexível em suas estratégias, seleção de conteúdos e características próprias dos museus em suas potencialidades e limitações. (FABBRI, 2011, p. 52)

Esse argumento reforça o que podemos analisar durante a realização da pesquisa que é a preocupação, o zelo pela questão educativa em todos os museus. Entendo o princípio da educação nos museus como sendo a Educação Patrimonial “centrada na Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo; busca levar a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural.” (FABBRI, 2011, p. 52)

Neste sentido, os museus elaboram atividades em que os visitantes possam ter novas experiências no museu de maneira ativa. A título de exemplificação cito a atividade de escavação simulada realizada pelo Museu Municipal de Jaú, na qual o aluno recebe orientações e equipamentos que o possibilita a simular uma escavação arqueológica. Ou seja, o visitante possui um papel ativo na realização das atividades e constrói, a partir delas, seu próprio conhecimento.

A esse respeito, Cury (2011, p. 20-21) nos fala que “ao afastar o caráter educativo do museu da primazia do conteúdo, abre-se espaço para que o educador atue coordenando equipes e processos interdisciplinares.” Neste sentido, ao se inovar

na maneira em realizar uma exposição, possibilita maior interação com o público, o transformando em um personagem ativo.

Desta forma, o monitor ou mediador do museu possui grande importância para o sucesso do processo educativo.

Esse profissional é um dos agentes do processo de comunicação em museu que sustenta os objetivos essenciais de promover o diálogo entre a experiência da visita e o cotidiano do público. Perceba-se, a educação não é mediação, a mediação é o cotidiano do público. (CURY, 2011, p. 21)

Neste sentido, ao buscar realizar atividades que tenha como objetivo o protagonismo do visitante e a construção do conhecimento, cabe ao museu se questionar: “o que fazem as pessoas com aquilo que elas aprendem no museu? Em que elas acreditam e por quê? Como se dá a apropriação, ou seja, quais são as suas (re) formulações discursivas? Qual é a participação do museu no sistema de práticas culturais?” (CURY, 2011, p. 22-23)

Essas são perguntas importantes a serem respondidas pela equipe do museu na elaboração de suas exposições e atividades. Para a autora:

Essas questões vão muito além das teorias de aprendizagem convencionais –muitas vezes restritas ao que o visitante aprendeu em termos de conteúdo– tão discutidas no meio museológico atual, mas que satisfazem o museu tradicional apenas. (CURY, 2011, p. 23)

Embora os museus tenham grande preocupação com a questão educacional, em sua maioria não possui uma profissional da educação como o pedagogo. Nas instituições pesquisadas e visitadas, apenas o Museu do Café de Piratininga possui tal profissional. Vale recordar que o museu é uma instituição privada. As demais instituições museológicas não possuem esse profissional. Fato que vai na contramão da sociedade, em que podemos perceber a abertura de novas áreas de atuação desse profissional, não se restringindo apenas a sala de aula, mas atuando em outros ambientes como: empresas, hospitais, meios de comunicação entre outros.

De acordo com Libâneo:

Verificamos, assim, uma ação pedagógica múltipla na sociedade, em que o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal, criando formas de educação paralela, desfazendo praticamente todos os nós que separavam escola e sociedade. (LIBÂNEO, 2001, p. 155)

Sendo esse profissional importante no cenário atual, quem é o pedagogo?

Libâneo o conceitua como sendo:

O profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 2001, p. 163)

Neste sentido, podemos compreender que o pedagogo não atua apenas em sala de aula ensinando e/ou cuidando de crianças, como foi historicamente atrelada a imagem do pedagogo, mas está presente em outros cenários da vida cotidiana. Desta forma, Libâneo classifica os pedagogos em três categorias: o pedagogo *lato sensu*; o pedagogo *stricto sensu* e o pedagogo ocasional.

O autor entende como pedagogos *lato sensu* “todos os profissionais [que] se ocupam de domínios e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades.” (LIBÂNEO, 2001, p. 163) Neste grupo estão todos os professores, independentemente do nível ou modalidade de ensino.

Os pedagogos *stricto sensu* são entendidos como sendo aqueles:

especialistas que, sempre com a contribuição das demais ciências da educação e sem restringir sua atividade profissional ao ensino, trabalham com atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, educação especial, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições. (LIBÂNEO, 2001, p. 163)

Por fim, os pedagogos ocasionais são aqueles “que dedicam parte de seu tempo em atividades conexas à assimilação e reconstrução de uma diversidade de saberes.” (LIBÂNEO, 2001, p. 163)

Podemos verificar, portanto, que em nossos museus possuem, em sua maioria, pedagogos *latos sensu*, pois geralmente são professores licenciados que realizam as atividades pedagógicas da instituição. No entanto, insisto na necessidade de contratação de “pedagogos-especialistas”. Nas palavras do autor:

O curso de Pedagogia se destina a formar o pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não-formal e informal) decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. (LIBÂNEO, 2001, p. 164)

E acrescenta:

A caracterização do pedagogo-especialista é necessária para distingui-lo do profissional docente. Importa formalizar uma distinção entre o trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas) e trabalho docente (forma peculiar que o trabalho pedagógico assume na escola). (LIBÂNEO, 2001, p. 164)

É neste sentido que o pedagogo se faz tão necessário às instituições museológicas. O profissional-especialista possui toda uma carga teórica e prática que o qualifica para o serviço pedagógico que é exigido na elaboração de atividades. Ele não se contrapõe ao trabalho do monitor, mas complementa o exercício da monitoria. Desta forma, se faz necessário a formação de equipes de trabalhos interdisciplinares na qual os diferentes conhecimentos se complementam. Na busca desse objetivo, o Museu Regional Ferroviário de Bauru realiza parcerias com pedagogos que se dispõem a ajudar, de maneira voluntária, o museu. Assim, o museu busca realizar atividades diferenciadas que atraia o público e quebre a falsa impressão de que visitar museus é uma atividade chata.

Conhecer museus não é uma atividade chata como muitos pensam, é se ligar com a história, é conhecer o passado para compreender nossa caminhada até os dias atuais. É criar o sentimento de pertencimento do lugar em que se vive. É conhecer as pequenas joias que nos permite entender quem somos. É compreender que grandes museus são aqueles que nos permitem nos conhecer melhor. Como nos diz Pinsky:

E quais são os grandes museus do mundo, os imperdíveis? Elegê-los não é tarefa fácil, depende de quem somos e do que buscamos. Um museu grande nem sempre é um grande museu; há pequenas joias que não se pode deixar de conhecer. (PINSKY, 2013, p. 69)

Vale salientar que não quero romantizar os pequenos museus de cidades ou regionais ou mesmo desprezar os grandes museus, mas demonstrar que os pequenos museus possuem grande importância na salvaguarda de nossa história e não apenas os grandes museus que parecem ter destaque no imaginário social. Os grandes museus nacionais ou temáticos possuem valor inestimável para a nossa história e cultura.

Os museus, em geral, grandes e pequenos cumprem seu papel de preservar nosso patrimônio cultural construído no decorrer da história:

É principalmente para isso que servem os museus: ao nos revelar o gênio enrustido que carregamos, como membros da espécie humana, eles nos permitem perceber que somos depositários do imenso patrimônio cultural que nossos ancestrais construíram. Afinal, é a cultura, e não a capacidade de organização, que nos distingue de todos os demais animais da Terra. (PINSKY, 2013, p. 68-69)

Em razão desse grande potencial do museu para o processo de construção do conhecimento que a escola e os museus necessitam buscar e se aproximar com o objetivo de propiciar a formação integral do indivíduo. Como explicitado pelos

monitores entrevistados, os museus buscam uma interação com a escola, querem saber o que o aluno está aprendendo em sala de aula para que possam conciliar com a exposição apresentada.

Todos os monitores destacaram a importância da preparação da turma para a visita ao museu. O papel do professor neste percurso é de extrema importância. Uma turma bem preparada com atividades prévias de reconhecimento do local a ser visitado, da temática apresentada pelo museu e introdução ao assunto que será explorado durante a visita técnica, consegue aproveitar todo o potencial educativo do museu.

O professor tem o importante papel de mediador do processo de construção do conhecimento. Embora ele tenha grande importância no processo educativo, foi relatado por todos os monitores/mediadores entrevistados que é comum encontrar professores que não se interessam pela exposição, que não preparam seus alunos e deixa evidente, em muitas ocasiões, que não valorizam o potencial educativo que os museus possuem.

Desta forma, a responsabilidade recai sobre os monitores ou mediadores dos museus, que trabalham para que possam possibilitar uma melhor aprendizagem ao aluno visitante. A exemplo disso, cito o Museu Municipal de Jaú que, segundo o Monitor/Mediador 2 realiza uma pequena palestra introdutória com todos os grupos de alunos que visitam o museu. Com isso, o museu objetiva suprir a falta de conhecimento prévio que o aluno possa apresentar.

Diante do exposto, é muito importante a maneira como é realizada a monitoria com os grupos que visitam o museu. A didática ao falar com cada grupo se diferencia, pois deve-se levar em conta a idade do público, o conhecimento prévio do visitante entre outras especificidades apresentadas por cada grupo.

Essa é uma preocupação apresentada por todos os museus visitados. De acordo com os Monitores/Mediadores entrevistados ao realizar uma monitoria eles buscam adequar a fala de acordo com cada grupo atendido. A fala do Monitor/Mediador 1 exemplifica bem essa questão. Quando perguntado sobre a questão das monitorias, me respondeu que por se tratar de um museu ferroviário, no qual muitos ex-funcionários o visita, eles buscam realizar a monitoria de maneira em que eles escutam mais as histórias das pessoas com mais idade que viveram naquele

período e buscam uma linguagem mais lúdica quando estão trabalhando com um grupo de crianças, apresentando diversas histórias e curiosidades do lugar.

A questão da monitoria também é importante para o processo de aquisição do conhecimento. Uma boa monitoria nos faz refletir sobre o objeto, nos faz indagar sobre a importância do objeto exposto em nossa história. Não a reduzindo a um discurso pronto e acabado que é transmitido de forma em que o visitante seja um receptáculo de informações, uma educação bancária utilizando a expressão cunhada por Paulo Freire (1992).

Sendo assim, a monitoria deve dialogar como o visitante. Durante as entrevistas, os monitores disseram que buscam, ao realizar as monitorias, criar um diálogo com os visitantes e responder as questões que possam surgir. Embora façam grande esforço para que a monitoria não seja apenas um momento de transmitir informações, mas sim uma oportunidade de construir conhecimentos, o modelo tradicional se faz presente.

Por ser um profissional de grande importância, os monitores das instituições necessitam de uma formação específica para que possa realizar uma monitoria com qualidade. Neste processo, um profissional da área da educação como o pedagogo se faz necessário. No que tange a capacitação dos monitores cito o importante trabalho do Museu do Café de Piratininga que realiza encontros com todos os monitores da instituição a fim de prepará-los para atender os visitantes. Cabe destacar que o Museu do Café de Piratininga é uma instituição privada e trabalho semelhante para a formação dos monitores não foram citadas pelos profissionais dos museus públicos, ficando a cargo dos próprios monitores a busca de se aperfeiçoarem.

Os museus também enfrentam diversos outros grandes desafios. O maior deles elencado por todos os monitores é a falta de verba para a manutenção dos prédios. Os museus, exceto o Museu do Café de Piratininga, são públicos de responsabilidade dos municípios ou do estado. Assim sendo, há uma desvalorização dos prédios museológicos e uma grande burocracia que dificulta a aquisição de orçamento para a manutenção e restauração dos museus e das peças.

Os resultados levantados nas visitas e nas entrevistas realizadas durante a pesquisa vem ao encontro do que nos diz Bloise. Segundo a autora:

mesmo hoje o museu continua a ser uma instituição cultural cheia de potencialidades e contradições: ele é rico em razão do patrimônio que abriga, mas é pobre em relação ao orçamento com que trabalha; tem como missão preservar o patrimônio cultural e ao mesmo tempo torna-lo acessível à sociedade – funções por vezes quase incompatíveis. (BLOISE, 2011, p. 43)

Essas contradições dificultam o acesso dos pequenos museus, museus do interior a políticas públicas de incentivo, que por vezes nem existem nos pequenos municípios, para restauro, formação de profissionais e realização de atividades pedagógicas e eventos. Contradições que muitas vezes não vemos nos grandes museus de capitais como em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte por exemplo.

Podemos dizer que a gestão da maioria desses museus localizados fora dos grandes centros é feita através desta fórmula: muita boa vontade, poucos recursos financeiros e humanos, quase nenhum acesso a tecnologias e conhecimento especializado. Nos pequenos museus não se trabalha sem uma grande dose de dedicação pessoal e muita flexibilidade. (BLOISE, 2011, p. 44)

O cenário apresentado por Bloise se encaixa perfeitamente nas realidades encontradas no decorrer da pesquisa. Nos museus visitados foi possível constatar o esforço dos funcionários para manter o funcionamento da instituição e ao mesmo tempo possibilitar uma experiência agradável aos seus visitantes. Como observado pela autora, nos museus faltam verbas para restauro e reparos das peças e do próprio prédio, problema relatado por todos entrevistados. Falta de mão de obra como explicitado no Museu Municipal de Jaú que possui apenas três funcionários específicos do museu, sendo necessário que o próprio diretor cuide das questões administrativas e monitorias de grupos.

Esse fato nos chama a reflexão da falta de formação profissional dos funcionários das instituições museológicas. “os museus deveriam contar com gestores culturais altamente qualificados e equipes multidisciplinares, capazes de cumprir as exigências técnicas em relação à preservação do patrimônio e ao mesmo tempo serem capazes de uma comunicação eficaz.” (BLOISE, 2011, p. 44)

Esse cenário piora “quando as indicações políticas levam para o museu pessoas sem perfil, qualificação e interesse pelo museu.” (BLOISE, 2011, p.44) Ou seja, quando o museu se torna um cabide de empregos, abrigando pessoas, por vezes, despreparadas no sentido de não terem formação específica para assumir tal cargo e não haver interesse pela instituição.

Outro ponto levantado é a comunicação entre os museus e a população. Encarado como outro grande desafio para os museus. Ainda hoje, a maioria de nossa

população não sabe para que serve o museu. A imagem do museu ser um local de guardar coisas velhas ainda é latente no ideário da população. Há certo distanciamento entre a instituição museológica e a sociedade. Bloise (2011, p. 45) aponta que “as causas hoje podem estar no modelo de gestão, no planejamento institucional, no processo de comunicação e até na constituição de coleções e acervos poucos significativos ou representativos.” E complementa:

Os museus das pequenas cidades, mesmo estando de certa forma mais próximos da população local, não conseguem romper com esse distanciamento, que deve ser enfrentado através de diversas estratégias de valorização identitária e de políticas públicas específicas. (BLOISE, 2011, p. 46)

Com objetivo de se aproximar da população, os monitores e mediadores entrevistados ressaltaram a importância do uso das novas tecnologias para comunicar-se com a sociedade. Neste sentido, os museus estão buscando meios de se inserirem nessa nova realidade com a criação de perfis oficiais em redes sociais, sites dos museus e projetos de digitalização e divulgação *online* de seus acervos. Os museus ainda projetam a inserção da tecnologia de *QRcode* para elaboração de exposições mais interativas.

O uso das novas tecnologias de informação e comunicação permitem maior interação entre o público externo e os museus por meio de textos informativos, imagens, publicação do acervo e outras atividades de interações que são possíveis através dos meios digitais. Essas ferramentas disponibilizadas pelos museus em seus sites na *internet* possibilitam ao professor que conheça sua temática e acervo, possa preparar aulas prévias para seus alunos e adquirir materiais didáticos que possam ser utilizados em sala de aula na realização de atividades mais significativas aos alunos.

Como apresentado são grandes os desafios dos museus. A comunicação, a aproximação da sociedade, a captação de recursos e a qualificação profissional se apresentam como sendo os principais desafios das instituições museológicas. É necessário mais políticas públicas que amparem e incentivem os museus. É preciso uma mudança de visão sobre os pequenos museus.

Os pequenos museus não podem mais ser encarados como depósitos de objetos antigos, um ‘mal necessário’, um ônus para a comunidade. Eles precisam sofrer este tipo de reposicionamento: uma mudança de foco e de forma de gerenciamento, além de investimentos regulares. Esses museus ao serem reconhecidos como novos ambientes de preservação e fruição do patrimônio cultural, movimentarão outras dimensões da vida: a educacional, a turística, a social e a econômica.

Os museus precisam se tornar necessários aos seus diversos públicos para realizarem a sua missão mais nobre, que é a de preservação do patrimônio cultural que queremos de fato como herança. (BLOISE, 2011, p. 47)

Neste sentido, as novas tecnologias de informação e comunicação se apresentam como importantes ferramentas na busca de aproximação e interação com a sociedade. Assim sendo, no próximo capítulo será apresentada uma breve discussão sobre o uso das novas tecnologias de informação e comunicação em sala de aula como ambientes não-formais de educação. O capítulo ainda discute a possibilidade da realização de visitas virtuais em museus como alternativa para os professores conhecerem o acervo do museu que se pretende visitar, elaborar atividades prévias para seus alunos com o objetivo de obter informações referentes ao museu que será visitado e introduzi-los a temática que será trabalhada pela instituição ou mesmo na impossibilidade de fazer a visita técnica ao museu físico utilizá-las como possibilidade de visitar um museu. Com esse objetivo foram analisadas duas exposições virtuais, sendo a primeira do Museu Imperial do Rio de Janeiro e a segunda do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

4. O uso das novas tecnologias no ensino de História como ambiente de aprendizagem não-formal

As novas tecnologias de informação e comunicação auxiliam o professor de História no preparo de suas aulas e aplicações de atividades em sala de aula diversificadas e mais atraentes aos alunos. Desta forma, o presente capítulo tem como principal enfoque sugerir o uso das novas tecnologias de informação e comunicação para a realização de visitas virtuais em museus como alternativa para elaboração de atividades prévias as visitas técnicas a museus, bem como alternativa para aquelas escolas que não conseguem, por algum motivo, levar seus alunos em museus.

Masetto (2006, p. 152) conceitua as novas tecnologias de informação e comunicação como sendo “o uso da informática, do computador, da *Internet*, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para educação à distância”, bem como de outros recursos digitais que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Maria Elizabeth Almeida (2003), as tecnologias de informação e comunicação ao serem incorporadas a escola podem servir de suporte para a comunicação entre educadores, pais, alunos e especialistas; criação de um fluxo de informações e trocas de experiências; realização de atividades colaborativas; desenvolvimento de projetos; entre outras atividades.

A esse respeito, Theodoro (2013, p. 49) nos recorda que “os avanços tecnológicos foram constantes na história da humanidade. As invenções do fogo, da cerâmica, da roda, do aqueduto, do uso do vapor etc., marcaram a vida de diferentes civilizações, mas foram alternando os hábitos lentamente.” Fato que não ocorre com as novas tecnologias de informação e comunicação.

O que ocorre com as tecnologias de informação e comunicação é que as transformações ocasionadas por elas na sociedade acontecem de maneira rápida e muitas pessoas não conseguem acompanhar o seu desenvolvimento. O resultado dessa mudança repentina, no caso educacional, é uma crise instalada entre professores e alunos.

A falta de formação do professor para a utilização das novas tecnologias ocasionou certa rejeição do docente em relação a essas novas ferramentas, relegando-as para outras áreas e não as incluindo em sala de aula. Masetto (2006, p.

133) nos fala que “em educação escolar, por muito tempo – e eu diria mesmo, até hoje –, não se valorizou adequadamente o uso de tecnologia visando tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz.”

Ao refletir sobre o tema, o autor apresenta algumas situações que ocasionaram essa desvalorização do uso das novas tecnologias em sala de aula. A primeira situação é o conceito do papel da escola que seria de educar os alunos, sendo entendida a educação como “transmitir um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos de diversas áreas, desde alfabetização, passando por matemática, língua portuguesa, ciências, história, geografia, física, biologia e outras.” (MASETTO, 2006, p. 133-134)

Diante do exposto, há uma valorização dos conteúdos das disciplinas escolares, privilegiando assim a aula expositiva na transmissão dos conhecimentos, um ensino tradicional. Desse pensamento surge a segunda situação elencada pelo autor: a não-valorização das tecnologias nos cursos de formação de professores. Para o autor:

Alunos e, por vezes, professores dos cursos de história, geografia, matemática, física, ciências, biologia, sociologia e outros afirmam, sem constrangimento, que o importante para se formar professor é o domínio dos conteúdos dos respectivos cursos. Cursar disciplinas pedagógicas é obrigação para se ter o diploma de licenciado e poder exercer o magistério, no entanto, nenhum valor se agrega à competência para a docência. (MASETTO, 2006, p. 134-135)

Essa situação reforça a ideia de ensino tradicional apresentada na primeira situação. O que vemos são jovens professores que ao ministrarem aulas copiam comportamentos de seus ex-professores utilizando como principal técnica a aula expositiva. Nas palavras do autor são:

‘Miniespecialistas’ ou ‘maxiespecialistas’ em conteúdos de suas matérias ou disciplinas, transmitindo-os da forma que melhor convém a cada um, mas, em geral, como amadores quanto ao conhecimento e à prática dos aspectos fundamentais para desenvolver um processo de aprendizagem. (MASETTO, 2006, p. 135)

Por fim, o autor aponta, como terceira situação que ocasionou a desvalorização do uso das tecnologias em sala de aula, as experiências vividas nas décadas de 1950 e 1960 na qual buscou-se inserir um contexto tecnicista na educação. Segundo Masetto nesse período:

Procurou impor o uso de técnicas nas escolas, baseadas em teorias comportamentalistas, que, ao mesmo tempo em que defendiam a auto-aprendizagem e o ritmo próprio de cada aluno nesse processo, impunham

excessivo rigor e tecnicismo para se construir um plano de ensino, definir objetivos de acordo com determinadas taxionomias, implantar a instrução programada, a standardização de métodos de trabalho para o professor e de comportamentos esperados dos alunos. (MASETTO, 2006, p. 135)

Essa conjuntura provocou, na época, inúmeras críticas dos professores ao sistema e resultou na rejeição do uso das tecnologias na educação. Soma-se a essas situações apresentadas o preconceito resultante da falta de formação docente. É comum encontrarmos, atualmente, professores com receio de usar as novas tecnologias de informação e comunicação, ou mesmo, com medo de serem substituídos por elas. O que provoca uma verdadeira crise na educação, na qual alunos e professores não falam a mesma língua.

O fato é que não podemos deixar de considerar as potencialidades que as novas tecnologias possuem no processo de ensino e aprendizagem. Elas nos possibilitam rápido acesso as informações e dados, bem como amplia nossa comunicação e reduz os espaços nos dando novas possibilidades para aprender. Neste processo o papel do professor é fundamental, pois é ele quem irá mediar o desenvolvimento de aquisição do conhecimento.

Entendemos que a utilização das tecnologias de informação e comunicação não possui um fim em si mesmo, mas são um meio de se alcançar objetivos previamente definidos pelo professor. Assim como o lápis, o caderno, o livro, as novas tecnologias são ferramentas pedagógicas que estão à disposição do docente.

Toda tecnologia introduzida no âmbito da educação não pode encarar a educação como simples material didático complementar e sofrer tratamento tecnológico. Pelo contrário, é a tecnologia que deve sofrer um tratamento educacional. (REINALDO *et al*, 2016, p. 87)

As novas tecnologias mostram-se como importantes ferramentas na educação, no entanto, elas não são o foco principal da educação. A inserção das tecnologias na sala de aula sem um projeto bem fundamentado não resultará nos objetivos esperados. Para José Moran:

Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN, 2006, p. 12)

O que antes, gerava rejeição, hoje nos parece gerar supervalorização pelo uso das novas tecnologias por parte de alguns professores. Não há a substituição do conteúdo escolar pela tecnologia, mas a complementação deste por meio das novas

tecnologias. As novas tecnologias de informação e comunicação por si só não irão resolver os problemas de aprendizagem que possam aparecer durante o processo. Elas são instrumentos que colaboram com processo de ensino e de aprendizagem.

Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes. (MASETTO, 2006, p. 139)

Diante do exposto, propomos a utilização das novas tecnologias para realização de visitas virtuais em museus como uma possibilidade de solução para as dificuldades que possam se apresentar ao idealizar uma visita técnica em museus ou mesmo ampliar as opções de escolhas das instituições museológicas.

4.1 As visitas virtuais em museus

As visitas técnicas em museus são grandes ferramentas que permitem potencializar o ensino e a aprendizagem de História. Por meio delas os alunos são capazes de relacionar o que é aprendido em teoria na sala de aula com o objeto real exposto no museu. No entanto, ao nos atentarmos as especificidades de cada localidade algumas dificuldades podem se apresentar na realização desta atividade.

Uma das dificuldades que podem se apresentar é a inexistência de um museu na cidade. Muitos municípios brasileiros não possuem museus, fazendo com que as escolas tenham que se deslocar para outras cidades caso queiram fazer a atividade. Fato que dificulta ou mesmo impede que a visita seja realizada.

Outro ponto a ser levantado é a questão do transporte. Muitas localidades não possuem veículos adequados e/ou disponíveis para transportar os alunos até uma instituição museológica. Isso ocorre devido ao número insuficiente de veículos disponíveis pela prefeitura, escasso período de tempo e/ou recursos financeiros para a contratação de um veículo que possa fazer o transporte.

Desta forma, sugerimos o uso das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula como possível alternativa de solução para tais questões. Diversos museus, como por exemplo, Casa Portinari localizado na cidade de Brodowski no estado de São Paulo e Museu Imperial localizado na cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro, disponibilizam ferramentas para a realização de visitas virtuais em seus acervos.

As visitas virtuais nos possibilitam uma grande versatilidade na realização de atividades, podendo ser utilizadas como atividade prévia a visita ao museu, o que permite aos alunos adquirir conhecimentos prévios referente a instituição que será visitada e formar expectativas sobre como será a visita. Em outras situações em que não há a possibilidade de visitar um museu, as visitas virtuais podem ser uma alternativa para que os alunos reconheçam esses lugares de cultura e memória.

Ao se optar por uma visita virtual é necessário atentar-se para alguns cuidados que precisam ser tomados desde a elaboração do planejamento até a avaliação final. É necessário saber onde se pretende chegar com a atividade. Os objetivos devem estar bem definidos e claros para todos os participantes, professores e alunos.

Ensinar utilizando a *Internet* exige uma forte dose de atenção do professor. A navegação precisa de bom senso, gosto estético e intuição. Bom senso para não se deter, diante de tantas possibilidades, em todas elas, sabendo selecionar, em rápidas comparações, as mais importantes. (MORAN, 2006, p. 52)

O principal ponto é o planejamento ao elaborá-lo o professor deve escolher seus objetivos e fazer a escolha da instituição. A escolha do site da instituição que será utilizado não pode ser feita de maneira aleatória. Não basta pedir para que os alunos escolham qualquer site de algum museu para navegar. É preciso que o site escolhido esteja relacionado com o objetivo que se pretenda alcançar. Para isso, o professor precisa ter em mente seus objetivos e realizar uma pesquisa em vários sites de instituições museológicas a fim de selecionar aquele que melhor atende seus objetivos.

Após a escolha do site inicia-se a fase da exploração. O professor precisa conhecer sua ferramenta. Nesta fase, ele irá investigar quais recursos estão disponíveis. Vários sites museológicos disponibilizam uma área para o professor, geralmente nestas áreas são disponibilizados textos e vídeos orientando o professor como utilizar a tecnologia em sala de aula. Ao realizar a exploração o docente fica ciente de como funciona a visita ao acervo (se basta clicar na imagem ou utiliza o mouse, se é possível movimentar a imagem, se é possível utilizar a ferramenta de zoom), se possui textos e/ou vídeos, se há atividades para os alunos.

Outro ponto importante ao se planejar uma visita virtual como atividade pedagógica é o aparelho tecnológico disponível. O professor precisa ter em mente se a escola possui um laboratório de informática, se há número suficiente de aparelhos

para os alunos e se o sinal de *internet* permite ou não a realização da atividade. Caso a escola não tenha disponível um laboratório de informática, uma possível solução é pedir para que os alunos levem seus aparelhos pessoais para sala de aula. Neste caso, é necessário refletir se cada aluno tem condições de levar um computador ou se a atividade será realizada em grupo, ou mesmo pedir que os alunos façam a visita virtual em suas casas.

O planejamento é importante para o momento em que a atividade será realizada. Provavelmente os alunos estarão empolgados para fazê-la. É uma atividade diferente da rotina em que estão acostumados a realizar diariamente e algumas indagações certamente irão surgir. Um possível questionamento será em relação ao uso do computador. Embora, estejamos em uma sociedade informatizada, muitos alunos nunca utilizaram um computador. E isso deve ser levado em consideração pelo professor no momento de seu planejamento. Cabe a ele, o professor, explicar o funcionamento do aparelho, bem como explicar qual o funcionamento do site. Após as explicações, o professor deve assumir seu papel de mediador e orientar os alunos ao passo que as dúvidas e questionamentos foram surgindo.

Desta forma, o planejamento se faz importante para que uma visita virtual não se torne uma atividade vazia, sem sentido. Para que ela não seja apenas uma visita ao laboratório de informática. Em uma sociedade que se busca respostas rápidas para os problemas as distrações são comuns.

Sendo assim, entendemos que as visitas virtuais são alternativas para professores que desejam realizar uma atividade em museus, mas por algum motivo não possa levar seus alunos em uma instituição museológica, ou mesmo fazer uma atividade prévia para preparação de uma visita ao museu. A seguir será apresentado dois exemplos de instituições que possibilitam a visita virtual. Trata-se do Museu Imperial do Rio de Janeiro e o Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- Museu Imperial

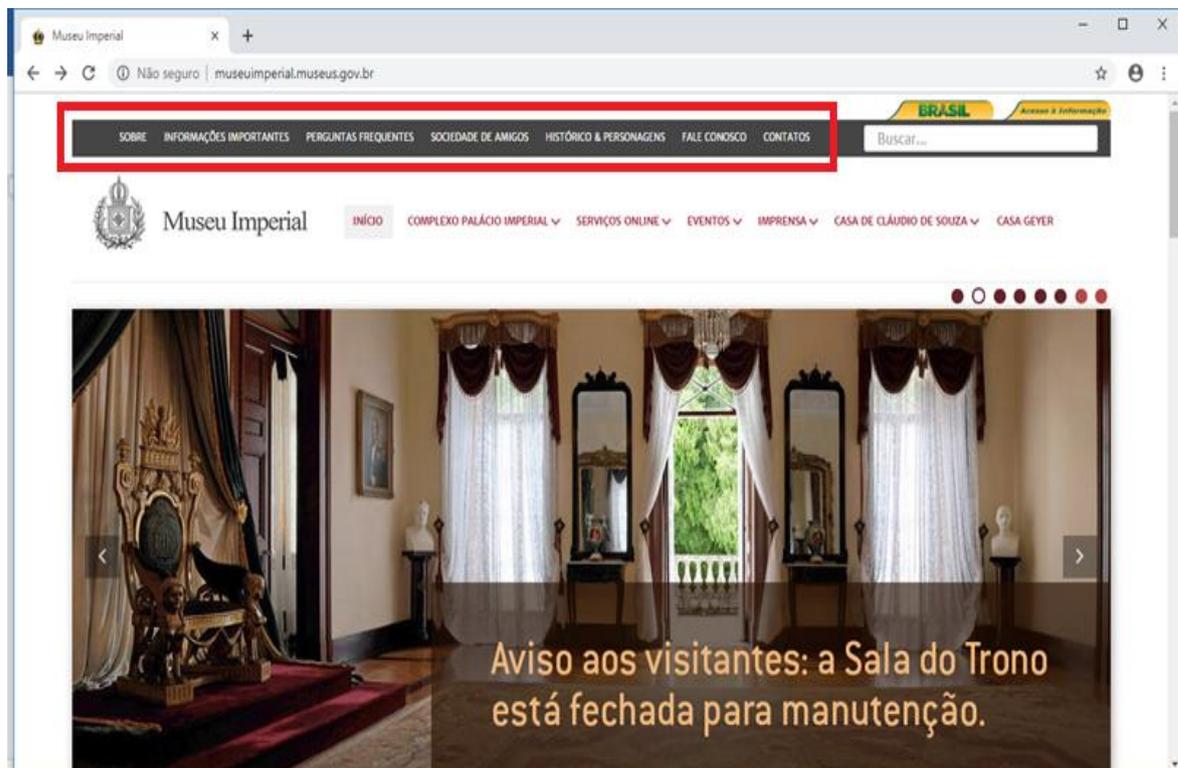
O Museu Imperial está localizado na cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro. O museu possui o maior acervo do Brasil relacionado ao período imperial brasileiro, principalmente do período conhecido como Segundo Reinado, período em que o Brasil fora governado por D. Pedro II. De acordo com seu site institucional, o museu conta com um acervo composto por mais de 300 mil itens museológicos,

arquivísticos e bibliográficos que ficam à disposição de pesquisadores e demais pessoas interessadas.

A escolha dessa instituição como exemplo se deu pela sua importância para a história do Brasil e a disponibilidade de suas ferramentas para a realização de visitas virtuais em seu acervo. O museu tem como recorte histórico o período do Segundo reinado, por esse motivo recomendamos realizar a visita virtual com os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental por ser o tema trabalhado nas aulas de História de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao acessar o site do Museu Imperial encontramos diversas opções de ferramentas importantes para o reconhecimento da instituição e possibilidades para trabalhar com os alunos. Na barra superior, apresentada na figura 1, encontramos opções com informações básicas sobre o museu. O primeiro item é o Sobre, nesta ferramenta encontramos informações básicas sobre o museu como sua localização e acervo. O item Informações importantes, apresenta informações sobre preços, horários e como agendar uma visita ao museu. No item Perguntas frequentes são respondidas as principais perguntas feitas por visitantes que acessam o site. Na opção Sociedade de amigos é possível encontrar informações indicando como se tornar um parceiro do museu, bem como saber quem já é um parceiro da instituição. No Histórico e personagens temos informações sobre a história da instituição desde sua construção no período imperial e a história dos seus principais personagens, como D. Pedro II. Por fim, nos itens Fale conosco e Contatos é possível entrar em contato com os profissionais do museu, bem como encontrar outras informações relevantes, como números de telefones e endereços eletrônicos.

Figura 1: Tela inicial do site do Museu Imperial

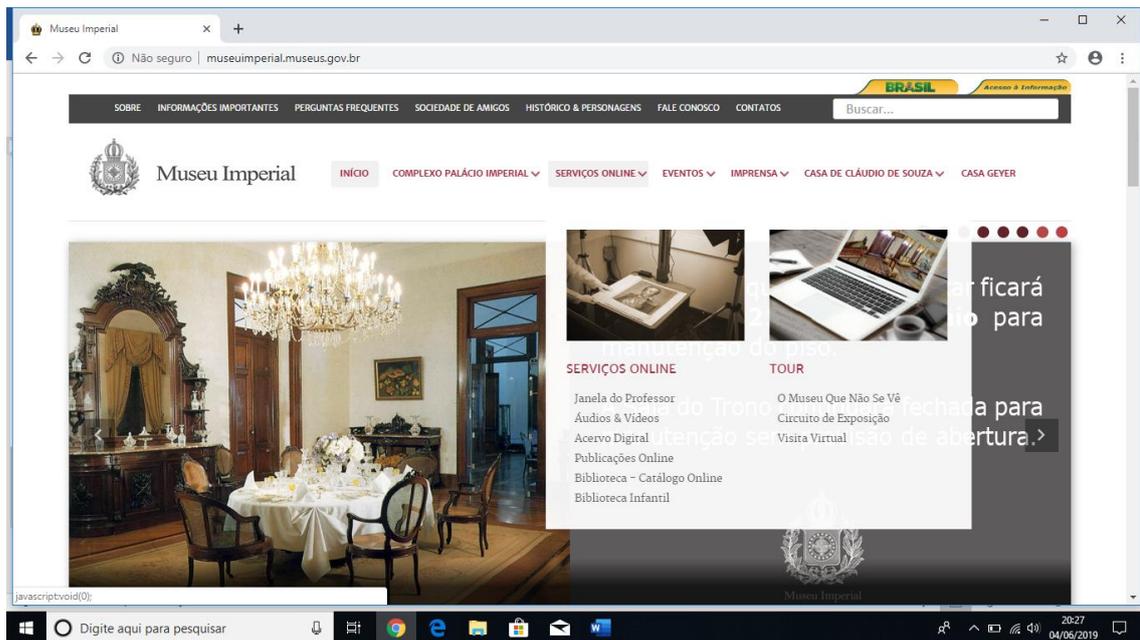


Fonte: Museu Imperial (2019)

Em seguida é possível encontrar itens importantes para a elaboração do planejamento de uma visita virtual, sendo eles: Início, Complexo Palácio Imperial, Serviços online, Eventos, Imprensa, Casa de Cláudio de Souza e Casa Geyer. De forma resumida, esses itens informam sobre o funcionamento do museu, os eventos realizados pela instituição e ferramentas disponíveis. Para nossa análise iremos nos ater aos serviços online.

O item Serviços online, apresentado na figura 2, é um conjunto de ferramentas que são disponibilizados para uma melhor utilização do site. Ele é dividido em duas partes: Serviços online e Tour. Na opção Serviços online encontramos itens relacionados a questão educacional, tal como: a Janela do professor, Áudios e vídeos, Acervo digital, Publicações online, Biblioteca - catálogo online e Biblioteca infantil. Na opção Tour encontramos os itens O museu que não se vê, Circuito de exposição e Visita virtual.

Figura 2: Serviços online



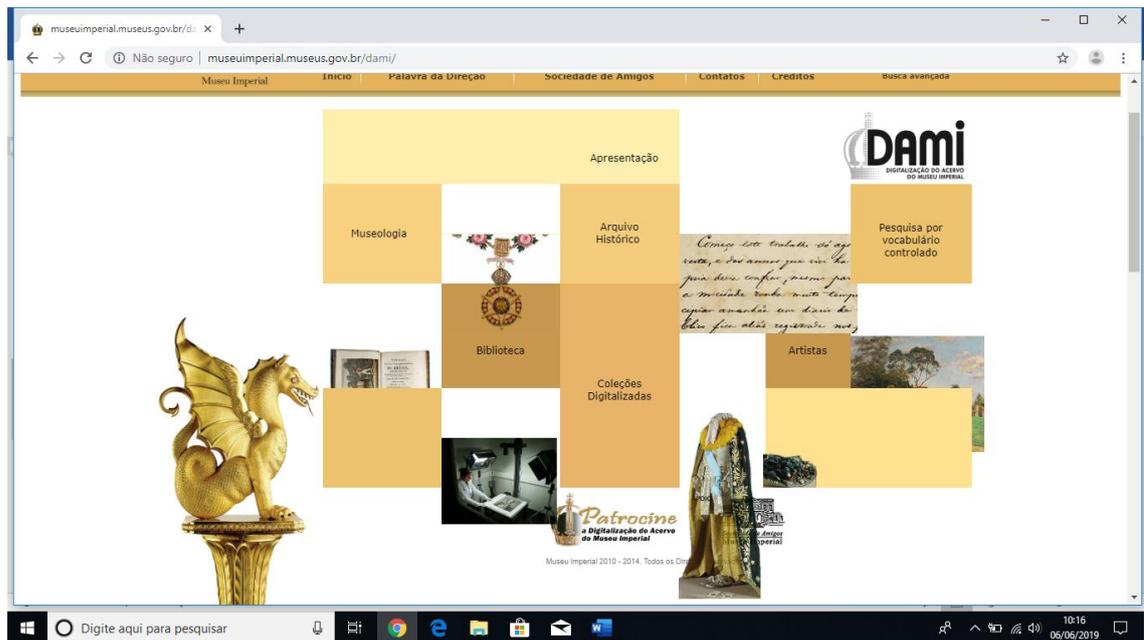
Fonte: Museu Imperial (2019)

O item Janela do professor é uma importante ferramenta para o professor que objetiva preparar uma visita virtual ou presencial em museus pois, estão disponibilizados diversos textos referentes à importância de se fazer uma visita técnica em museus para o processo de aprendizagem atentando-nos para temas como: por que visitar um museu?; a importância do museu para a educação e abordagens temáticas encontradas no acervo.

Outro ponto importante na Janela do professor é o espaço dedicado as dicas aos professores para que a visita possa ser realizada da melhor maneira possível. O museu acredita que ao disponibilizar ferramentas que orientem o professor cumpre seu papel educacional. Segundo o site institucional “o êxito de toda e qualquer atividade educativa envolvendo o ambiente museal e a exploração de seu acervo pressupõe a participação efetiva dos educadores.”

Em Áudios e vídeos o professor encontra diversos vídeos que mostram atividades realizadas pelo museu como entrevistas, reportagens jornalísticas e apresentações musicais. No item Acervo digital, apresentado na figura 3, é apresentado todo o acervo digital do museu que conta com imagens de objetos, pinturas, documentos escritos e biblioteca. Esses materiais podem ser utilizados pelo professor para uma atividade de pesquisa com seus alunos, ou mesmo utilizar como atividade prévia.

Figura 3: Acervo digital



Fonte: Museu Imperial (2019)

Nos itens Publicações online e Biblioteca – catálogo online são disponibilizados materiais relacionados ao museu e a museologia, bem como pesquisas realizadas por meio do acervo disponibilizado pela instituição. O item Biblioteca infantil é dedicado ao material infantil, nele é possível acessar o *blog* da Biblioteca Rocambolé que disponibiliza histórias infantis, imagens e agenda de eventos realizados pela biblioteca.

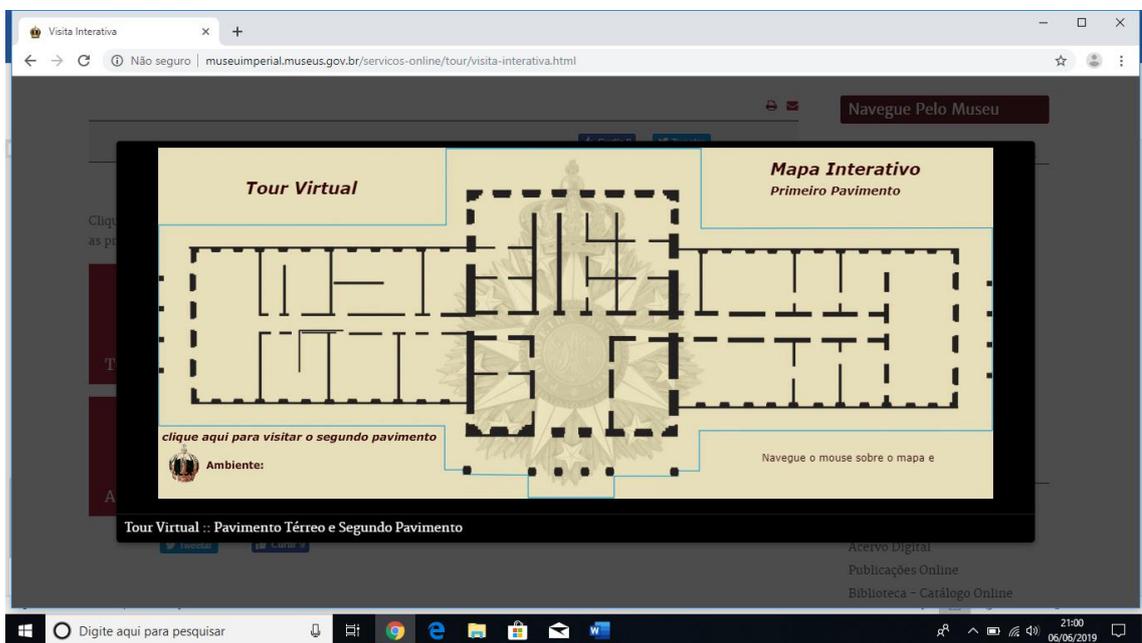
No item Tour encontramos os links O museu que não se vê, que se refere ao projeto iniciado em 2002 no qual o visitante pode conhecer os bastidores do museu podendo visitar a biblioteca, a reserva técnica e o acervo preservado. Segundo o site do museu o objetivo dessa atividade é “oferecer ao público a oportunidade de conhecer o processamento técnico e ‘curiosidades’ do acervo preservado nos setores da instituição.”

A opção Circuito de exposição traz, por meio de imagens e textos escritos, a história de diversas partes do museu imperial e de seus principais personagens. Desse modo podemos encontrar histórias e curiosidades sobre as princesas, os símbolos oficiais, as joias e trajes, entre outros temas.

No item Visita virtual encontramos dois campos em que podemos navegar: o Tour Virtual e o Ambiente 360°, ambos espaços possibilitam a navegação sobre o acervo do museu. Inicialmente iremos analisar o item Tour virtual.

Ao clicar no item Tour virtual nos é apresentado uma planta de todo o prédio do museu, como apresentado na figura 4. A navegação sobre a planta é simples, basta movimentar o mouse sobre um dos ambientes representados. Ao movimentar o mouse sobre um dos ambientes a cor do ambiente muda, ficando um pouco mais escuro e é apresentado o nome do referido espaço.

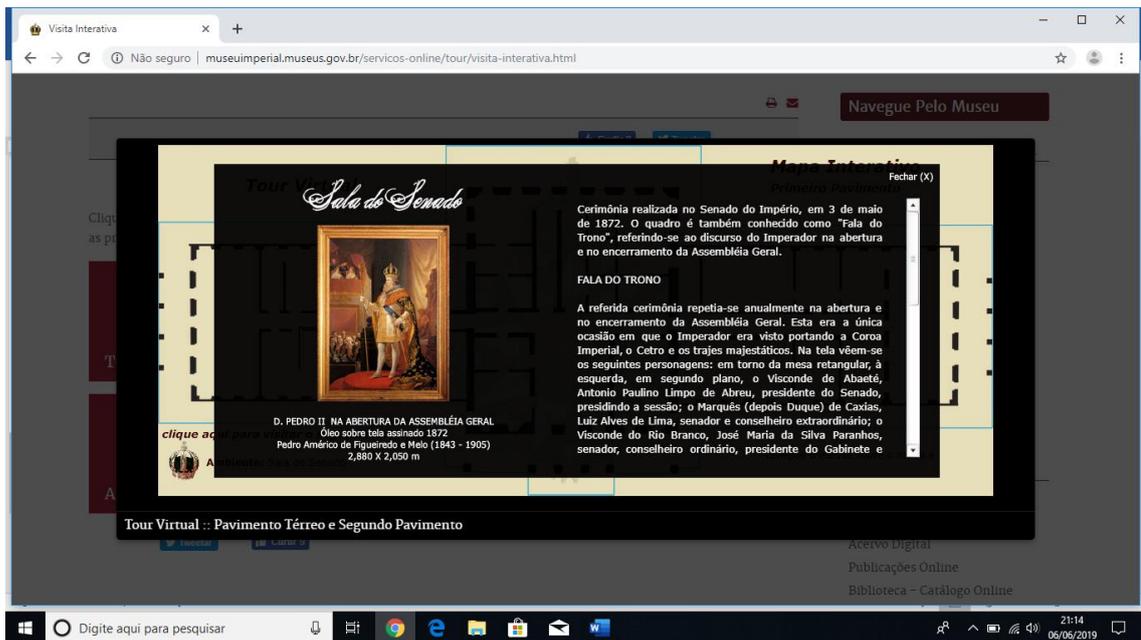
Figura 4: Tour virtual



Fonte: Museu Imperial (2019)

Após fazer a escolha do espaço em que se pretende visitar, é necessário clicar em cima da imagem que representa o ambiente. Ao clicar é aberto uma nova janela com a imagem do espaço ou objeto com informações referentes em forma de texto, como é apresentado na figura 5, possibilitando a aquisição de novas informações e curiosidades sobre o espaço pesquisado.

Figura 5: Sala do senado

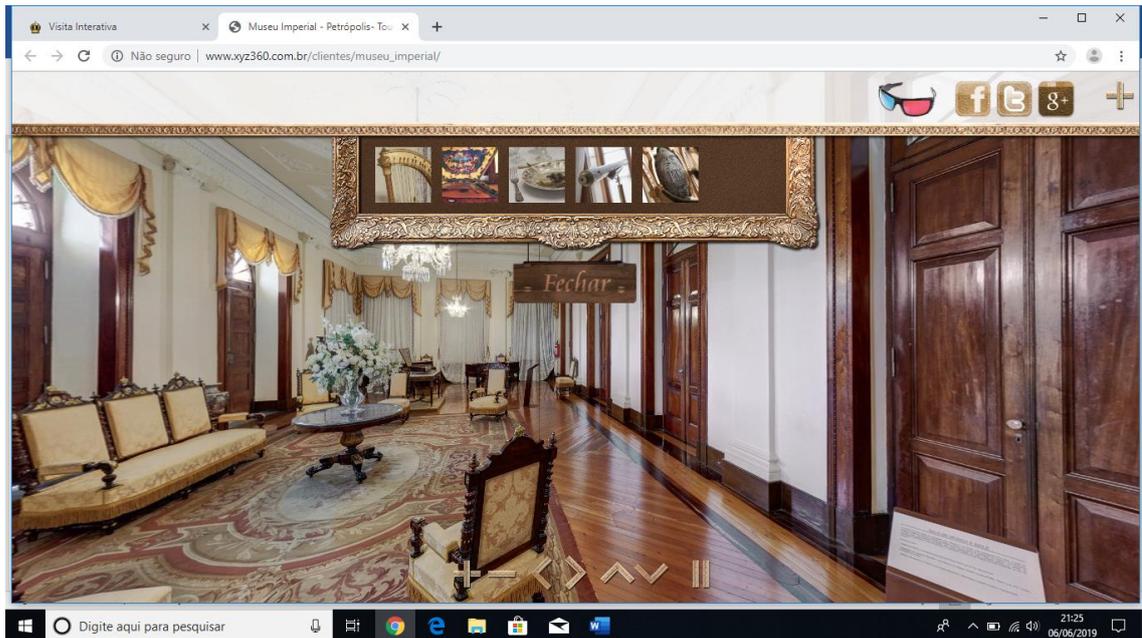


Fonte: Museu Imperial (2019)

O item Ambiente 360º possibilita ao visitante navegar por diversos ambientes dando giros em 360º. Ao clicar é apresentado ao visitante que está navegando pelo site um dos ambientes do museu, como apresentado na figura 6. Na parte superior da imagem é apresentado fotos de outros ambientes em que é possível realizar a visita em 360º. Para isso basta clicar na imagem escolhida.

A visitação nesses espaços é simples. Ao abrir a imagem do espaço escolhido basta repousar o mouse e a imagem começa realizar o giro em 360º. Outra opção é o próprio visitante realizar esse movimento. Para isso é apresentado na barra inferior opções que possibilitam a mudança de direção, aumento (zoom) ou diminuição da imagem e pausa. O site ainda disponibiliza a versão em 3D. Para a utilização do 3D basta clicar no ícone óculos na barra superior da tela. Após irá aparecer as imagens que possuem essa tecnologia. O visitante precisa ter em mãos, no momento da visita, um óculos 3D.

Figura 6: Ambiente 360°



Fonte: Museu Imperial (2019)

Diante do exposto, o Museu Imperial disponibiliza ao visitante uma visita a seu acervo de forma interativa. Por meio de seus links como o Tour virtual e o Ambiente 360° seu visitante pode interagir com a imagem que está sendo projetada. O museu ainda dispõe de um espaço dedicado ao professor oferecendo dicas e formação para que o docente possa realizar uma visita mais produtiva com seus alunos, podendo ela ser presencial ou virtual. Outro exemplo de instituição que possibilita a visita virtual em seu arquivo é o Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- Arquivo Público do Estado de São Paulo

Segundo seu site oficial disponível em <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/institucional>>, a história do Arquivo Público do Estado de São Paulo inicia-se em 1892 com a criação da Repartição de Estatística e do Arquivo do Estado por meio do Decreto nº 30, de 10 março de 1892. Em 1894 foi editada a primeira obra do Arquivo público intitulada Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo.

No ano de 1899 foi transferido para o Arquivo Público todos os documentos, autos e livros existentes nos cartórios escrivães do judiciário, oficiais de registros e tabeliões de notas anteriores ao século XIX, acrescentando assim ao acervo um considerado volume de documentação do período colonial e imperial.

De acordo com o site oficial, o Arquivo Público do Estado de São Paulo passou por grandes mudanças durante sua história. Em 1906 a Repartição de Estatística e Arquivo do Estado foi transferida do Palácio do Governo para o andar térreo dos fundos da Igreja dos Remédios, local que abrigou o arquivo até o ano de 1912 sendo transferido para Rua Visconde do Rio Branco permanecendo até o ano de 1949. Mesmo ano em que o Arquivo é obrigado a mudar-se repentinamente do prédio, dividindo seu acervo em três locais diferentes. Desta forma, o Arquivo Público foi reduzido a atividades administrativas.

Ainda segundo seu site, em 1951 o Arquivo Público foi instalado no antigo prédio da Estrada de Ferro Sorocabana e foram reorganizadas a Seção Histórica e o Serviço de Restauração. No ano de 1953 o Arquivo é novamente transferido, agora para a Rua Dona Antonia de Queiroz, no Bairro da Consolação. O local possuía boa iluminação, o que ocasionava muito menos cansaço visual aos leitores da documentação. Finalmente em 1997 o Arquivo Público consegue sua sede própria localizada no Bairro de Santana, Zona Norte da cidade de São Paulo.

De acordo com o site, no ano de 1976, de acordo com o site da instituição, o Arquivo Público recebeu parte do acervo pessoal do ex-governador de São Paulo Altino Arantes e nos anos seguintes dos ex-governadores paulistas Armando Salles de Oliveira em 1978, José Carlos de Macedo Soares em 1984, Júlio Prestes em 1981 e 1990, Washington Luís em 1991 e Adhemar de Barros em 2001.

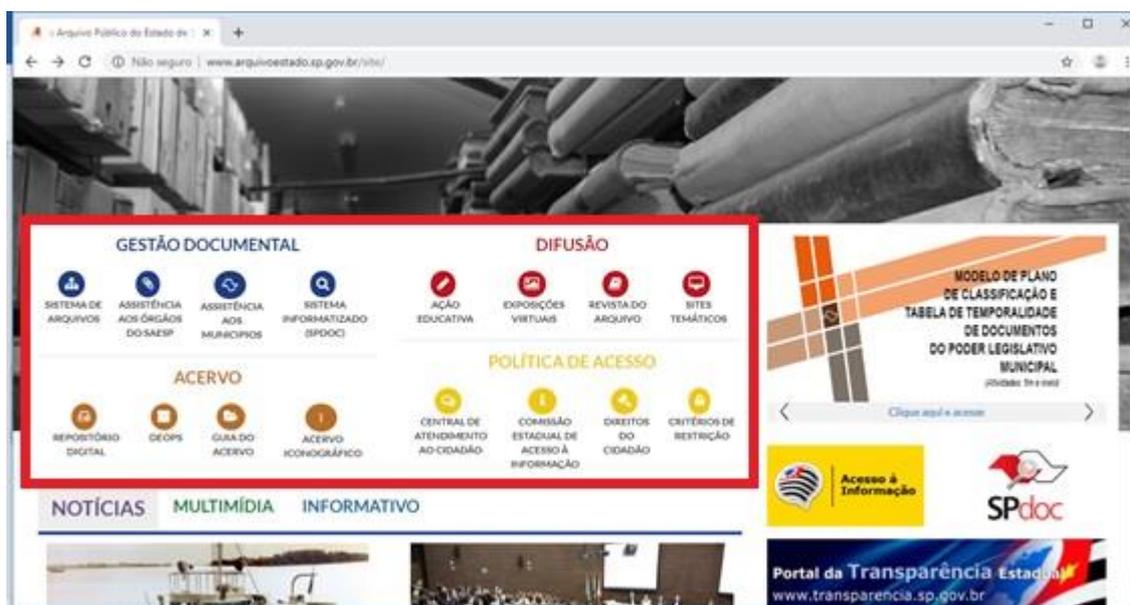
Em 2000 o Arquivo Público do Estado de São Paulo lançou sua primeira edição da Revista Histórica que foi publicada impressa até o ano de 2005, hoje a Revista é eletrônica e publicada bimestralmente. Em 2006 o Arquivo Público tornou-se uma unidade formada por dois departamentos: o Departamento Técnico de Gestão do Sistema de Arquivos e o Departamento de Preservação e Difusão da memória.

Atualmente o Arquivo Público do Estado de São Paulo é o responsável pela formulação de políticas públicas de gestão documental para o governo do estado e possui em seu acervo histórico diversos documentos textuais, fotografias, mapas, ilustrações, jornais, revistas e livros e conta com mais de 400 mil imagens de documentos digitalizados e disponíveis para consulta.

Segundo o site institucional a missão do Arquivo Público do Estado de São Paulo é “promover o acesso democrático e gratuito à informação pública por meio do desenvolvimento de políticas de gestão documental no Estado de São Paulo.

Ao entrarmos no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo é possível encontrarmos a divisão dos principais espaços do site em quatro partes: Gestão Documental no qual encontramos informações referentes ao sistema de arquivos, ao sistema informatizado (SPDOC) e assistência aos municípios e aos órgãos do SAESP; Difusão no qual é apresentado informações sobre o setor educativo, as exposições virtuais, a revista do arquivo e aos sites temáticos; Acervo é possível encontrar informações referentes ao repositório digital, o acervo iconográfico e o guia do acervo; e a Política de Acesso no qual é possível encontrar informações de como entrar em contato com a instituição e legislações relacionadas com a política de acesso aos arquivos como mostra a figura 7.

Figura 7: Página inicial do site do Arquivo Público do Estado de São Paulo

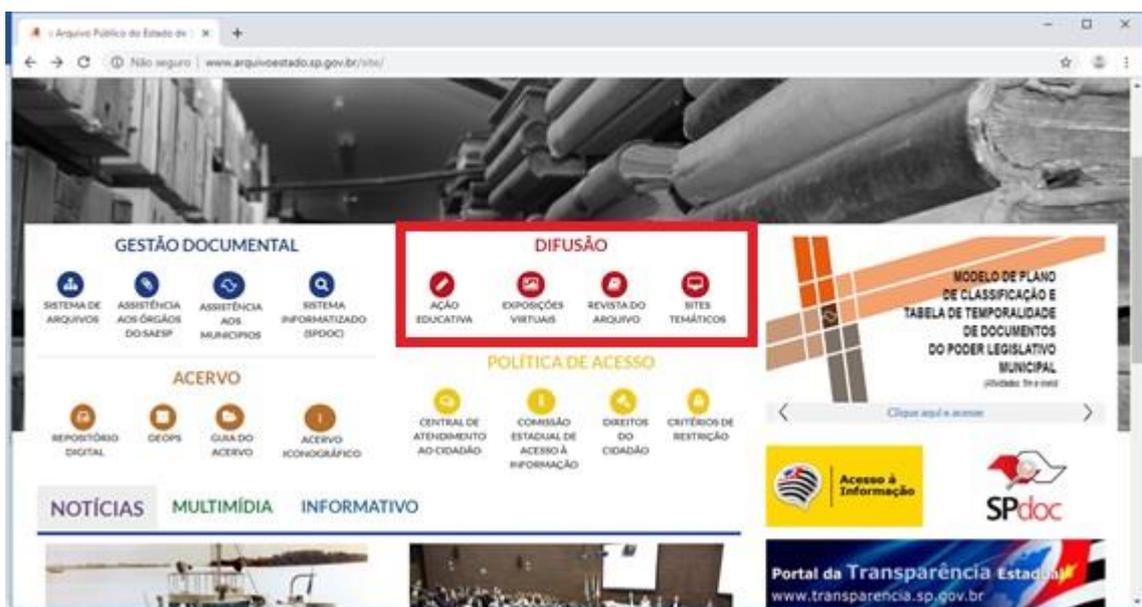


Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

Por ser do interesse da presente pesquisa o setor educativo do museu, iremos nos atentarmos ao item Difusão que se refere a seção educativa do Arquivo Público. A parte Difusão é dividida em quatro opções: Ação educativa, Exposições virtuais, Revista do Arquivo e Sites Temáticos como é apresentado na figura 8.

Na opção Ação educativa encontramos informações referentes as atividades educativas realizadas pela instituição. De acordo com o site “o Núcleo de Ação Educativa tem como atribuição elaborar programas educativos como o objetivo de aproximar o Arquivo Público do Estado de São Paulo de instituições educacionais e da sociedade em geral.” Na opção Revista do Arquivo encontramos as publicações da revista da instituição. Ela é eletrônica e publicada bimestralmente. Na opção Sites temáticos são apresentadas informações sobre os principais temas presentes nos documentos do Arquivo como imigração, educação, imprensa, entre outros. Segundo o site da instituição o objetivo “é mostrar ao público em geral os diversos caminhos de pesquisa e investigação da realidade, que podem ter como ponto de partida a documentação pública ou privada.”

Figura 8: Difusão

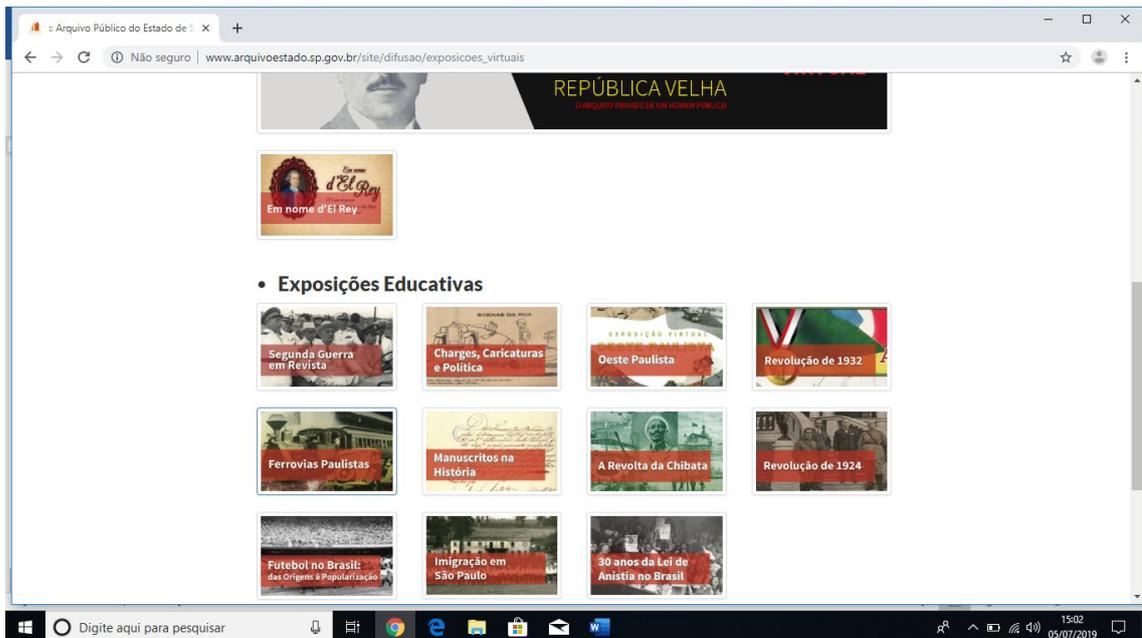


Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

O item Exposições virtuais dá acesso ao usuário a diversas exposições virtuais, como apresentada na figura 9, elaboradas pelos profissionais do Arquivo Público do Estado de São Paulo referentes a diversos temas. Segundo seu site “este espaço responde à missão de dar acesso a documentos públicos devidamente tratados e favorecer a pesquisa, proporcionando conhecimento e entretenimento cultural aos seus visitantes.”

A navegação pelas exposições é simples, basta clicar com o mouse a exposição que pretende visitar. O site é bem instrutivo e apresenta seções para professores com textos e atividades que podem ser utilizados em sala de aula.

Figura 9: Exposições virtuais



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

A título de exemplificação iremos utilizar a exposição virtual Ferrovias Paulistas para elucidar como poderia ser trabalhada em sala de aula. Como dito anteriormente a navegação é simples, basta clicar na exposição Ferrovias Paulistas. Ao clicar com o mouse é aberta uma nova janela com a exposição. Ao abrir a exposição é apresentado um texto introdutório sobre o assunto e três opções: Exposição, Atividades Pedagógicas e Seleção de Fontes como é possível perceber na figura 10.

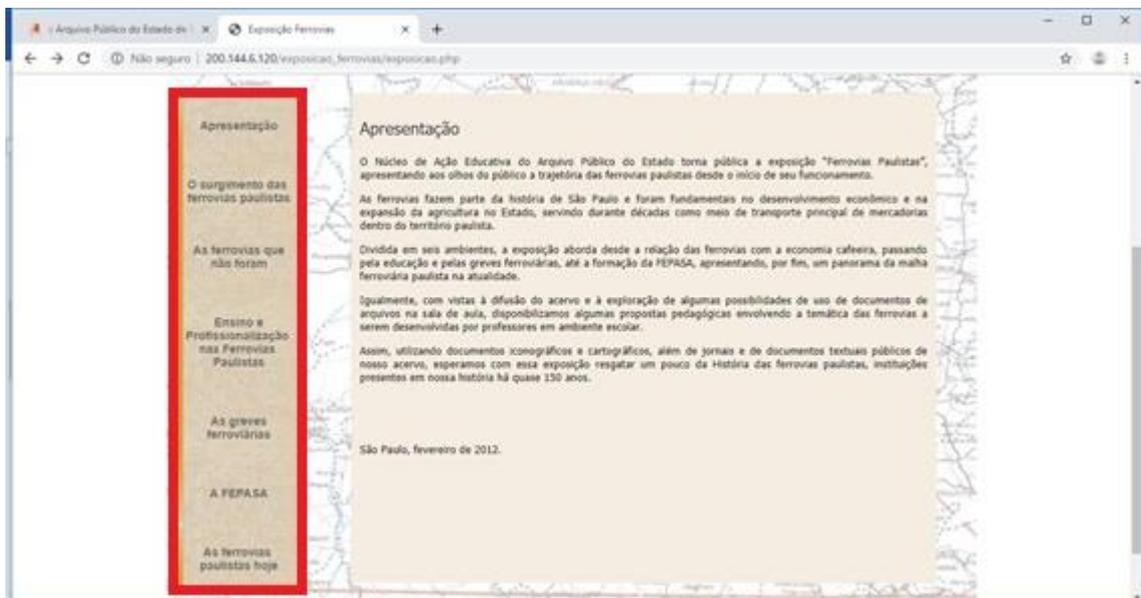
Figura 10: Exposição Ferrovias Paulistas



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

Ao clicarmos no item Exposição é apresentado na barra lateral esquerda uma série de textos que apresenta a história da ferrovia no estado de São Paulo desde a sua origem até os dias atuais, como mostra a figura 11. Os textos são concisos e possuem uma linguagem clara podendo ser utilizados em sala de aula como complemento a uma atividade referente ao tema.

Figura 11: Exposição

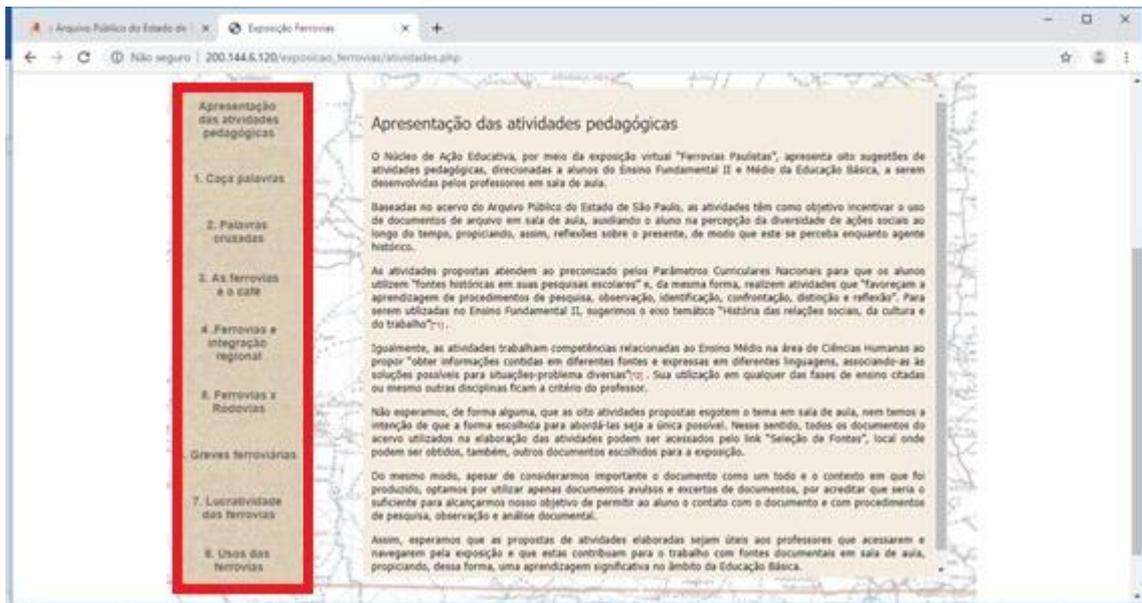


Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

No item Atividades Pedagógicas são apresentadas na barra lateral esquerda oito diferentes atividades elaboradas pelos profissionais do Arquivo Público do Estado

de São Paulo, no qual foram utilizados diversos documentos do próprio arquivo relacionados ao tema ferrovias paulistas, como mostra a figura 12. As atividades são em formato PDF o que possibilita ao professor baixar as atividades em seu computador e imprimir para seus alunos.

Figura 12: Atividades Pedagógicas



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

Por fim, o item Seleção de Fontes possibilita ao visitante o acesso aos acervos em que foram selecionados os documentos para elaboração da exposição e das atividades pedagógicas, como o acervo iconográfico³, o acervo cartográfico⁴, o acervo da hemeroteca⁵ e o acervo textual permanente⁶, como apresentado na figura 13.

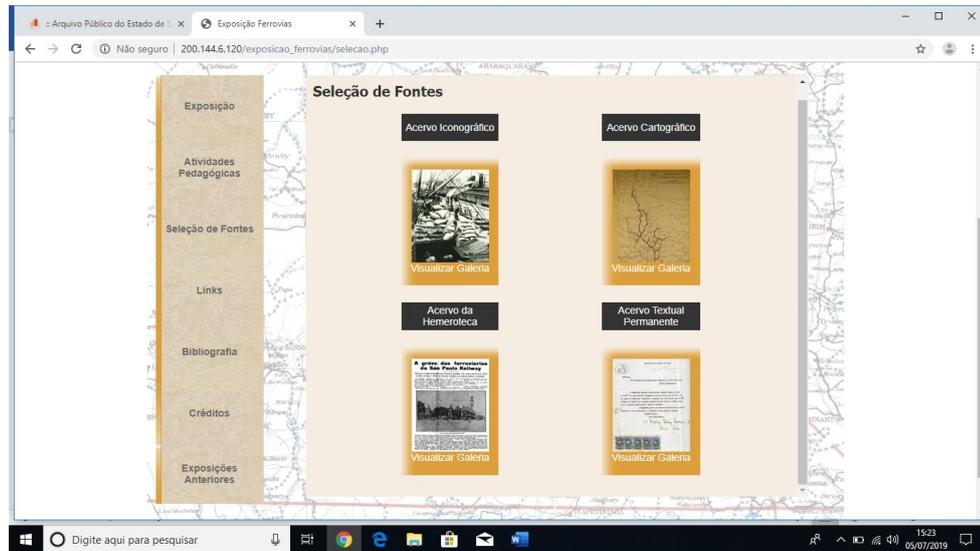
³ Apresenta fotografias da época do café que ilustra o período apresentado.

⁴ Neste acervo é apresentado mapas do território paulista no período.

⁵ Na hemeroteca é disponibilizado periódicos que circulavam no período estudado.

⁶ É apresentado diversos textos e documentos escrito do período.

Figura 13: Seleção de fontes



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (2019)

O Museu Imperial do Rio de Janeiro e o Arquivo Público do Estado de São Paulo são bons exemplos de instituições museais e arquivísticas que possibilitam a visita virtual em seu acervo. A possibilidade dessas visitas dá ao professor alternativas para a realização de atividades diferenciadas e significativas aos alunos durante as aulas de História. Podemos citar como outros exemplos de instituições que possibilitam as visitas virtuais o museu Casa Portinari localizado em Brodoswki no estado de São Paulo e em outras regiões do mundo como o Museu do Louvre em Paris/França que disponibiliza vídeos e imagens de suas exposições. Uma nova iniciativa visando a visita de seu acervo é do Museu Ferroviário Regional de Bauru que possui um projeto de digitalização de seus documentos e estão disponíveis em seu site, sendo possível o acesso de que qualquer pessoa ao acervo.

As visitas virtuais ampliam as possibilidades de o professor oferecer atividades diferenciadas para seus alunos, o que permite um ensino mais significativo e condizente com sua realidade resultando em melhores resultados no processo de aprendizagem e construção do conhecimento. Neste sentido, foram entrevistados quatro professores da educação básica com o objetivo de investigar a interação do ensino de História com os museus.

5. A educação em museus na prática: o dizem os professores?

Com o objetivo de aprofundar a discussão da presente pesquisa e analisar a importância das visitas técnicas para o processo de ensino e aprendizagem, foram entrevistados quatro professores da educação básica da região de Bauru. No intuito de preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos foram nominados de: Professor 1, Professor 2, Professor 3 e Professor 4.

O Professor 1 possui graduação em História e atualmente é aluno de curso de especialização na área de História. Leciona há seis meses, ministrando aulas da disciplina em duas escolas públicas da cidade de Bariri para turmas de sexto, oitavo e nono ano do ensino fundamental II. As escolas em que atua atende alunos da zona rural e periferias da cidade com idades entre 11 e 15 anos cursando o ensino fundamental II.

O Professor 2 leciona há dois anos e possui graduação em História. Atualmente é aluno de curso de especialização na área de História. Participou de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e realizou iniciação científica com alunos do ensino médio. Leciona em duas escolas privadas do município de Jaú, ministrando aulas das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. As escolas atendem alunos do quinto ano do ensino fundamental II ao terceiro ano do ensino médio de classe econômica média e média alta.

O Professor 3 possui graduação em História e Direito, especialização em Educação Escolar e mestrado em História Cultural. Leciona há 33 anos, ministra aulas da disciplina História em três escolas privadas, sendo duas do município de Bauru e uma localizada no município de Piratininga. Em ambas escolas ministra aulas para o ensino médio. Leciona no ensino superior em uma universidade privada nos cursos de História, Educação Física e Arquitetura e Urbanismo. Por se tratar de uma pesquisa relacionada a educação básica, as questões e, conseqüentemente, as respostas se referem a experiência do professor neste nível educacional. Neste sentido o professor atende nas escolas de educação básica um público-alvo semelhante, com alunos de classe econômica média com idades entre 14 e 18 anos.

O Professor 4 possui graduação em Ciências Biológicas e especialização em Saúde Pública. Leciona há 20 anos, ministrando as disciplinas de Ciências, Biologia, Química e Matemática em duas escolas públicas, sendo uma no município de Bauru

e uma no município de Piratininga para alunos do sexto ao nono ano e nos três anos do ensino médio. As escolas atendem públicos semelhantes, no entanto a escola do município de Bauru atende alunos do ciclo fundamental I e II e ensino médio e a escola do município de Piratininga do ciclo fundamental II e ensino médio.

Vale salientar que todos os entrevistados cederam o direito de uso das respostas para a escrita do texto da dissertação e demais trabalhos que venham a ser escritos a partir dela.

- A importância das visitas aos museus como ambientes de educação não-formal

Inicialmente questionamos os entrevistados qual seria a importância das visitas técnicas a museus para o ensino de História e para o processo de ensino e aprendizagem. Cabe salientar que as respostas do Professor 4 se referem ao ensino de Ciências, por se tratar da disciplina que leciona. O que nos dá a entender que as visitas a museus não é uma atividade que diz respeito apenas para a disciplina de História, mas para outras disciplinas do currículo, possibilitando assim a elaboração de projetos interdisciplinares.

Para o Professor 1 as visitas aos museus possibilitam ao aluno a apropriação de novos conhecimentos, pois por meio das visitas técnicas os alunos entram em contato com novas realidades tanto nacional, como internacional. Segundo o professor:

Elas são de grande valia pro ensino, uma vez que trazem para aquelas crianças, aqueles educandos uma realidade que eles não vão ver em sala de aula, tá? Eles podem ter contato com peças, objetos, com fotos, ter outras sensações. Ter outras experiências que dentro da sala de aula, tradicional, só com lousa e giz eu não conseguiria estar passando pra eles. Permite a eles também uma apropriação cultural, uma vez que o museu, néh, seja ele qual for ele está relacionado a alguma cultura, a cultura local, nacional ou até internacional e quando o aluno visita aquilo ali ele está se apropriando daquilo, está abrindo seu leque de conhecimento está tendo acesso a outras, vamos dizer assim, a outras experiências mesmo. (PROFESSOR 1, 2019)⁷

A esse respeito, o Professor 2 diz que ele possui a prática de realizar visitas técnicas a museus e ressalta que essas visitas dão “uma sensibilidade muito maior ao aluno, ele poder ver o objeto, poder sair do ambiente escolar. É algo que os próprios

⁷ Com o objetivo de referendar o autor da fala ao final de cada citação é apresentado o autor da fala (Professor 1, Professor2, Professor 3 ou Professor 4) e o ano em que foi realizada a entrevista. Salientamos que todos os entrevistados autorizaram o uso das respostas. No entanto, com o objetivo de preservar a identidade dos mesmos não foram anexados os termos de consentimento por conter o nome dos entrevistados.

PCNs propõem.” O professor destaca que ao realizar as visitas é possível sentir a diferença no aprendizado do aluno. Segundo o mesmo:

Até quando ele [o aluno] faz uma prova que ele só viu o conteúdo em sala a resposta parece muito mais decorada, quando ele faz uma prova que teve o conteúdo em sala e no museu, que é o ambiente que mais costumo levar fora de sala, a resposta parece que sai muito mais do pessoal, de um aprendizado mesmo, de uma vivência. (PROFESSOR 2, 2019)

Da mesma forma que o professor 2, o Professor 3 relata que em sua prática docente é comum realizar visitas a museus e destaca que a importância dessas visitas se dá devido ao fato de:

Você perceber que a história está ao seu lado. Ela faz parte da sua cidade, a sua cidade tem história. Você tem história dentro da cidade e essa história está retratada às vezes de uma forma estática, às vezes de uma forma dinâmica dentro dos museus. (PROFESSOR 3, 2019)

Em uma realidade totalmente diferente, o Professor 4 conta que gostaria de realizar mais visitas técnicas a museus, mas que isso não acontece por uma série de obstáculos que se apresenta ao elaborar a visita. O Professor acredita que essas visitas são importantes, segundo ele:

A gente mostra que não é só o que está no papel, estar ali no físico, nosso aluno é muito concretista, então ele vai fixar no concreto. Ele está ali na realidade, participando, vendo, questionando os professores. É uma realidade muito necessária para eles, um contato com as obras e isso infelizmente fica muito distante. (PROFESSOR 4, 2019)

Por considerarem a visita técnica a museus uma importante atividade para o processo de construção do conhecimento todos os professores ouvidos ressaltaram a importância do planejamento para a realização da atividade.

Em relação ao planejamento, o professor 1 nos explicou que ao realizar visitas aos museus costuma elaborar atividades antes, durante e após a visita. Como exemplo descreveu como foi planejada a visita ao museu localizado na cidade de Bariri. Fica evidente que uma visita a um ambiente externo da escola inicia-se bem antes da visita propriamente dita, com a escolha do local, os objetivos que se pretende alcançar e os preparativos necessários como a comunicação aos pais e aos alunos.

Antes da visita foi realizada uma pesquisa sobre o que o museu oferecia, o que tinha nele, o que podia ser visitado. Logo após houve um encontro presencial entre eu e outra professora da escola juntamente com a coordenadora da escola e os responsáveis pelo museu para acertar as datas das visitas e tudo mais e o aviso aos alunos, neh? Para levarem autorização, para serem assinadas pelos pais que eles estavam cientes que os filhos sairiam por um determinado período da escola, o respaldo legal que precisa para fazer uma atividade como essa. (PROFESSOR 1, 2019)

Em relação as atividades realizadas com os alunos especificamente, o Professor 1 ressalta que foram realizados três momentos: a sensibilização, a realização da visita e a conclusão com exercícios de fixação. De acordo com o mesmo as atividades realizadas foram:

Antes da visita foi comentado com os alunos, foi feito uma sensibilização de que faríamos uma atividade externa, que iríamos ao museu, iriam conhecer coisas diferentes, perguntei se algum deles já tinham ido. Pouquíssimos já conheciam então para muitos foi a primeira experiência naquele museu. Durante a visita teve todo o aprendizado ali dentro, puderam conhecer visitar, tiraram suas dúvidas e após isso tiveram uma devolutiva deles: o que eles acharam, se eles gostaram ou não, outros museus que eles poderiam conhecer que se interessaram e pensaram em fazer outras visitas. (PROFESSOR 1, 2019)

Ao realizar seu planejamento, o Professor 2 destaca que sempre busca primeiramente a proximidade do local a ser visitado e busca saber sobre a visita guiada referente ao tema que está sendo trabalhado em sala de aula. Desta forma, a visita possui um objetivo em si que está diretamente relacionada ao tema que está sendo trabalhado em sala de sala. O professor ainda diz que, muitas vezes, a visita não é feita em todo o acervo do museu, mas em partes específicas relacionadas com seu objetivo. “Eu busco focar primeiro na viabilidade, não dá pra ficar no inviável mesmo sendo escola privada, e relação com conteúdo.” (PROFESSOR 2, 2019) E ressalta a importância de realizar atividades antes, durante e após as visitas para que não seja apenas uma visita pela visita.

Eu sempre tento fazer, deixar o aluno preparado com uma bagagem para poder discutir sobre o material no museu, até para despertar curiosidade. Durante eu gosto mais (...) eu não gosto de fazer intervenções, uma ou outra só para o aluno lembrar o que aconteceu em sala, mas eu gosto que o guia fale muito mais, até por conhecer a exposição e entender como estão formados os objetos nos respectivos lugares, então eu prefiro que o guia faça. E após eu não costumo pedir aquele negócio de relatório, mas eu dou uma retomada no conteúdo da aula para ver como eles estão se saindo, na prova eu fujo um pouco do material e trago da experiência no museu, tento fazer essa relação. (PROFESSOR 2, 2019)

Ao falar de seu planejamento ao realizar uma visita técnica ao museu, o Professor 3 nos fala que é de sua prática fazer atividades prévias com os alunos no intuito de prepará-los para a visita. Após a visita técnica é pedido aos alunos a elaboração de relatórios a fim de fixar os conteúdos aprendidos durante a atividade.

O Professor 3 ainda relatou outra atividade que realiza com os alunos. Embora não seja feita no museu é pertinente destacá-la por ser realizada em um ambiente fora dos muros da escola: a rua, transformando assim esse ambiente em um ambiente

não-formal de educação. Com o objetivo de propiciar momentos em que os alunos possam conhecer melhor a história de sua cidade, o professor, juntamente com seus alunos, faz uma visita técnica ao centro da cidade, num percurso que passa por 12 prédios antigos. “Eu faço essa visita guiada de 12 imóveis históricos do centro da cidade que vai da Araújo Leite até a estação central.” (PROFESSOR 3, 2019)

Em relação ao seu planejamento, o Professor 4 relata que ao fazer uma visita técnica ao museu sempre elabora atividades antes, durante e após a visita. Antes da realização da atividade é apresentado aos alunos o motivo da visita, o local a ser visitado, quais pontos devem ser destacados. Durante a visita é feito o acompanhamento aos alunos, orientando caso seja levantado algum questionamento e após busca ouvir o *feedback* dos alunos sobre a visita realizada.

O professor destaca que normalmente ao elaborar o projeto da visita, a escolha do local a ser visitado e os objetivos da atividade busca trabalhar de forma interdisciplinar conciliando as demais disciplinas do currículo escolar. E ressalta que a maioria das parcerias são feitas entre os professores de História, Geografia e Ciências devido as disciplinas possuírem maior afinidade uma com as outras.

Para ilustrar seu planejamento, o Professor 4 descreveu uma visita realizada ao Museu do Café da cidade de Piratininga. A visita foi feita com os alunos que tiveram melhor desempenho em atividades da sala de leitura da escola. No primeiro momento, segundo conta o Professor 4, ao revelarem aos alunos que iriam ao Museu do Café da cidade muitos ficaram surpresos, pois não sabiam da existência do museu na cidade. Durante a visita foram feitas atividades que abrangiam as disciplinas de História no que tange ao histórico do local e do município, Geografia com a exploração da localização do museu e Ciências com o estudo da vegetação ali encontrada. As atividades foram elaboradas e monitoradas pelos profissionais do museu. Com a visita, o Professor ressalta que foi possível perceber que os alunos tiveram uma melhor aprendizagem, pois eles “conseguiram fazer uma interligação com o conteúdo da sala de aula e a prática muito melhor.” (PROFESSOR 4, 2019) Ao final foi ouvido o *feedback* dos alunos sobre tudo que aprenderam durante a visita.

Desta forma, fica evidente que as visitas em museus trazem grandes contribuições para o processo de aquisição e construção do conhecimento. Essas contribuições são ressaltadas pelo Professor 1, segundo o mesmo, a realização de

visitas técnicas a museus traz significativas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. O professor acredita que com essas visitas os alunos conseguem conciliar a teoria aprendida na sala de aula com o objeto ali exposto, e destaca, que na visita ao museu de Bariri, os alunos entraram em contato com a história local sendo possível perceber o sentimento de pertencimento despertado durante a visita. De acordo com o Professor 1 as visitas técnicas a museus permitem relacionar todo o aprendizado com o seu cotidiano e, muitas vezes, dar a oportunidade ao aluno de conhecer um museu. “Se a proposta da escola que é transmitir os conteúdos e o legado cultural para a sociedade, acredito que essa missão foi cumprida, porque todo esse legado cultural foi transmitido nessa visita ao museu.” (PROFESSOR 1, 2019)

No que tange as contribuições das visitas a museus para o processo de ensino e aprendizagem, o Professor 2 acredita que seja o fato delas marcarem os alunos de alguma maneira, o contato com o objeto. De acordo com o professor:

Contribuição para mim, o que eu percebo é algo ficar marcado inesquecível pro aluno, ele pode não lembrar muitos assuntos, mas o que ele viu, o que ele discutiu dentro do museu, o que ele fez de ativo dentro do museu, não passivo, mas o que ele fez de ativo no museu ele não esquece. (PROFESSOR 2, 2019)

E relata uma experiência vivida para ilustrar sua fala:

Uma das visitas foi com um aluno cego. A gente fez uma experiência sensorial da questão indígena com pessoas cegas e um dos participantes foi meu aluno e, questão de ponta de flechas, cerâmicas para explicar a questão indígena regional e ele em sala de aula, como ele tinha feito a visita e os outros alunos ainda não, ele teve um desempenho muito superior. Então a questão de marcar assim é o que eu mais percebo no processo de ensino e aprendizagem que bate muito, o aluno participando daquilo e se interessando, sendo alguém ativo naquele conhecimento, alguém inteirado. (PROFESSOR 2, 2019)

- O uso das tecnologias na realização de visitas virtuais aos museus

Quando questionado sobre o uso de tecnologias para realização de visitas virtuais a museus, o Professor 1 reconheceu que essas atividades virtuais são importantes para o processo, no entanto, ainda não as utilizou em sala de aula. Questionado sobre o que lhe impedia de utilizar as novas tecnologias destacou a falta de “recurso tecnológico de qualidade” disponível pela escola, como *internet* de alta velocidade, ocasionando a distração dos alunos que ficam aguardando a página da *web* pesquisada carregar e ressalta que se tivesse “recursos um pouco melhor” realizaria as visitas virtuais.

Em relação ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação o Professor 2 acredita que são importantes ferramentas para o processo de aprendizagem e destaca que em relação as visitas virtuais elas “tem que ser bem feitas pelo próprio museu.” No sentido da elaboração do site, disposição das imagens e ferramentas disponíveis. E acrescenta que na impossibilidade de ir a algum museu, a visita virtual é válida como alternativa. O professor ainda compartilhou uma experiência na qual realizou uma visita virtual com os alunos na Capela Sistina:

Primeiro eu sugeri que eles vissem em casa, mas eu percebi que isso não teve apego, apelo nenhum, então eu resolvi fazer em sala. Fiz em sala, claro que não ocupei uma aula toda, até por uma questão de conteúdo, mas foi algo diferente. Ainda assim acredito que a experiência pessoal ao museu é melhor, você ir ali, tocar, ver, alguém estar te falando. Mas a visita virtual já colabora suficientemente a ponto de mudar a dinâmica da aula. Você agregar conteúdo ali, despertar algo diferente no aluno. (PROFESSOR 2, 2019)

Para que essa atividade fosse possível, a escola do Professor 2 dispõe de todo um aparato tecnológico que viabiliza que a atividade fosse feita, bastando apenas que o professor reserve a sala. O professor 2 também já realizou atividades utilizando os aparelhos celulares dos alunos e desta forma não é necessário sair da sala de aula.

De acordo com o Professor 3, as visitas virtuais são importantes ferramentas pedagógicas, mas salienta que elas não substituem a visita pessoal ao museu.

Eu acho que nada substitui o ao vivo e as cores, mas com certeza a questão das visitas virtuais, qualquer recurso virtual que você use dentro da sala de aula surte muito efeito [...] é muito interessante, é muito importante as visitas guiadas. É muito válido. (PROFESSOR 3, 2019)

Embora o Professor 3 reconheça a importância das visitas virtuais a museus como uma atividade que potencializa o processo de ensino e aprendizagem diz não as utilizar em sala de aula. Ao ser questionado do não uso dessa ferramenta, o mesmo apontou como principais motivos o esquecimento e o mau sinal de *internet* em uma das escolas o que inviabiliza a realização da atividade.

O Professor 4 entende que as visitas virtuais a museus são de grande valia e salienta sua importância não apenas para serem utilizadas com os alunos como uma atividade prévia, mas como forma do professor conhecer o local antes de levar seus alunos e observar se o museu atende aos objetivos por ele selecionados para a realização da atividade.

Embora ressalte as potencialidades das visitas virtuais, o Professor 4 diz não realizá-las em sala de aula devido à falta de recursos tecnológicos disponíveis que

viabilizem a atividade e pensando o aparelho celular particular do aluno como uma possibilidade também é inviável, pois os alunos possuem o aparelho, no entanto, a maioria não possui o sinal de internet e quando possui não tem domínio sobre as ferramentas disponíveis.

- A relação dos ambientes formais de educação com os ambientes não-formais de educação

No que tange a relação entre o ambiente formal de educação com o ambiente não-formal de educação, o Professor 1 nos explica que aprendemos a todo o momento, independente se o ambiente educativo é formal, informal ou não-formal, mas ressalta que é necessário essa aproximação da escola com esses espaços educativos, em particular, o museu.

Quando a gente vai ao museu é importante que os alunos tenham essa consciência, que a gente busca passar, que não é um passeio, que não é pra ir lá pra matar aula, para dar uma volta pela cidade é ir lá porque lá é um lugar de aprender também, na escola a gente aprende, usa caneta e papel, escrevo na lousa, legal, mas quando a gente está lá no museu a gente está ouvindo, está vendo as fotos, está vendo os objetos, a gente também está aprendendo [...] a integração escola-museu ela tem que acontecer mesmo porque não dá para gente fazer tudo dentro da sala de aula. (PROFESSOR 1, 2019)

Para o Professor 2 a relação entre o ambiente formal de educação e o ambiente não-formal de educação é imprescindível, pois a escola “forma o aluno para o ambiente não-formal e para o informal.” E acrescenta que essa relação é importante “tanto para preparar o aluno para o ambiente não-formal e informal, quanto para ele ressignificar espaços da comunidade que, às vezes, ele não entende o por que aquilo está ali ou o uso que ele pode fazer.” (PROFESSOR 2, 2019)

De acordo com o Professor 3 essa relação entre os ambientes educativos é muito importante e ressalta que:

Quando você entra em um museu, por mais desatualizado que ele esteja, porque hoje em dia tem que ser interativo, as exposições tem que ser dinâmicas etc. sempre fica alguma coisa marcada do diferente, do estranhamento. Então é muito importante você criar oportunidades de você sair da sala de aula. É uma luta inglória quase, porque ou você faz grandes projetos que duram uma semana e são difíceis de serem executados e são executados só em escolas muito caras que sabem da importância disso ou então você está aprisionado, está amarrado igual Prometeu na montanha à questão do conteúdo, a questão do simulado, a questão do vestibular e que fica só no mental, mental, mental, mental e isso é muito empobrecedor infelizmente. (PROFESSOR 3, 2019)

E nos chama a atenção para o fato de o que propicia essa relação entre os ambientes educativos é o professor:

Porque se você for pensar friamente no ambiente escolar o que se vende é a questão da preparação para o vestibular, então você tem que dar conta dos conteúdos das apostilas e é engraçado porque as direções e coordenações elas sabem da importância disso, mas elas ficam sempre entre a cruz e a caldeirinha, fica ali no 'puxa a vida é importante, mas se a gente começar a fazer muito isso vai atrasar a matéria e não vai passar no vestibular' esquecendo hoje que nós temos boas faculdades e universidades particulares que não demandam um vestibular tão difícil para ser realizado e poderia se investir mais nessa questão da educação não-formal. (PROFESSOR 3, 2019)

O professor 4 destaca que a relação entre os ambientes educativos é de grande importância, pois “isso desperta o aluno. É um outro olhar. A gente sai daquele Blábláblá da sala de aula que eles acham e vamos realmente ir pra campo, andar, olhar, observar, ver curiosidades e aprendem e daí nunca mais esquecem.”

Apesar das visitas técnicas serem importantes ferramentas para o processo de aprendizagem dos alunos, as escolas, principalmente as escolas públicas enfrentam grandes dificuldades em realizá-las.

- As dificuldades na realização das atividades

O Professor 1 reconhece que para realização das visitas técnicas são apresentadas algumas dificuldades e destaca como maiores dificuldades o transporte, a verba e os ingressos o que dificulta a realização da atividade. E critica que:

Nesta sociedade capitalista em que vivemos, que para tudo precisa de dinheiro, talvez o aluno não tem condições financeiras de pagar, de contribuir para uma viagem para ir no museu de São Paulo por exemplo, a família não dispõe de um recurso para pagar, ajudar fretar um ônibus para ir e, às vezes, o setor público não oferece esse respaldo financeiro para estar levando os alunos até lá. (PROFESSOR 1, 2019)

Outro ponto destacado pelo Professor 1 que dificulta a realização das visitas técnicas a museus é o tempo e a burocracia. Segundo o professor a questão burocrática é tão lenta que não permite a visita seja realizada. O professor ainda acredita que a escola está muito centrada na sala de aula, reconhece a importância dos espaços não-formais de educação, porém ela ainda está centrada na figura do professor.

Em relação as maiores dificuldades, o Professor 2 destaca o estigma do museu ser um lugar chato, um lugar de coisas velhas. A conservação dos próprios museus e o descaso do setor público também podem se tornar um problema, pois muitas vezes, segundo o Professor 2, o museu pode se tornar “um cabide de empregos.” Pelo fato de muitos governantes não reconhecerem a importância da

instituição museológica, é comum presenciarmos a alocação de profissionais que não possuem formação adequada para os museus públicos.

Para o Professor 3, as maiores dificuldades para a realização das visitas técnicas em museus, são o transporte, interesse, a disponibilidade da escola e o apoio da coordenação em seu projeto e ressalta:

É difícil, a gente sempre está amarrado na questão do ensino particular que mesmo que as pessoas saibam, tranquilamente sabem que não vão, que seus filhos não vão passar em uma escola pública porque, às vezes, não tem a capacidade necessária, não tem a questão da dedicação necessária, a escola pública ela passa impressão tão ruim para classe média que a classe média acaba matriculando seus filhos na escola particular que tem essa pegada conteudista mesmo. (PROFESSOR 3, 2019)

Sobre as maiores dificuldades encontradas para a realização de visitas técnicas em museus, o Professor 4 destaca a falta de transporte para a locomoção dos alunos, a falta de museus que possuam um acervo significativo, muita burocracia e a falta de verbas voltada para a realização das visitas.

Durante a realização das entrevistas com os professores, todos levantaram a questão do transporte como uma dificuldade a ser enfrentada, exceto o Professor 2. Por curiosidade questionei o mesmo sobre esse ponto e ele respondeu que esse problema ele não possui, por dois motivos: o primeiro deles é que em uma das escolas em que leciona fica localizada a quatro quadras do museu, o que permite que a visita seja feita caminhando, sem a necessidade de transporte. O segundo motivo é que quando o museu é distante os pais ajudam financeiramente a fretar um ônibus para levar os alunos. E destaca que em relação a isso há muito apoio e incentivo da escola e dos pais.

- A relação entre os ambientes educativos e as propostas para a uma melhor relação entre os dois

Para o Professor 1:

Infelizmente ela está muito restrita a sala de aula, sabemos da importância da inclusão dos ambientes não-formais, as visitas a museus, mas os desafios, principalmente agora que estamos aí com cortes verbas gigantesco é muito complicado hoje relacionar, fazer essas atividades diferenciadas por causa disso, a gente quer fazer mais não encontra um respaldo que precisaríamos do setor público, hoje eu vejo na minha prática que ainda está muito centrado na sala de aula, ainda está muito na figura do professor, nós precisamos criar inserções metodológicas que propiciem um protagonismo do aluno, saber aprender, saber pesquisar, mais metodologias ativas, mais visitas a museus, só que essas mudanças são processuais, são contínuas. Não dá para implantar de hoje pra amanhã, questões de um mês ou um ano, é toda uma

cultura escolar que tem que ser alterada, para isso a gente precisa de políticas públicas para amparar, uma gestão escolar eficiente, democrática que ouça os professores, ouça os alunos para que os ambientes não-formais, os museus, possam estar cada vez mais presentes na dinâmica da sala de aula. (PROFESSOR 1, 2019)

Quando questionado se a escola possibilita essa relação entre os ambientes, formal e o não-formal de educação, o Professor 2 respondeu que essa relação é o professor que possibilita. Em suas palavras:

A escola, é claro, ele tem que mediar essa relação com os pais, ela tem que entender a importância disto, mas para mim é o professor. E aí nós temos dois lados: o professor que tem que dar 50 aulas na semana e aí é inviável e o professor que não se interessa. (PROFESSOR 2, 2019)

O Professor 4 acredita que a escola ainda está muito restrita a sala de aula. “Com todo esse avanço tecnológico e tudo que temos a nossa volta ficamos para trás. Estamos ainda muito presos a lousa e ao giz.”

Como é possível perceber, a maioria dos entrevistados acredita que a escola ainda está muito centrada na figura do professor e nas metodologias tradicionais de educação, relacionando esporadicamente o ambiente formal com o ambiente não-formal de educação. Mas o que poderia ser feito para relacionar mais esses ambientes que se mostram ser importantes no processo de construção do conhecimento?

Em resposta a essa indagação, o Professor 1 diz que uma das soluções possíveis seria:

Maiores parcerias museus-escola, se a escola não tem recursos para ir ao museu, será que o museu não tem como trazer alguma coisinha para escola, vir aqui fazer uma palestra, trazer uma exposição itinerante para que os alunos também conheçam? Estabelecer parcerias é um primeiro passo. (PROFESSOR 1, 2019)

Quando questionado sobre o que é possível fazer para relacionar mais o ambiente formal de educação com o ambiente não-formal, o Professor 2 brinca que seria o aumento de salário. O que não deixa de ser um ponto importante a ser discutido. Mas ressalta que é muito importante “um professor mais disposto e com mais condições para isso e a partir daí você terá as construções do conhecimento.”

Em relação ao que pode ser feito para que os ambientes formais de educação e os ambientes não-formais de educação possam se relacionar mais, o Professor 3 diz acreditar que nunca irão se relacionar de uma forma tranquila, nas suas palavras:

Eu acho que nunca vai se relacionar de uma forma tranquila no Brasil enquanto você não tiver um outro tipo de escola, um outro tipo de seleção, vestibulares, entre aspas, vestibulares valorizados que são das escolas

públicas e que demandam de um conteúdo muito grande e muito extenso e muito aprofundado. Às vezes, eu fico imaginando de orelha, porque eu não conheço, você vê nos Estados Unidos que a criança é avaliada desde o ensino fundamental e não avaliada no conteúdo, avaliada na sua dinâmica, no seu interesse e ela vai crescendo entra no *high school* que é o nosso Ensino Médio e ela vai sendo avaliada também, além da questão do conteúdo, a questão de participar de grupos sociais que prestam serviços sociais, que frequentam museus, que praticam esportes, então a gente está, nesse sentido, a anos-luz de você fazer essa integração entre o museal, o não-formal etc. e a educação formal aqui no Brasil. (PROFESSOR 3, 2019)

O Professor 4 acredita para que haja maior relação entre os ambientes formais de educação e os ambientes não-formais de educação é preciso que:

O que está acima de nós tenha esse outro olhar, que não é passear com aluno, sair e matar aula, é sim aprender. Como tinha o Lugares de Aprender em uma época na rede estadual de educação de São Paulo que foi fabuloso. Quanto que os alunos aprenderam realmente. Lugares de aprender, não é um passeio, não é matar aula. Enquanto os que estão acima de nós não observar isso fica difícil, pois nós dependemos um do outro e não podemos fazer nada sem autorização, sem condições, sem recursos. Ficamos amarrados. (PROFESSOR 4, 2019)

E ressalta que seria importante mais investimentos, mais políticas públicas e:

Um outro olhar, que não é matar aula e sim são lugares de aprender. Você sempre vai a algum lugar e aprende. Eu acho que instigar nosso aluno que todo lugar que ele vai, não é só num museu, é uma praça, é num restaurante antigo, você passa perto de uma ferrovia, você está aprendendo. É ter esse olhar de aprendizado. Tornar nosso aluno mais questionador e a gente só faz isso tendo aula de campo, porque na aula física na sala de aula a gente tenta instigar isso, mas a gente está distante. (PROFESSOR 4, 2019)

Por meio das respostas dos professores fica evidente a importância da aproximação dos ambientes formais e não-formais de educação, não apenas para o ensino de História, mas para o processo de formação integral do aluno. A visita a museus não apenas potencializa o processo de aprendizagem da disciplina de História, mas de todas as demais disciplinas, desde elaborado um projeto interdisciplinar.

O processo educativo não se dá apenas entre as paredes da sala de aula, ele ocorre em todos os lugares em que estamos diariamente e mesmo sabendo da importância do uso dos ambientes não-formais de educação, como o museu, a realização de atividades nesses ambientes sofre preconceitos. A maioria dos professores relata que essas atividades são vistas como perda de tempo, reduzindo toda a potencialidade educativa desses ambientes, em especial os museus, a meros passeios dados como prêmio a uma turma por ter tido bom comportamento. E esse

pensamento não se limita apenas aos pais de alunos, mas muitos profissionais da educação também acreditam que a educação se dá apenas em sala de aula. O museu ou outros ambientes servem apenas como uma ilustração, apêndice daquilo que se viu teoricamente durante as aulas. Soma-se a esse, outro preconceito já discutido: o de que museu é um lugar chato, lugar de coisas velhas.

Tal preconceito é um dos desafios a serem enfrentados por aquele professor que busca um ensino de História diferenciado, que concilia a escola e o museu. Outro grande desafio é a falta de transporte e verba para a realização da visita técnica. Os professores sublinharam a falta de apoio, atualmente, de setores governamentais, que dê suporte para a que a atividade possa se realizar. O Professor 4 recordou que a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo tinha um programa intitulado Lugares de Aprender que dava apoio financeiro e transporte para a realização de visitas técnicas, mas atualmente, esse suporte não é dado. Cabe destacar que as prefeituras municipais se esforçam para auxiliar nesse processo disponibilizando veículos, no entanto, o período de tempo em que eles podem ser utilizados é limitado.

Como alternativa para contornar essas dificuldades, questionei aos professores a possibilidade da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação para fazer visitas virtuais a museus. Essa atividade seria importante, não apenas para a substituição da visita técnica física quando não há possibilidade, mas na elaboração de atividades prévias para preparar os alunos.

A esse respeito, os professores reconheceram a importância da utilização das novas tecnologias em sala de aula e as visitas virtuais como importantes ferramentas para potencializar o ensino. No entanto, os professores que atuam em escolas públicas, municipais e estaduais, elencaram alguns pontos que inviabiliza a atividade. O primeiro deles é que as escolas não possuem aparato tecnológico que possibilite a realização da atividade como: número de computadores suficientes, sala de informática adequada e a falta de *internet* de rápida velocidade. A essas dificuldades acrescento a falta de formação adequada do professor. Muitos professores não possuem uma formação complementar para utilizar as novas tecnologias e isso ocasiona a criação de certos preconceitos e/ou o não uso dessas ferramentas. O professor ainda hoje é:

Formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aula expositiva para transmitir esses ensinamentos;

dessa forma, a avaliação é feita em forma de prova para verificar o grau de assimilação das informações pelos alunos. (Masetto, 2006, p. 134)

O que nos chama a refletir sobre a formação do docente para o uso das novas tecnologias de informação e comunicação que estão disponíveis aos alunos. Neste sentido é necessário “auxiliar os professores na utilização pedagógica da *internet* e dos programas multimídia.” (MORAN, 2006, p. 51) No entanto, é preciso mais do que apenas auxiliar os professores, é necessário ensiná-los a utilizar o computador.

Ajudar na familiarização com o computador, com seus aplicativos e com a *internet*. Aprender a utilizá-lo no nível básico, como ferramenta. No nível mais avançado: dominar as ferramentas da *web*, do *e-mail*. Aprender a pesquisar nos *search*, a participar de listas de discussão, a construir páginas. (MORAN, 2006, p. 51)

A essas dificuldades soma-se o curto período de tempo da disciplina. A disciplina de História possui apenas quatro períodos de 50 minutos cada durante a semana no ensino fundamental e diminui para apenas dois períodos de 50 minutos no ensino médio, o que dificulta o professor elaborar atividades que exijam um período maior de tempo.

Essas dificuldades não são enfrentadas pelo Professor 2 que atua em duas escolas privadas. Segundo o professor, ele recebe apoio da direção da escola e dos pais dos alunos. Desta forma, quando planejada uma visita técnica os pais auxiliam financeiramente na questão do transporte possibilitando que seja contratado um ônibus.

Em relação ao uso das novas tecnologias, o Professor 2 disse que não há grandes dificuldades, pois, as escolas em que atua possuem bom aparato tecnológico e relatou uma das atividades realizada por ele na qual fez uma visita virtual com seus alunos na Capela Sistina.

O Professor 3, que também atua em duas escolas privadas disse que não há dificuldades em elaborar uma visita técnica ou mesmo uma atividade como a visita virtual. No entanto, ele chama a atenção para o fato das escolas privadas estarem muito focadas na questão do vestibular. Por existir essa cobrança as visitas técnicas ficam em segundo plano, pois, para eles, o primordial é a transmissão do conteúdo, realização de simulados e aprovação dos alunos nos vestibulares.

Essas diferentes realidades deixam evidentes as discrepâncias entre as escolas públicas e privadas. As escolas públicas enfrentam maiores dificuldades para

a realização das visitas técnicas do que as escolas privadas. Além do preconceito existente contra os museus e as atividades extramuros da escola, soma-se a isso a falta de verba, dificuldades com o transporte e a falta de aparato tecnológico. No que tange as escolas privadas, a maior dificuldade é a cobrança para transmissão de conteúdos que tem por objetivo a aprovação do aluno em vestibulares.

Diante do cenário exposto, como conciliar o ensino teórico da sala de aula com o museu, com um ambiente não-formal de educação? Algumas possibilidades foram elencadas pelos professores entrevistados. Uma delas é a criação de políticas públicas que visem apoiar atividades extramuros da escola, como o já citado programa Lugares de Aprender. Maior comunicação entre os profissionais dos museus e os profissionais da educação com o objetivo de alinhar a teoria da sala de aula com as exposições dos museus.

A esse respeito, uma das respostas merece destaque. O Professor 1 sugeriu como alternativa para contornar as dificuldades enfrentadas pelas escolas a criação, pelos museus, de pequenas exposições, palestras ou oficinas que fossem levadas até as escolas. Neste sentido, apenas o Museu Municipal de Jaú possui uma atividade semelhante, na qual um monitor do museu vai até as escolas e faz uma pequena apresentação sobre o museu, suas peças e conta um pouco sobre a história do município.

No que diz respeito a falta de tempo, uma possível solução seria a realização de atividades interdisciplinares, entendendo essa como sendo a interação entre duas ou mais disciplinas. Nesse sentido Ivone Yared nos fala que:

Interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e vôo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. (YARED, 2008, p. 165)

Ao relacionar diferentes disciplinas ambas se complementam e não perdem suas características particulares. Segundo Ivani Fazenda (2011, p. 59) “a real interdisciplinaridade é antes uma questão de atitude; supõe uma postura única diante dos fatos a serem analisados, mas não significa que pretenda impor-se, desprezando suas particularidades.” Ou seja, realizar um trabalho interdisciplinar não é impor uma disciplina a outra ou mesmo não levar em consideração suas particularidades, mas

trabalhar em conjunto de maneira em que uma complemente a outra com o objetivo de levar:

O aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para transformação da realidade. (YARED, 2008, p. 165)

Com o objetivo de indicar sugestões a professores da educação básica possibilidades de conciliar o ensino de História com os museus e como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Docência para Educação Básica, com auxílio do Laboratório de Desenvolvimento de Produtos Educacionais (LADEPPE) da Faculdade de Ciências da Unesp, campus Bauru, foi elaborado um e-book com textos que versam sobre a temática, dicas de como ter maior aproveitamento das visitas técnicas, atividades para serem feitas por alunos e dicas e sugestões de visitas virtuais em museus.

Considerações finais

A educação do século XXI trouxe consigo diversos desafios e perspectivas para o ensino de História e para a educação como um todo. O advento das novas tecnologias de informação e comunicação e as alterações ocorridas na sociedade exigem de nós professores um repensar de nossa prática docente.

Diante desta nova realidade, a pesquisa buscou analisar novas estratégias de ensino e aprendizagem no ensino da disciplina de História conciliando com os ambientes não-formais de educação, dando ênfase no museu como ambiente educativo.

Durante a realização da pesquisa foi possível perceber uma alteração no papel do professor, passando de transmissor do conhecimento para mediador do processo de construção do conhecimento. O educador do século XXI tem a incumbência de auxiliar seu aluno na construção de seu conhecimento de maneira crítica e reflexiva sobre a realidade na qual está inserido.

Ao analisar as diferentes realidades do ensino de História e sua relação com o museu por meio das entrevistas realizadas com professores da educação básica, foi possível verificar que reconheceram a importância da relação entre os ambientes formais de educação e os não-formais de educação. Entendemos este, como evidenciado por Maria da Glória Gohn, como sendo aquela que ocorre no seio da sociedade. Ela não visa substituir a educação formal e nem ser apenas um complemento. Ela possui um espaço e método próprio. Além dos professores os monitores e mediadores de museus da região de Bauru e vizinhança também reconheceram a importância dessa relação, não apenas para o ensino de História, mas como possibilidade da realização de atividades interdisciplinares.

Constatou-se também que embora todos os professores reconhecessem a importância da interação entre a sala de aula e os museus, muitos professores não realizam as visitas técnicas frequentemente por diversos fatores: falta de verba para custeio da atividade, a dificuldade de se conseguir transporte para a locomoção até os museus e o preconceito relacionado as atividades extramuros da escola sendo vista como perda de tempo.

Em vista das dificuldades enfrentadas pelos professores para a realização de visitas técnicas a museus, foi analisado as visitas virtuais como alternativas para

contornar os problemas encontrados. Quando sugerido, outras dificuldades foram elencadas pelos professores, tais quais: a falta de aparato tecnológico, baixa qualidade do sinal de *internet* e falta de formação do professor para utilizar tais ferramentas. Sendo a falta de formação do docente o problema mais urgente a ser combatido. Nossos professores hoje não possuem formação para utilizar as novas ferramentas digitais, o que ocasiona um descompasso na educação.

Ficou evidente durante as entrevistas com os professores certa discrepância entre os professores de escolas públicas, municipais e estaduais, e os professores de escolas privadas. As dificuldades elencadas acima não condizem com a realidade encontrada pelos professores das escolas privadas que possuem a sua disposição laboratórios de informática bem equipados, sinal de *internet* com qualidade e em relação a transporte e custeio de visitas técnicas há o auxílio dos pais que financiam a atividade.

No que diz respeito aos museus, foi possível constatar que os mesmos enfrentam dificuldades. A primeira delas está relacionada ao preconceito existente no imaginário social de que museus é lugar de coisas velhas, sem valor, um lugar chato. Desta forma, muitas pessoas não visitam museus. Soma-se a isso o desafio que a instituição museológica tem em relação a comunicação com a sociedade do século XXI.

Como alternativa de contornar essa dificuldade os museus começaram a utilizar-se das novas tecnologias de informação e comunicação como ambientes para maior interatividade com a sociedade. Desta forma, foram reestruturados sites institucionais, criação de perfis em redes sociais como *Facebook* e *Instagram* e digitalização e publicização de seus acervos.

Outra dificuldade enfrentada pelos museus diz respeito a verbas para a manutenção dos prédios e preservação de acervos, bem como para realização de eventos. Visando sanar tais dificuldades, os museus buscam parcerias com diversas empresas.

No que diz respeito as atividades educativas, foi possível perceber que os museus buscam dialogar com as escolas no intuito de alinhar o discurso da exposição com os conteúdos aprendidos pelos alunos em sala de aula. Neste sentido, a maioria dos museus possui atividades específicas voltadas para alunos, como contação de

histórias, escavações simuladas, oficinas, entre outras. Esse diálogo é de grande importância para o processo de ensino e aprendizagem, pois permite que o aluno faça a relação entre o aprendido em sala de aula com a exposição do museu. Desta forma, a visita não fica sendo uma atividade isolada do conteúdo aprendido nas aulas.

Embora tenham apresentado grandes dificuldades que são enfrentadas por ambas instituições, escolas e museus, os professores afirmaram que as visitas técnicas são importantes ferramentas no processo de construção do conhecimento, pois é possível perceber que os alunos aprendem mais quando participam dessas atividades. As visitas técnicas a museus possibilitam que os alunos entrem em contato com objetos e vivenciem diferentes experiências que conciliam com as teorias que são aprendidas em sala de aula.

Mais do que apenas uma visita ou uma saída da sala de aula, as visitas técnicas em ambientes não-formais, em especial aos museus, despertam nos alunos sentimentos novos. Conciliando minha experiência em sala de aula com os aprendizados adquiridos no decorrer da pesquisa, fica muito claro a necessidade de repensar o nosso modelo de educação.

É evidente a necessidade da elaboração de projetos interdisciplinares. Não um modelo em cada disciplina trabalha, de acordo com sua ótica, determinado tema. Mas um projeto realmente interdisciplinar, na qual as disciplinas se interligam e o aluno possa compreender que cada disciplina não é uma caixinha separada, mas que elas estão unidas.

Os projetos interdisciplinares também possibilitam a solucionar um problema elencado por todos os professores: a falta de tempo. Realmente o tempo semanal da disciplina de História é muito curto visto a quantidade de conteúdos que se precisa ensinar, mas se cada professor se empenhar na elaboração de bons projetos interdisciplinares os tempos de cada disciplina se somam e não se dividem como pensa a maioria dos professores.

Outro ponto sugerido para contornar as dificuldades de se conseguir realizar as visitas técnicas é o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Elas nos ajudam a realizar diversas tarefas no processo de construção do conhecimento e até mesmo aproxima os alunos de seus professores, dado que se pode entrar em

contato com o mesmo fora do horário escolar. Não entanto, não substitui o prazer de estar no ambiente e poder (re) viver a história.

O museu possibilita ao aluno poder tocar, sentir, olhar e entrar em contato com aquilo que ele apenas viu por meio de imagens ou ouviu falar. Esse contato com o objeto provoca nos alunos um sentimento de encantamento. Ele não está apenas diante de uma imagem, mas agora ele pode ver e tocar no objeto. Para eles, isso é uma nova realidade que cria um sentimento de pertencimento. Esse sentimento foi observado por todos os professores quando questionados sobre o *feedback* dos alunos após uma visita técnica.

Os museus despertam nos jovens a curiosidade. Sentimento tão importante para o processo de aquisição do conhecimento. O jovem ao entrar no museu e começa a ter o sentimento de encantamento desperta também a sua curiosidade. Ele busca saber o que é aquele objeto ou imagem que está diante dele. Note que durante a pesquisa todos os professores relataram que houve maior aprendizagem dos alunos durante a visita, sendo relatado por um dos professores que isso ficou visível no momento da realização das provas. O jovem, quando encantado, quando algo chama a sua atenção ele busca saber informações, desperta o desejo de conhecer mais.

Outro sentimento despertado pelos museus é o sentimento de pertencimento. Ao entrar em contato com as peças, os alunos começam a entender que tudo aquilo que ele aprendeu na teoria não é mera ficção, mas que aconteceu realmente. Ele passa a se identificar a partir dos objetos e a fazer ligações com o que ele está vendo durante a exposição e falas e histórias de seus familiares, amigos e professores. Ele passa então a compreender que é integrante da história.

Partindo de minha experiência em sala de aula e analisando as respostas dos professores entrevistados fica visível que as visitas técnicas possibilitam maior afetividade entre professores e alunos. O aluno, mesmo inconsciente, cria um laço de afetividade com o professor. Em sua mente, ele entende que o professor que o levou para ter novas experiências se preocupa com ele, se interessa pela aprendizagem dele.

Esse sentimento de afetividade enriquece o processo de ensino e aprendizagem do aluno. É muito mais prazeroso você estar em um ambiente e

aprender com pessoas que você gosta. Essa afetividade gera o respeito dos alunos para com o professor que tem aí a oportunidade de melhorar as suas aulas.

Sair de sala de aula, estar em um novo ambiente e aprender juntamente com seu aluno, cria um sentimento de cumplicidade e maior intimidade entre ambos. Sentimento este que possibilita melhor clima em sala de aula, desperta a vontade e a curiosidade de aprender do aluno, além do respeito que lhe é atribuído.

Ao realizar a pesquisa e relacionar com minha prática docente e experiência com outros profissionais da educação trouxe como lição que a educação não se faz sozinha. Que é mero engano acreditar que apenas a sala de aula é um ambiente próprio para a educação. Esse pensamento retira todo o potencial educativo dos ambientes não-formais e informais. O professor não se basta apenas em si e na sua disciplina, é necessário maior diálogo entre as disciplinas. Reconhecer que cada uma não são caixas isoladas, mas que todas estão interligadas umas às outras.

É preciso quebrar o preconceito de que uma visita técnica é apenas um passeio, um passatempo ou mesmo um prêmio aos alunos por bom comportamento. Uma visita técnica é a oportunidade para que o aluno aprenda de maneira ativa tudo aquilo que ele já viu e/ou ouviu em sala de aula. Ela não substitui o ensino formal, mas é uma grande aliada no processo de construção do conhecimento.

Vale salientar que a presente pesquisa não visa a utilização do museu como substituição do ensino de História formal, nem objetiva esgotar o assunto, o que não seria possível, mas fomentar a discussão em torno da educação em ambientes formais e em ambientes não-formais de educação.

Referências

- ABUD, K. M. O ensino de história como fator de coesão nacional: os programas de 1931. **Revista Brasileira de História**. v. 13. p. 163 - 174. Set 92/ago 93.
- AFONSO, A. J. Sociologia da educação não formal: Rectualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J; STOER, S. R. **A Sociologia na escola**. Porto, Afrontamento, 1989.
- ALENCAR, V. P; **Mediação cultural em museu e exposições de História: conversas sobre imagens/histórias e suas interpretações**. 2015. Tese (Doutorado em Arte Educação) Instituto de Artes. UNESP. São Paulo. 2015. Disponível em:< <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132741/000855938.pdf?sequenc e=1>>. Acesso em: 17 jul 2019.
- ALMEIDA, M. E. B. Tecnologias e gestão do conhecimento na escola. In: VIEIRA, A. T; ALMEIDA, M. E. B; ALONSO, M. (Orgs). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo. Avercamp. p. 113-130. 2003.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville/SC. Univille. 2012.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro. Zahar. 2007.
- BAURU. **Lei Municipal nº1. 445 de 1969**. Prefeitura Municipal. Bauru/SP, 1969.
- _____. **Lei Municipal nº 2. 731 de 1986**. Prefeitura Municipal. Bauru/SP, 1986.
- BERGAMO, M. O uso de metodologias diferenciadas em sala de aula: uma experiência no ensino superior. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Vale do Araguaia, n. 4, 2010. Disponível em:< <http://univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/185>>. Acesso em: 04 fev 2016
- BLOISE, A. S. O desafio da gestão dos pequenos museus. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 43-49. Brodowski/SP. SISEM. 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília. MEC. 1997.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. MEC. 2017.

_____ Decreto nº 13.415, de fevereiro de 2017. **Planalto**. Brasília, fev 2017. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 02 nov 2019.

BRUNO, M. C. O. Os museus servem para transgredir: um ponto de vista sobre a museologia paulista. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 29-43. Brodowski/SP. SISEM. 2011

CARNEIRO, G. A. **A interação museu-escola sob o referencial teórico metodológico das ilhas interdisciplinares de racionalidade**. (Dissertação de mestrado). UNESP. Bauru/SP. 2016

CURY, M. X. Museus em transição. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 17-29. Brodowski/SP. SISEM. 2011

DELORS, J. A educação ou a utopia necessária. In: UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2010. Disponível em:< http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em: 22 mar 2019.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 30, de 10 de março de 1892**. São Paulo. 1892.

FABBRI, A. Museus: o que são, para que servem. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 49-69. Brodowski/SP. SISEM. 2011.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo/SP. Loyola. 6º Ed. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo. Cortez. 1999.

_____ Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**. 11ª série, nº 1, p. 35-50, 2014. Disponível em:< <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>>. Acesso em 18 jul 2019.

_____ Educação não-formal, educador(a) social e os projetos sociais de inclusão social. **Meta: avaliação**. Rio de Janeiro, v. 1, nº. 1, p. 28-43, jan/abr 2009. Disponível

em:< <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/1/5>>.
Acesso em 18 jul 2019.

_____ Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:** avaliação e políticas públicas em educação. v. 14. nº 50. p. 27- 38. 2006. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440362006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 mar 2019.

GOHN, M. G; SIMSON, O. R. M. V; FERNANDES, R. S. **Não-fronteiras:** universos da educação não-formal. São Paulo. Itaú Cultural. 2007. Disponível em:< <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>>.
Acesso em: 18 jul 2019.

IPHAN. **Portaria nº 196/2016 de 23 de maio de 2016.** Brasília/DF. 2016. Disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_Iphan_196_de_18_de_maio_2016.pdf>. Acesso em: 11 nov de 2019.

_____ **Portaria nº 230/2002 de 17 de dezembro de 2002.** Brasília/DF. 2002. Disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_230_de_17_de_dezembro_de_2002.pdf>. Acesso em: 11 nov 2019.

JAÚ. **Lei Municipal nº 2. 258 de 1984.** Prefeitura Municipal. Jaú/SP. 2010.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo. Atlas 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo. Cortez. 1990.

_____ Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas. In: **Educar**, Curitiba: UFPR, nº 17, 2001, p. 153-176. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 05 nov 2019.

MARANDINO, M. Interfaces na relação muse-escola. Universidade Federal de Santa Catarina. Caderno Brasileiro de ensino de Física. v. 18, nº 1. 2001. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692>>. Acesso em: 22 mar 2019.

MARIA, F. G. S. **Estratégias de ensino aprendizagem para ensinar História no ensino médio**: relacionando o passado com o presente. (Monografia de iniciação científica). Universidade do Sagrado Coração. Bauru/SP. 2017.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo. Papyrus. p.133-173, 2006.

MATHIAS, C. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. In: **Revista História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, v. 15, nº 1, Jan\Abr, 2011, p. 40-49. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia>>. Acesso em: 20 ago 2017.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo. Papyrus, p.11-65, 2006

NADAI, E. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. In: PINSKY, J (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo. Contexto. p. 27-35, 2014.

PINSKY, J. Vale a pena ver museus? In: PINSKY, J. **Por que gostamos de História**. São Paulo. Contexto. 2013.

REINALDO, F. *et. al.* Impasse aos desafios do uso de *Smartphones* em sala de aula: investigação por grupos focais. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**, n. 19, p. 77-92, set 2016. Disponível em:<<http://www.risti.xyz/issues/risti19.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2019.

SCHEIMER, M. D. T. **Ensino de História e a Prática Educativa**: Projetos Interdisciplinares. Congresso Internacional de Filosofia e Educação, Caxias do Sul/RS, 2010. Disponível em:<http://www.uces.br/ucs/tplcinfe/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico_10/ENSINO%20DE%20HISTORIA%20E%20A%20PRATICA%20EDUCATIVA.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SCHMIDT, M. A. M. S. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação**. v. 15 p. 73-91. Maio/ago 2012. Porto Alegre/RS.

SILVA, M.; GUIMARÃES, S. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas/SP. Papyrus. 2017.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre/RS. UFRGS, p. 31-42. 2009.

THEODORO, J. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, L. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo. Contexto. 2013.

TORRES, C. A. **A política da educação não formal na América Latina**. Rio de Janeiro. Paz Terra, 1992.

TRILLA, J. **La educación fuera de la escuela: âmbitos no formales y educación social**. Barcelona. Ariel, 1993.

_____. A educação não-formal. In: GHANEM, E; TRILLA, J; ARANTES, V. A. **Educação formal e não-formal**. São Paulo. Summus, p. 15-85, 2008.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2010. Disponível em:<
http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>.
Acesso em: 22 mar 2019.

YARED, I. O que é interdisciplinaridade? In: FAZENDA, I (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** p. 161-167. Cortez. São Paulo/SP. 2008

Documentos

Museu Ferroviário Regional de Bauru. **Portfólio** - Museu Ferroviário Regional de Bauru 2015/2018. Bauru/SP. 2018.

Museu Municipal de Jahu José Raphael Toscano. **Relatório Bienal: descritivo das atividades realizadas anos de 2016 e 2017**. Jaú/SP. 2018.

Sites

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em:<
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>>. Acesso em: 15 jul 2019.

Museu Ferroviário Regional de Bauru. Disponível em:<<http://hotsite.bauru.sp.gov.br/museuferroviario/>> Acesso em: 20 mar 2019.

Museu Imperial. Disponível em:< <http://museuimperial.museus.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun 2019.

Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda

Lageado. Disponível em:< <http://www.fca.unesp.br/#!/museudocafe>>. Acesso em: 18 mar 2019.

Projeto Museu Ferroviário Regional de Bauru. Disponível

em:<<http://www.projetoMuseuFerroviario.com.br/>>. Acesso em: 20 mar 2019.

Produto educacional: Vou alí visitar o museu!

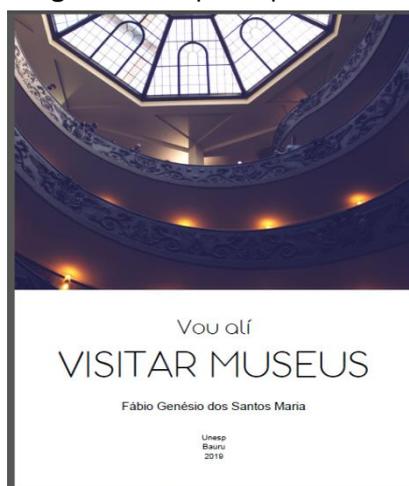
O produto educacional é pré-requisito para a obtenção do título de mestre em docência para educação básica, sendo elaborado a partir das discussões e necessidades encontradas no decorrer da pesquisa. Cabe salientar que o produto intitulado Vou ali visitar o museu! Está em fase de elaboração com o auxílio do Laboratório de Desenvolvimento de Produtos educacionais (LADEPE) da Faculdade de Ciências da Unesp, campus Bauru.

O produto do consiste em um guia digital sobre visitas técnicas a museus em formato PDF. A escolha desse tipo de produto se deu devido sua facilidade de acesso por qualquer pessoa. O formato e-book é comumente utilizado por diversas pessoas o que facilita o acesso e o uso independente se o usuário é aluno, professor, pai ou qualquer membro da comunidade.

O produto tem como título “Vou ali visitar museus” e é composto de textos e dicas de como realizar uma visita a um museu sendo ela presencial ou virtual. O e-book possui textos e atividades direcionados aos pais, professores e alunos. Aos pais e professores o material visa a orientação para a preparação, realização e avaliação de uma visita ao museu, observando a melhor formação do aluno. Aos alunos, o e-book traz diversas atividades com a temática museus em que o aluno pode aprofundar seus conhecimentos.

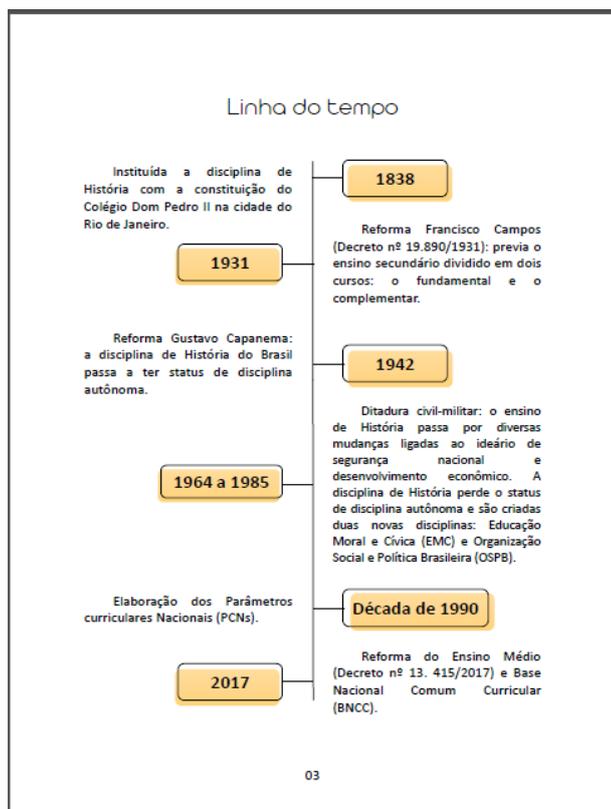
Abaixo segue imagens retiradas do produto educacional.

Figura 14: Capa do produto



Fonte: Vou alí visitar museus! (2019)

Figura 15: Linha do tempo



Fonte: Vou alí visitar museus! (2019)

Figura 16: Dicas para os professores

Dicas para os professores

Querido (a) professor (a), as visitas em museus são importantes ferramentas no ensino de História, pois possibilita ao seu aluno relacionar o conteúdo de sala de aula com o objeto exposto, além de ampliar sua visão de mundo. Para que isso ocorra é importante um bom planejamento da atividade. Veja essas dicas de como realizar uma visita ao museu.

- 1) Professor(a) antes de fazer a escolha do museu que irá visitar tenha claro os objetivos que pretende alcançar. Desta forma, a escolha da instituição será feita de forma consciente, potencializando a aprendizagem do aluno;
- 2) Ao fazer a escolha da instituição museológica, pesquise sobre sua história, sua construção, seu acervo e, se possível, faça uma visita antes de levar seus alunos. Assim, irá conhecer a instituição que levará seus alunos e poderá focar nos pontos principais da visita;
- 3) Prepare seus alunos para a visita, faça uma breve apresentação da instituição que será visitada. Se possível, leve imagens do museu para que os alunos possam conhecê-la;
- 4) Durante a visita deixe seus alunos a vontade para que possam fazer perguntas e emitir opiniões;
- 5) Após a visita dialogue com seus alunos, com o objetivo de saber qual a opinião deles e fixar o que foi aprendido durante a visita.

22

Fonte: Vou alí visitar museus! (2019)

Figura 17: Dicas para os pais

Dicas para os pais

Queridos pais, as visitas a museus podem ser um importante momento de lazer com sua família. E também uma potente ferramenta de adquirir conhecimento. Com as visitas é possível aprender com histórias e brincadeiras. Vejam essas dicas para tornar seu momento de lazer com seus filhos mais rico.



- 1) Pais, as visitas aos museus possibilitam importantes momentos de lazer para sua família. Diversos museus realizam durante o ano eventos culturais que conciliam diversão e muito conhecimento. Fique atento a esses eventos e leve seus filhos;
- 2) Ao levar seus filhos para visitarem museus, dialoguem com eles, conte suas histórias e lembranças. Isso irá ajudá-lo na construção de sua identidade como pessoa;
- 3) Sempre que estiver diante de um objeto ou imagem exposta questione seu filho sobre o que ele pensa sobre aquilo, para que ele acha que serve;
- 4) Sempre que for visitar um museu deixe seu filho a vontade para questionar e emitir sua opinião e peça ajuda aos mediadores/monitores sempre que não conseguir sanar alguma dúvida. Ali é um espaço para construção do conhecimento;
- 5) Após a visita converse com seu filho sobre o que ele achou do museu. Esse diálogo é importante para fixar o que aprendido durante a visita.

23

Fonte: Vou alí visitar museus! (2019)

Figura 18: Atividades para crianças I

Atividades para as crianças

Olá amiguinho (a), você sabia que os museus de nossa região do interior de São Paulo contam a história de um momento importante para o desenvolvimento de nossa região? Pois é, eles contam a história do café e da ferrovia. Vamos conhecer outras palavras relacionadas a eles? Procure no caça-palavras as seguintes palavras: museu, ferrovia, café, patrimônio, trem, estação e desenvolvimento.



C	A	F	E	H	I	K	L	G	N	V	M	H	D	R
D	S	T	J	C	L	M	S	X	Z	F	L	O	Y	P
E	S	A	C	R	Ç	D	U	Z	N	G	T	R	S	W
S	G	H	T	Y	G	Z	P	S	Q	W	Ç	X	T	R
E	W	Q	D	F	S	N	R	T	E	H	F	V	B	N
N	B	V	C	X	Z	A	S	D	F	U	J	K	L	Ç
V	Q	W	R	E	S	T	A	Ç	A	O	E	U	Y	I
O	P	A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç	M	N	B
L	V	C	X	Z	A	S	D	F	G	H	J	K	L	A
V	P	O	I	U	T	R	E	M	Y	T	R	E	W	I
I	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	Ç	L	K	V
M	J	H	G	F	D	S	A	Z	X	C	V	B	N	O
E	M	Ç	L	K	J	H	G	F	D	S	A	Q	W	R
N	E	R	T	Y	U	I	O	P	Ç	L	K	J	H	R
T	G	F	D	S	A	Z	D	X	C	V	B	N	M	E
O	T	P	A	T	R	I	M	O	N	I	O	J	H	F

24

Fonte: Vou alí visitar museus! (2019)

Figura 19: Atividades para crianças II

Que tal conhecermos agora uma instituição museológica? Uma visita ao museu pode ser muito divertida. Reúna seus colegas e familiares e visite um museu mais próximo de sua casa, após responda as seguintes questões:



a) Qual o nome do museu visitado?
b) Qual a história do museu? Como ele surgiu?
c) Qual o período da história é apresentado pelo museu?
Qual a temática apresentada?
d) O que você aprendeu indo ao museu?
e) Faça um desenho dos objetos que você achou mais interessante

Pais, esta atividade pode ser transformada em um diálogo entre você e seu filho (a). Após a visita ao museu, sente com seu filho (a) e faça as questões em forma de conversa. Esse pode ser um momento rico para estar em família e conhecer o que seu filho (a) aprendeu.

RESPOSTAS:



Vou alí

VISITAR MUSEUS

Fábio Genésio dos Santos Maria

Unesp
Bauru
2019

Maria, Fábio Genésio dos Santos.

Vou ali visitar museus / Fábio Genésio dos Santos
Maria ; orientador: Macioniro Celeste Filho. - Bauru :
UNESP, 2019

41 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das
exigências do Mestrado Profissional em Docência para
Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/>

1. Ambientes não-formais. 2. Educação. 3. Museus.
I. Celeste Filho, Macioniro. II. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

Realização

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
'JÚLIO DE MESQUITA FILHO'
Programa de Mestrado Profissional
Em Docência para a Educação Básica
Departamento de Educação –
Faculdade de Ciências
Site: www.fc.unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Elaboração:

Fábio Genésio dos Santos Maria

Supervisão:

Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho

Produto educacional desenvolvido pelo Laboratório de Desenvolvimento e Pesquisa de Produtos Educacionais (LADEPPE) mediante ao requisito necessário à qualificação do autor ao Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências – Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' – UNESP Bauru.



Equipe de professores responsável pelo LADEPPE:

Eliana Marques Zanata

Dariel de Carvalho

Thais Cristina Rodrigues Tezani

Equipe técnica do LADEPPE:

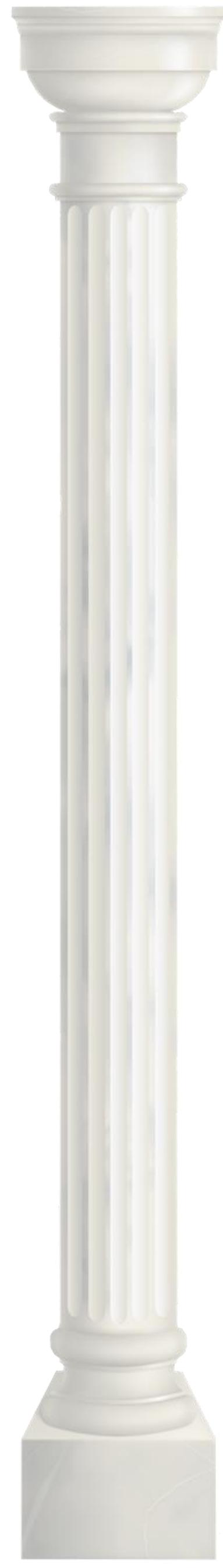
Diagramadora: Inaê Soares de Figueiredo

Revisora: Milena Carpi Colombo

Coordenadora: Milena Carpi Colombo

Índice

Um percurso histórico	p. 01
Linha do tempo	p. 03
Chegamos ao século XXI, e agora?	p. 04
O novo papel do professor	p. 07
Os ambientes educativos	p. 09
Educação em ambientes não-formais	p. 10
Fragilidades da educação não-formal	p. 11
O ensino da História em museus	p. 12
Aprendendo no museu	p. 14
Conhecendo os museus da região	p. 16
▪ Museu Ferroviário Regional de Bauru	p. 16
▪ Museu Municipal de Jaú José Raphael Toscano	p. 17
▪ Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado	p. 18
▪ Museu do Café de Piratininga	p. 19
▪ As Visitas Virtuais em Museus	p. 20
Dicas para os professores	p. 22
Dicas para os pais/responsáveis	p. 23
Atividades para as crianças	p. 24
Museus em São Paulo para visitar	p. 32
Referências	p. 35



Um percurso histórico

Com o avanço das novas tecnologias de informação e comunicação, o século XXI trouxe consigo grandes desafios e perspectivas para o ensino de História e para a educação em geral. O acesso rápido a informações e as facilidades nas realizações de tarefas possibilitou uma nova dinâmica para a área educacional, nos desafiando à reflexão de nossa prática docente na busca de estratégias que propiciem um ensino mais significativo e condizente a realidade dos alunos, incorporando as novas tecnologias nas aulas e aproximando os ambientes formais e ambientes não-formais de educação.

Mas essa preocupação não começou agora, há todo um percurso histórico trilhado pelo ensino de História. A disciplina de História foi instituída no Brasil em 1838 com a constituição do Colégio Dom Pedro II na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Elza Nadai a instituição da disciplina no Brasil se deu por meio dos “Movimentos de organização do discurso laicizado sobre a história universal.” (NADAI, 2014, p. 28).

Nesse período, a História ensinada nas salas de aulas era a história da Europa, tida como a verdadeira história. A história nacional vinha como um apêndice enaltecendo os grandes personagens da recente história brasileira e datas simbólicas. Com os movimentos que surgiram na sociedade como por exemplo, o movimento abolicionista, a vinda de imigrantes e a própria proclamação da República, houve uma grande transformação no meio social, o que exigiu uma nova mudança na disciplina de História. De acordo com Mathias “À História caberia a incumbência de situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade.” (MATHIAS, 2011, p. 42). Assim a História passa a ser um manual de como deve ser o novo cidadão e as representações enfatizavam o novo ideário de nação que nascia após a proclamação da República.

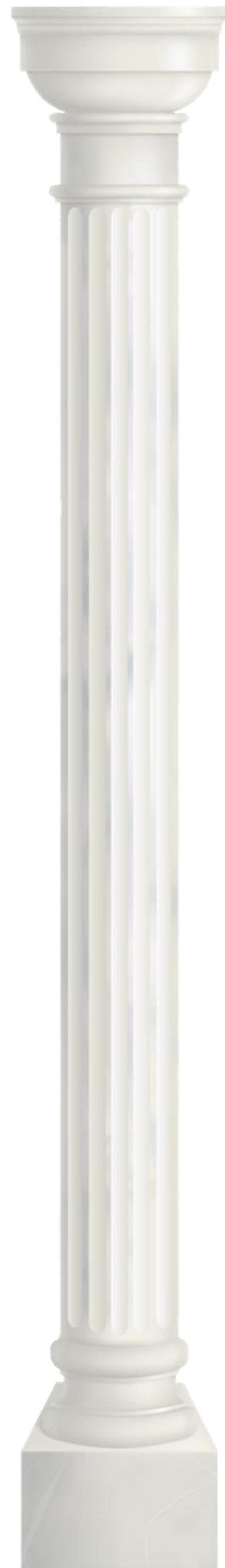
Mais tarde, durante a Era Vargas (1930 – 1945) duas grandes reformas educacionais foram realizadas. A primeira delas ocorreu em 1931 por meio do decreto 19.890/1931 que ficou conhecido como Reforma Francisco Campos, então ministro da Educação e Saúde. Essa reforma previa o ensino secundário dividido em dois cursos: o fundamental e o complementar. O primeiro com duração de cinco anos objetivava a formação geral do indivíduo, enquanto o segundo era obrigatório apenas para aqueles que desejassem entrar no ensino superior. No que tange ao ensino de História ela passava a possuir um caráter mais utilitário, privilegiando a utilização do método biográfico, os fatos econômicos e as questões de ética. A segunda reforma ocorreu em 1942 e ficou conhecida como Reforma Gustavo Capanema. Com essa reforma a História do Brasil passa a ter status de disciplina autônoma. Mathias nos fala que “Em se tratando de um governo ditatorial de viés nacionalista, o ensino de História foi revestido com as cores da bandeira, objetivando a conjuração de uma consciência patriótica por meio da seleção de episódios significativos e de grandes nomes do passado.” (MATHIAS, 2011, p. 43).

Esse viés nacionalista volta a ganhar força em 1964 com a subida dos militares a presidência da república. Com o novo governo, o ensino de História passa por diversas mudanças ligadas ao ideário de segurança nacional e desenvolvimento econômico. Neste período a História perde o status de disciplina autônoma, sendo reconhecida apenas no 2º grau, e novas disciplinas como Educação Moral e Civil

(EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB) entram para o currículo escolar.

Após o fim do regime ditatorial e início do processo de redemocratização do país, o ensino de História passa a ser novamente discutido. A História volta a ter o status de disciplina autônoma e são criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs serviriam de referência para os professores e possuía como objetivo a “busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento.” (BRASIL, 1997, p. 15).

Atualmente, na busca de atender as novas demandas suscitadas pela sociedade do século XXI, o ensino como um todo e com ele o ensino de História passa por uma nova discussão com a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do ensino médio por meio da lei nº 13. 415 de 16 de fevereiro de 2017.



Linha do tempo

Instituída a disciplina de História com a constituição do Colégio Dom Pedro II na cidade do Rio de Janeiro.

1931

Reforma Gustavo Capanema: a disciplina de História do Brasil passa a ter status de disciplina autônoma.

1964 a 1985

Elaboração dos Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs).

2017

1838

Reforma Francisco Campos (Decreto nº 19.890/1931): previa o ensino secundário dividido em dois cursos: o fundamental e o complementar.

1942

Ditadura civil-militar: o ensino de História passa por diversas mudanças ligadas ao ideário de segurança nacional e desenvolvimento econômico. A disciplina de História perde o status de disciplina autônoma e são criadas duas novas disciplinas: Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB).

Década de 1990

Reforma do Ensino Médio (Decreto nº 13.415/2017) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Chegamos ao século XXI, e agora?

As novas demandas originadas no século XXI nos trazem a necessidade de repensar as estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas pela escola e buscar um novo modelo de educação que não fique restrito apenas a sala de aula, como no modelo tradicional, mas que vise um ensino mais significativo ao aluno. “A escola deve ser o centro da vida social, e não um serviço administrativo, ‘odiada’ por muitos de seus alunos, que se sentem livres apenas quando estão fora dela.” (GOHN, 1999, p. 109).

Atualmente o que vemos é uma crise na educação, com alunos desinteressados pelas aulas e professores desmotivados ocasionados por um descompasso entre professores e alunos. Janice Theodoro (2013, p. 52) nos fala que “como cada coisa ocupava, por muito tempo, o mesmo lugar nós podíamos ensinar uma receita adequada para o sucesso: estude! Tenha um diploma! [...] A relação entre expectativa e resultado era, quase, linear.” Hoje essa receita não existe. “Hoje, tudo muda a toda hora, tornando difícil a sobrevivência dos homens que constituíram hábitos, costumes, tradições e que resistem a formas diferentes de vida.” (THEODORO, 2013, p. 49).

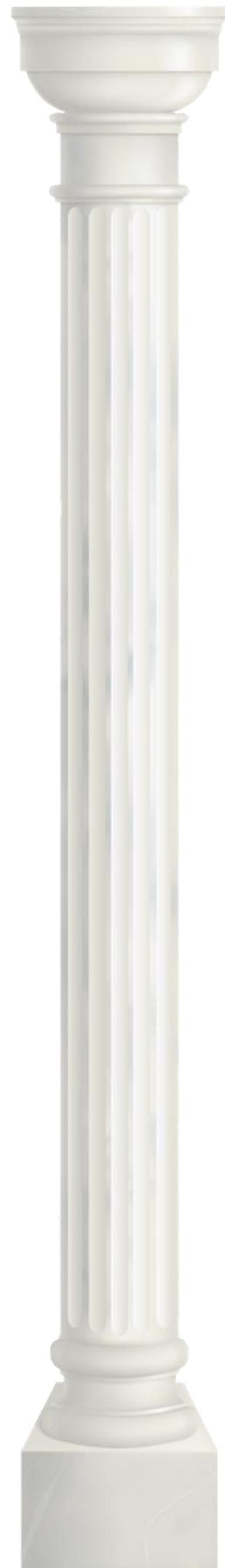
Em meio a este contexto:

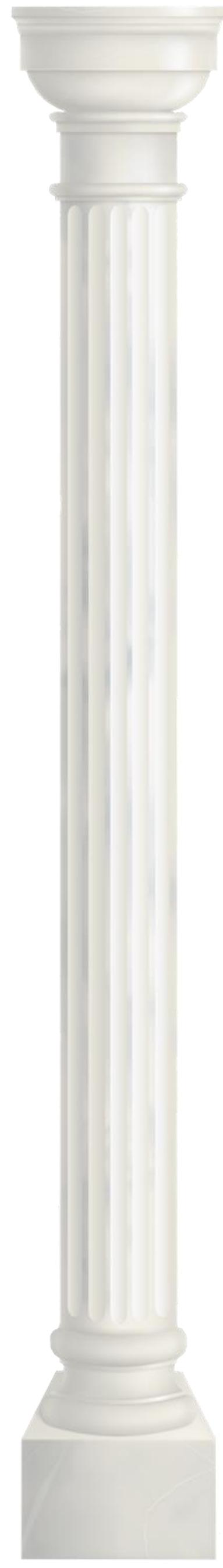
Somos levados, portanto, a revalorizar as dimensões ética e cultural da educação e, nesse sentido, a fornecer os recursos para que cada um venha a compreender o outro em sua especificidade, além de compreender o mundo em sua busca caótica de certa unidade; mas, previamente, convém começar pela compreensão de si mesmo em uma espécie de viagem interior, permeada pela aquisição de conhecimentos, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. (DELORS, 2010, p. 10).

Em vista disso, é preciso buscar meios para conciliar nossas práticas de ensino e aprendizagem com as novas ferramentas que nos são disponibilizadas. É necessário que a escola busque meios para incrementar, cada vez mais, “o gosto e o prazer de aprender, além da curiosidade intelectual. Podemos, inclusive, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno.” (DELORS, 2010, p. 12).

Jacques Delors no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI elenca seis tensões a serem superadas pela educação: a tensão entre o universal e o singular; a tensão entre tradição e modernidade; a tensão entre o longo prazo e o curto prazo; a tensão entre a indispensável competição e o respeito pela igualdade de oportunidade; a tensão entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades da assimilação do homem e a tensão entre o espiritual e o material.

- **Tensão entre o universal e o singular:** diz respeito à globalização da cultura e seu progresso no mundo. Estamos cada vez mais conectados e recebemos informações a todo instante, o que nos faz, muitas vezes, perdermos nossa essência particular e cultural. Ao generalizarmos tudo caímos no erro da superficialidade. Nas palavras do autor.
- **Tensão entre tradição e modernidade:** para Delors (2010, p. 8), é necessário





“adaptar-se sem se negar a si mesmo, construir sua autonomia em dialética com a liberdade e a evolução do outro, além de manter sob o controle o progresso científico.” O equilíbrio entre a tradição e a modernidade é um grande desafio em sala de aula, isso ocorre por haver diferença de gerações entre professores e alunos e rápidas mudanças ocorridas na sociedade provocando uma crise de comunicação entre os personagens envolvidos.

- **Tensão entre o longo prazo e o curto prazo:** A nova sociedade da informação exige soluções rápidas para problemas que, muitas vezes, é necessária paciência e reflexão como é o caso das políticas educacionais. Segundo o autor, “as diferentes propostas procuram respostas e soluções rápidas quando, afinal, um grande número de problemas exige uma estratégia respaldada na paciência, consenso e negociação relativamente às reformas a empreender.” (DELORS, 2010, p. 8-9).
- **Tensão entre a indispensável competição e o respeito pela igualdade de oportunidades:** refere-se ao modelo capitalista de desenvolvimento que incentiva a competição entre as pessoas e, na maioria das vezes, não oferece oportunidades iguais para todos. Para Delors (2010, p. 9) “o imperativo da competição impele um grande número de responsáveis a esquecer a missão que consiste em fornecer a cada ser humano os meios para realizar todas as suas potencialidades.” Diante do exposto, o autor apresenta a educação ao longo da vida, ou seja, a formação contínua como forma de “conciliar a competição incentivadora com a cooperação fortificante e com a solidariedade que promove a união entre todos.” (DELORS, 2010, p. 9).
- **Tensão entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação do homem:** refere-se ao autoconhecimento e a busca de um viver melhor, garantindo saúde física e psicológica. Assim, ao elaborar o currículo escolar é necessário fazer escolhas de disciplinas que possibilite “a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor pelo conhecimento, pela experiência e pela construção de uma cultura pessoal.” (DELORS, 2010, p. 9).
- **Tensão entre o espiritual e o material:** Para o autor, nós humanos, “muitas vezes, de forma insensível ou sem a capacidade de exprimir tal estado anímico, tem sede de ideal ou de valores a que, para evitar ferir alguém, atribuímos o qualificativo de morais.” (DELORS, 2010, p. 9). Neste ínterim, cabe a educação, segundo o autor, a tarefa de “suscitar em todos, segundo as tradições e as convicções de cada um, no pleno respeito do pluralismo, essa elevação do pensamento e do espírito até o universal e, inclusive, uma espécie de superação de si mesmo.” (DELORS, 2010, p. 9).

Corroborando com as seis tensões elencadas por Delors, o Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, aponta para a educação ao longo da vida baseando-se em quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser.

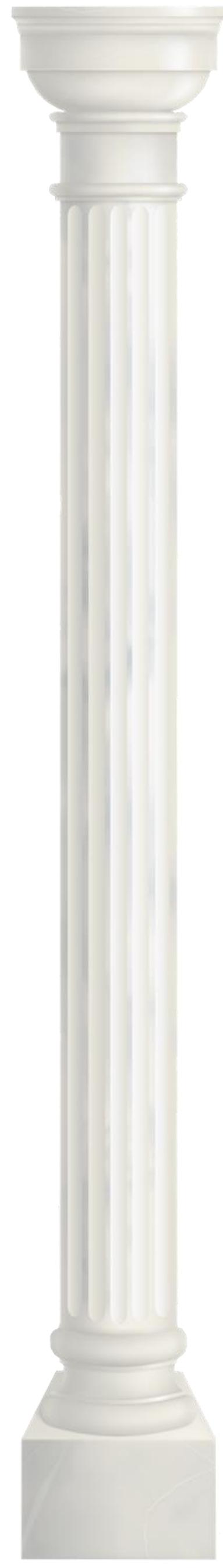
- **Aprender a conhecer:** está relacionado aos conteúdos aprendidos em sala de aula. É necessário “aprender a aprender” para conseguir aproveitar as oportunidades que lhe são apresentadas. Segundo o relatório é preciso combinar “uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um reduzido número de assuntos.” (UNESCO, 2010, p. 31).
- **Aprender a fazer:** refere-se à educação atrelada ao mundo do trabalho, possibilitando uma formação profissional ao indivíduo. De acordo com o relatório

o aprender a fazer não busca “só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.” (UNESCO, 2010, p. 31).

- **Aprender a conviver:** nos chama a atenção para o fato de que é necessário desenvolver a “compreensão do outro e a percepção das interdependências.” Ou seja, uma convivência harmoniosa em sociedade respeitando os “valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.” (UNESCO, 2010, p. 31).
- **Aprender a ser:** relaciona-se com a formação da personalidade de cada indivíduo e sua capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Desta forma, “a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.” (UNESCO, 2010, p. 31).

Como é possível perceber as tensões elencadas por Delors e os quatro pilares para a formação ao longo da vida suscitados pela UNESCO estão intimamente relacionados. A educação do século XXI requer novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem. O professor, no caso, o professor de História, precisa compreender seu novo papel mediante a educação. O papel de mediador do processo de construção do conhecimento e assim proporcionar novas estratégias que visem a aprendizagem de seu aluno.





O novo papel do professor

Em meio a tantas transformações ocorridas na sociedade o papel do professor também se altera. Na educação do século XXI há uma mudança na forma de ver o processo educacional, deslocando o foco do ensino para a educação.

José Moran (2006, p. 30) acredita que o professor é um pesquisador em serviço. “Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador.”

Veja, a seguir 9 características elencadas por Masseto (2006) que um professor desenvolverá para se tornar um mediador pedagógico:

- 1) Ensino voltado para a aprendizagem: nesta concepção é fundamental compreender que o aluno é o centro do processo de aprendizagem e é a partir do desenvolvimento do aluno que o professor irá planejar suas ações. “Trata-se de uma ação contínua sua e de seus alunos, sabendo esperar, compartilhar, construir juntos.” (MASSETO, 2006, p. 168);
- 2) Professor e aluno como célula básica de aprendizagem: no processo de ensino aprendizagem o professor e o aluno desenvolvem uma ação conjunta de aprendizagem, uma relação de empatia seja nos momentos de sucessos ou de erros;
- 3) Corresponsabilidade: no processo de aprendizagem a corresponsabilidade e as parcerias são fundamentais incluindo os momentos de planejamento, realização e avaliação das atividades;
- 4) Clima mútuo de respeito: é essencial criar um clima de mútuo respeito entre todos os participantes, dando ênfase em estratégias cooperativas nas quais os alunos são envolvidos em um planejamento conjunto estabelecendo uma atmosfera de confiança;
- 5) Domínio profundo de sua área de conhecimento: o professor deve estar atualizado quanto as informações e aos assuntos afetos de sua área, possibilitando para que o mesmo não valorize apenas uma perspectiva metodológica. “A construção do conhecimento é o eixo da articulação da prática educativa e ela não pode faltar. Ela não será feita sem estudo, reflexão, investigação e intercâmbio de experiências.” (MASSETO, 2006, p. 169);
- 6) Criatividade: fundamental para buscar, juntamente com o aluno, soluções para situações novas e inesperadas. Tendo sempre em mente que cada aluno é diferente um do outro;
- 7) Disponibilidade para o diálogo: o professor mediador deve estar sempre aberto ao diálogo com seus alunos. Com as novas tecnologias de informação e comunicação o aluno busca o professor a qualquer momento, não estando limitado apenas ao período em sala de aula;
- 8) Subjetividade e individualidade: O professor é um ser humano e como qualquer pessoa está sujeito as adversidades do dia a dia podendo, às vezes, utilizar uma linguagem mais dura e outras vezes mais carinhosa. O mesmo ocorre com o aluno, cada um é diferente do outro e possui características próprias que o professor deverá levar em consideração ao se comunicar com o aluno, principalmente quando a comunicação for feita por meio digital;
- 9) Comunicação e expressão em função da aprendizagem: a comunicação é muito

importante para o processo de aprendizagem, ela pode incentivar ou desmotivar o aluno no seu processo de aquisição do conhecimento. Esses cuidados necessitam ser redobrados quando a comunicação se dá por meio digital, no qual não se tem a visão de seu interlocutor e nem ouvirá o tom de suas palavras. “O professor deverá cuidar muito de sua expressão e comunicação para que elas sempre estejam em condições de ajudar a aprendizagem e incentivar o aprendiz em seu trabalho.” (MASSETO, 2006, p. 170).



Os ambientes educativos

Aprendemos a todo instante, ao falar com um amigo, ao participar de um grupo de estudos ou pesquisas, ao irmos à escola, ao participar da catequese, ao realizarmos uma visita a museus ou ao parque, ao nos conectar as redes sociais, entre outros. Todos esses lugares que diariamente estamos nos possibilita a construção e a ampliação do nosso conhecimento. Esses ambientes educativos podem ser classificados em: ambientes formais de educação, ambientes não-formais de educação e ambientes informais.

- **Educação formal:** é entendida como aquela “desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados.” Maria da Glória Gohn (2006, p. 28) Ou seja, a educação formal é aquela realizada na escola, com um currículo e objetivos previamente elaborados. Dadas as características os ambientes educativos dessa modalidade são as escolas, faculdades e as universidades.
- **Educação não-formal:** desenvolve-se no seio da sociedade, “[...] é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.” (GOHN, 2006, p. 28). Na educação não-formal os espaços educativos são construídos coletivamente dependendo das necessidades de cada comunidade. Assim, eles podem ser um cursinho realizado por voluntários, um grupo de estudos, a catequese, os museus, entre outros.
- **Educação informal:** entendida como aquela em que “os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização [...], carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.” (GOHN, 2006, p. 28). Ela ocorre nos momentos em família, nos encontros com amigos, nas rodas de conversas. Não há um currículo pré-estabelecido, nem o objetivo de ensinar. O processo educativo se dá de maneira espontânea.



Educação em ambientes não-formais

Até meados das décadas de 1980 e 1990 a educação não-formal era vista como uma extensão da educação formal. Ela passa a ganhar importância a partir dos anos de 1990 devido as transformações ocorridas na sociedade. De acordo com Gohn, 1999, p. 92) “Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares.”

Mas o que é a educação Não-formal?

Gohn a conceitua como:

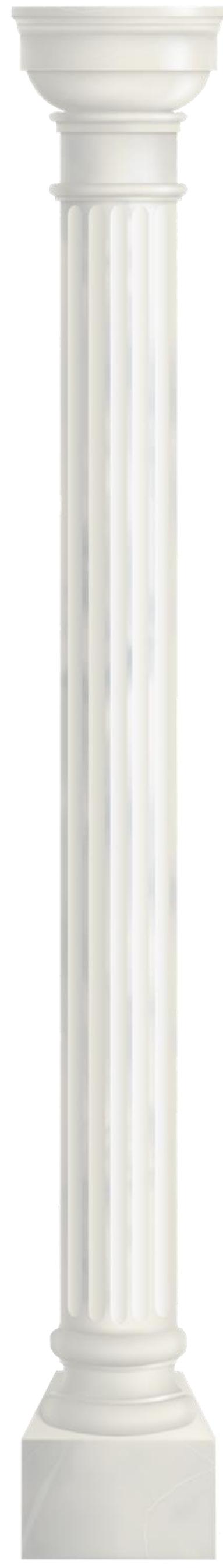
Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o conduz têm intencionalidades e propostas. (GOHN, 2014, p. 40)

Sendo assim, a finalidade da educação não-formal é a de “abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais.” (GOHN, 2006, p. 29-30). Tratando de temas como cidadania, justiça social, democracia, igualdade, direitos humanos entre outros. Com objetivo de formar cidadãos com condições de exercer sua plena cidadania.

Para alcançar tal objetivo a educação não-formal:

designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela a mídia, em especial a eletrônica, etc. (GOHN, 2009, p. 31)





Fragilidades da educação não-formal

Gohn (2006) nos alerta para algumas fragilidades da educação não-formal. Embora seja uma lista longa, é importante sua citação para refletirmos sobre a educação não-formal e a importância de a aperfeiçoarmos. Segundo a autora o que falta a educação não-formal é:

- Formação específica a educadores a partir de seu papel e as atividades a realizar;
- Definição mais clara de funções e objetivos da educação não-formal;
- Sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano;
- Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que vem sendo realizado;
- Construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado;
- Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho de egressos que participaram de programas de educação não-formal;
- Criação de metodologias e indicadores para estudo e análise de trabalhos da educação não-formal em campos não sistematizados. Aprendizado gerado por atos de vontade do receptor tais como a aprendizagem via internet, para aprender música, tocar um instrumento etc.;
- Mapeamento das formas de educação não-formal na autoaprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens). (GOHN, 2006, p. 31)

Vale salientar que a educação não-formal não compete com a educação formal e nem objetiva substituí-la, uma vez que ambas as modalidades possuem características próprias. Atuam em conjunto objetivando a formação integral do indivíduo.

Acho que se deve olhar para as possibilidades da educação não-formal, até para resolver e potencializar a educação formal. Às vezes me perguntam 'as coisas que preconizo para educação não-formal, a escola não deveria fornecer?'. E eu respondo. Sim, formar para a cidadania está na Lei maior da educação nacional brasileira, na LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Mas a educação formal tem atributos próprios e específicos, oxalá possa cuidar bem deles tais como, em alfabetizar bem, apreender o básico sobre a arte da matemática, dar acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade etc. Tudo isso é formar o cidadão, portanto jamais um cidadão se forma apenas com a educação não-formal. (GOHN, 2014, p. 41-42)

O ensino de História em museus

Os museus estão intimamente relacionados com o ensino de História, eles, por essência, são os locais de salvaguarda do patrimônio e da memória. Sendo assim, a conciliação entre os estudos realizados em sala de aula e as visitas técnicas a museus é uma valiosa alternativa para o enriquecimento da aprendizagem do aluno.

Mas o que é o museu?

De acordo com Marcos Silva e Selva Guimarães (2017) etimologicamente a palavra museu deriva de musa, que na mitologia greco-latina simboliza uma divindade inspiradora. O museu seria “[...] a casa das musas, um lugar dos saberes, dos conhecimentos elevados, um local onde diferentes materiais, considerados significativos para uma sociedade, são preservados e expostos como fontes de inspiração.” (SILVA e GUIMARÃES, 2017, p. 73).

Para Maria Cristina Oliveira Bruno:

O museu é interpretado, muitas vezes, como local de invenção de tradições, como espaço de fruição do belo, como lugar para a memória, como área propícia para o refinamento cognitivo, entre muitas outras perspectivas que de alguma forma são responsáveis pela permanência dessas instituições nas mais diferentes sociedades. (BRUNO, 2011, p. 30).

Ana Silvia Bloise nos chama atenção para o fato de que no Brasil:

O museu é um legado europeu, que durante décadas preservou e reproduziu valores estéticos, glorificou personagens e fatos que interessavam a uma parcela bem reduzida da sociedade brasileira. Por vezes foram constituídos por força de lei, outras vezes foram fruto de entusiasmos e de utopias de pequenos grupos ou indivíduos. (BLOISE, 2011, p. 46).

Esse contexto possibilitou a ideia de que museu é lugar para alguns e não para todos. “O museu, como prolongamento da hegemonia, nega e esconde o popular, não como um estratagema e sim como consequência do modo de funcionamento do hegemônico. Assim, ainda é aceita a ideia de que é lugar para alguns.” (CURY, 2011, p. 19). Pensamento este que persiste até os dias atuais, embora tenhamos algumas iniciativas que visem a aproximação das classes populares, o museu ainda é tido como lugar de pessoas cultas.

Outro pensamento muito comum entre as pessoas é que museu é lugar de guardar coisas velhas, um lugar chato. Não é raro ouvirmos expressões como: quem gosta de coisa velha é museu! É preciso mudar essas visões equivocadas “ver museus não é uma obrigação chata, tarefa para dias chuvosos. Nem privilégio de meia dúzia de intelectuais de feição sisuda e óculos com lentes grossas.” (PINSKY, 2013, p. 69).

Por fim, Angelica Fabbri nos recorda que:



Os museus estão entre as instituições mais antigas da humanidade; são instituições que viajaram pelos tempos, que podem melhorar o presente e influenciar o futuro, através das reflexões que operam como lugares de representação, como polos educativos, geradores e disseminadores de conhecimento, promotores de cidadania, que valorizam as identidades culturais em suas formas de expressão cotidiana, ritual e material. (FABBRI, 2011, p. 51).

Os museus são lugares de memórias, da preservação do patrimônio, da arte. É um ambiente privilegiado para o diálogo entre a sociedade e sua história e possibilita à criação do sentimento de pertencimento a determinada sociedade ou grupo social a qual pertence.



Aprendendo no museu

O museu mostra-se como importante ferramenta para o ensino de História. Não apenas para essa disciplina, mas possibilita um verdadeiro processo educativo transdisciplinar. Cury (2011) baseado nos estudos de Lauro Zavala nos apresenta dois modelos educativos em museus: o tradicional e o emergente.

No tradicional a visita ao museu possui apenas um objetivo, o conhecimento. Neste modelo, o importante de uma exposição e/ou ação educativa é somente o conteúdo. “As formas de aprendizagem estão restritas à visão e ao pensamento e estão apoiadas na autoridade dos especialistas do museu.” (CURY, 2011, p. 21). A experiência do visitante se resume ao circuito que ele percorre durante a visita.

No modelo emergente, Cury nos explica que:

A experiência de aprendizagem está relacionada à participação ativa do público ao alcançar suas expectativas ritualísticas durante a visita; ele é agente de sua própria experiência e participa sensorial, emocional e fisicamente, pois utiliza o seu corpo como elemento para a apropriação do museu. O museu é instituição por meio do patrimônio musealizado. (CURY, 2011, p. 21).

Ainda nas palavras da autora, “o modelo emergente faz distinção entre educação formal, informal e não-formal e considera que essas formas de ensino podem trabalhar em parceria.” (CURY, 2011, p. 21). Não há uma competição entre os ambientes educativos, mas respeitando as características e objetivos particulares de cada local.

Em resumo, podemos considerar que no modelo tradicional o museu tem como principal objetivo complementar o ensino formal. No modelo emergente, o objetivo de uma visita vai além dos conteúdos, visa a participação integral do visitante. O importante é a experiência do público, no qual podem relacionar suas lembranças e memórias com o seu cotidiano. O que possibilita que o professor ou mediador da visita possa utilizar variadas estratégias de ensino e aprendizagem.

E as estratégias?

As estratégias de ensino e aprendizagem podem ser entendidas como sendo “a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vistas à consecução de objetivos específicos.” (ANASTASIOU e ALVES, 2012, p. 75-76). Elas visam “à consecução de objetivos, portanto há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensinagem. (ANASTASIOU e ALVES, 2012, p. 77).

Uma ida ao museu, como profissional de história, sozinho ou acompanhando alunos, é um ato reflexivo: precisamos pensar e fazer pensar sobre o que é aquele espaço, o que é aquela instituição, o que são seu acervo (a cultura material de diferentes épocas) e suas atividades. Os museus – particularmente, os monumentais – têm um caráter espetacular que não pode nem deve ser apagado (precisamos interpretar



historicamente as razões dessa monumentalização do prédio e de seu acervo), mas é muito importante ultrapassar isso, pensando sobre o que é aquele monumento, para quem é aquele monumento e como ele se relaciona com um processo de conhecimento em história. (SILVA e GUIMARÃES, 2017, p. 82-83).

Desta forma, ao optar em realizar uma visita técnica a museus são necessários alguns passos:

1 – Ter os objetivos claros. É preciso saber o ponto de partida e o ponto de chegada. Esses objetivos devem nortear todo o processo educativo. Reflita sobre o que eu pretendo com a visita? O que quero alcançar? O que desejo que os alunos aprendam?

2 – Ter clareza que a escola e o museu são ambientes diferentes. Martha Marandino (2001, p. 88) nos fala que “museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria.”

3 – Faça uma visita prévia ao local a ser visitado para que possa conhecê-lo e analisar se a instituição atende aos seus objetivos. Reflita sobre qual tema abordado pela instituição? As visitas são acompanhadas por monitores ou os visitantes ficam livres para realizar a visita de forma espontânea? Qual o tempo de duração da visita? O local possui acessibilidade para atender alunos com deficiência, pessoas idosas? As exposições ficam em locais fechados, cobertos ou ao ar livre, como é caso dos museus ao céu aberto?

4 – Busque saber se a visita técnica é guiada por algum profissional da instituição ou não e quais atividades são desenvolvidas. E não se esqueça de refletir se essas atividades estão condizentes com seus objetivos traçados.

5 – Leve em consideração a questão do transporte. Em muitas cidades do interior a prefeitura municipal disponibiliza o transporte para atividades culturais como a visita ao museu. No entanto, o tempo disponibilizado é limitado em poucas horas.

6 – Tenha em mente o tempo disponível para visita. Reflita sobre o tempo de duração da viagem ida e volta e a duração da visita na instituição.

Embora escolas e museus possuam suas especificidades, ambos possuem pontos em comuns o que permite que um complemente o outro. Para Marandino:

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado. (MARANDINO, 2001, p. 98).



Conhecendo os museus da região

Museu Ferroviário Regional de Bauru

O Museu Ferroviário Regional de Bauru é uma das principais instituições de preservação da memória ferroviária do interior paulista por contar em seu acervo peças das principais ferrovias do país: Companhia Paulista de Estrada de Ferro, Estrada de Ferro Sorocabana e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, empresas que foram fundamentais para o desenvolvimento da região.

O museu foi criado em 1969 com a publicação da Lei Municipal nº 1.445 em 11 de julho de 1969 que institui o museu como entidade da prefeitura municipal de Bauru com o nome de Museu Ferroviário de Bauru, alterando seu nome para Museu Ferroviário Regional de Bauru em 1986 devido sua importância para a região.

Atualmente o museu contém em seu acervo peças de maquinários ferroviários, mobiliários, indumentárias, pintura, fotografia, material etnográfico, documentos textuais e exemplares relacionados a atividade ferroviária e conta com uma equipe formada por aproximadamente 15 profissionais, dos quais fazem parte: diretores, monitores, maquinistas, marceneiros, serralheiros, arquivistas e museóloga.

Em relação as atividades pedagógicas do museu estão as visitas monitoradas, atividades específicas para turmas escolares, realização de eventos culturais e atividades lúdicas para crianças desenvolvidas no vagão pedagógico. O museu ainda possui um site no qual estão disponíveis parte de seu acervo documental.

O museu pode ser acessado por meio dos seguintes endereços eletrônicos:

Museu Ferroviário Regional de Bauru:

<<http://hotsite.bauru.sp.gov.br/museuferroviario/>>.

Projeto Museu Ferroviário Regional de Bauru:

<<http://www.projetoMuseuferroviario.com.br/>>.



Museu Municipal de Jaú José Raphael Toscano

O Museu foi criado em 29 de agosto de 1975 na antiga chácara Dr. Lopes local em que residia o jauense Francisco Cláudio de Almeida Prado e sua esposa Lúcia Penteado de Almeida Prado com o nome de Museu Pedagógico Jorge Tibiriçá. No ano de 1984, a instituição passou por diversas reformas sendo reaberto apenas em 1987. Em 2010 por meio da lei municipal nº 2. 258/84 o museu tem seu nome alterado passando a se chamar Museu Municipal de Jaú “José Raphael Toscano”.

Atualmente o museu conta com um acervo composto por objetos que retratam a fé católica da população jauense, bem como objetos que ilustram o período do café, a escravidão de negros africanos, as ferrovias, a imigração europeia e a Revolução Constitucionalista de 1932. E peças que contam a história do Comandante João Ribeiro de Barros, tido como herói local, e parte da história política do município. Além de museu, o espaço abriga a biblioteca municipal e o Arquivo Histórico Municipal.

Em suas atividades figuram visitas espontâneas e visitas monitoradas, sendo necessário o agendamento. O museu ainda realiza oficinas, palestras e eventos durante todo o ano por meio de parcerias com empresas e órgãos públicos da cidade e do estado.

O museu ainda possui um projeto em que são feitas visitas nas escolas do município e levam uma parte de seu acervo para contar um pouco da história do município e região aos alunos. Conta ainda com um grupo de estudos formado por diversos estudiosos.



Núcleo de Conservação e proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado – Botucatu

A Fazenda Lageado de Botucatu, datada de 1885, foi uma das mais importantes produtoras de café para exportação do estado de São Paulo com uso de maquinários com tecnologia hidráulica para o beneficiamento dos grãos. Durante a crise econômica de 1929 a fazenda ficou endividada e passou a ser propriedade do governo Federal em 1934, tornando-se uma Estação Experimental Federal.

Em 1972, por meio de decreto federal, a cessão de uso da fazenda como unidade de Ensino Superior passa para o governo do estado de São Paulo, sendo implantados no local os cursos de Agronomia e Medicina veterinária. Posteriormente, com a instalação das faculdades de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu e juntamente com Institutos isolados de Ensino do Estado foi formada a UNESP em 1976.

O Museu foi instalado em 2006 na antiga casa grande da fazenda e conta com um acervo composto por peças de mobiliários, arqueológicas e ferramentas utilizadas no período para o plantio, colheita e beneficiamento do café. E suas atividades contam com as visitas espontâneas e visitas monitoradas de turmas escolares e grupos de pessoas.

O Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado de Botucatu pode ser acessado por meio do seguinte endereço eletrônico:

< <https://www.fca.unesp.br/#!/museudocafe> >.



Museu do Café de Piratininga

Diferentemente dos museus apresentados anteriormente, o Museu do Café de Piratininga é uma instituição privada que surgiu em 2014 e está localizado na antiga Fazenda São João, no município de Piratininga. A propriedade é datada do século XX, sendo uma das maiores produtoras de café da região no período. A fazenda possui prédios antigos que retratam o período do café que são percorridos durante as visitas. Seu acervo conta com ferramentas do período do café desde seu plantio até o beneficiamento do grão.

As atividades desenvolvidas pelo museu buscam a interdisciplinaridade. Desta forma, são realizadas visitas monitoradas (necessário agendamento prévio) de grupos de pessoas e escolares, atividades lúdicas com as crianças, projeto Fazendinha, no qual é apresentado como é composta uma fazenda com interação com os animais, trilhas ecológicas e contação de histórias.

O Museu pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico:

< <https://www.museudocafepiratininga.com.br/> >



As visitas virtuais em museus

Embora as visitas técnicas em museus sejam importantes ferramentas que permitem potencializar o ensino e a aprendizagem de História ao nos atentarmos as especificidades de cada localidade algumas dificuldades podem se apresentar na realização desta atividade. A inexistência de um museu na cidade, a falta de transporte e de verba para o custeio da visita técnica podem inviabilizar a realização da atividade.

Uma solução encontrada para contornar essas dificuldades é o uso das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula. Diversos museus, como por exemplo, Casa Portinari localizado na cidade de Brodowski no estado de São Paulo e Museu Imperial localizado na cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro, disponibilizam ferramentas para a realização de visitas virtuais em seus acervos.

As visitas virtuais nos possibilitam uma grande versatilidade na realização de atividades, podendo ser utilizadas como atividade prévia a visita ao museu, o que permite aos alunos adquirir conhecimentos prévios referente a instituição que será visitada e formar expectativas sobre como será a visita. Em outras situações em que não há a possibilidade de visitar um museu, as visitas virtuais podem ser uma alternativa para que os alunos reconheçam esses lugares de cultura e memória. (MARIA, 2019, p 72)

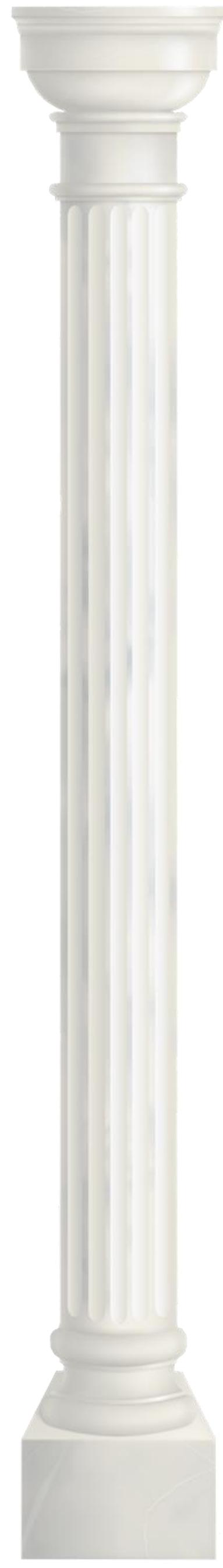
Assim como na visita técnica a museus, ao se optar por uma visita virtual é necessário atentar-se para alguns cuidados que precisam ser tomados desde a elaboração do planejamento até a avaliação final.

Ensinar utilizando a Internet exige uma forte dose de atenção do professor. A navegação precisa de bom senso, gosto estético e intuição. Bom senso para não se deter, diante de tantas possibilidades, em todas elas, sabendo selecionar, em rápidas comparações, as mais importantes. (MORAN, 2006, p. 52).

O principal ponto é o planejamento.

- 1 – A escolha dos objetivos é importante, pois são eles que irão nortear os passos seguintes da atividade.
- 2 – Escolha o site da instituição em que será feita a atividade que atenda os seus objetivos. A escolha do site da instituição que será utilizado não pode ser feita de maneira aleatória. Não basta pedir para que os alunos escolham qualquer site de algum museu para navegar.
- 3 - Após a escolha do site explore-o. Investigue quais recursos são disponibilizados. Vários sites museológicos disponibilizam uma área para o professor, geralmente nestas áreas são disponibilizados textos e vídeos orientando o professor como utilizar a tecnologia em sala de aula.
- 4 – Conheça o aparato tecnológico disponível em sua instituição de ensino. Busque saber se há número suficiente de aparelhos disponíveis aos alunos, se o sinal de internet permite a realização da atividade ou não.
- 5 – Caso sua instituição de ensino não possua aparato para realização da atividade, é possível pedir para os alunos tragam de casa seu notebook ou aparelho de smartfone.
- 6 – É provável que apareça algum aluno que não saiba utilizar o computador.





Cabe a você professor mediar esse processo e orientar o aluno na utilização da ferramenta.

Por esse motivo, é importante que o docente conheça o site que está sendo navegado.

6 - Provavelmente os alunos estarão empolgados para fazê-la. É uma atividade diferente da rotina em que estão acostumados a realizar diariamente. Fique atento para que os alunos não se dispersam do objetivo da atividade.

Dicas para os professores



Querido (a) professor (a), as visitas em museus são importantes ferramentas no ensino de História, pois possibilita ao seu aluno relacionar o conteúdo de sala de aula com o objeto exposto, além de ampliar sua visão de mundo. Para que isso ocorra é importante um bom planejamento da atividade. Veja essas dicas de como realizar uma visita ao museu.

- 1) Professor(a) antes de fazer a escolha do museu que irá visitar tenha claro os objetivos que pretende alcançar. Desta forma, a escolha da instituição será feita de forma consciente, potencializando a aprendizagem do aluno;
- 2) Ao fazer a escolha da instituição museológica, pesquise sobre sua história, sua construção, seu acervo e, se possível faça uma visita antes de levar seus alunos. Assim, irá conhecer a instituição que levará seus alunos e poderá focar nos pontos principais da visita;
- 3) Prepare seus alunos para a visita, faça uma breve apresentação da instituição que será visitada. Se possível, leve imagens do museu para que os alunos possam conhecê-la;
- 4) Durante a visita deixe seus alunos a vontade para que possam fazer perguntas e emitir opiniões;
- 5) Após a visita dialogue com seus alunos, com o objetivo de saber qual a opinião deles e fixar o que foi aprendido durante a visita.

Dicas para os pais/responsáveis

Queridos pais/responsáveis, as visitas a museus podem ser um importante momento de lazer com sua família. E também uma potente ferramenta de adquirir conhecimento. Com as visitas é possível aprender com histórias e brincadeiras. Vejam essas dicas para tornar seu momento de lazer com seus filhos mais rico.



- 1) Pais/responsáveis, as visitas aos museus possibilitam importantes momentos de lazer para sua família. Diversos museus realizam durante o ano eventos culturais que conciliam diversão e muito conhecimento. Fique atento a esses eventos e leve seus filhos;
- 2) Ao levar seus filhos para visitarem museus, dialoguem com eles, conte suas histórias e lembranças. Isso irá ajuda-lo na construção de sua identidade como pessoa;
- 3) Sempre que estiver diante de um objeto ou imagem exposto questione seu filho sobre o que ele pensa sobre aquilo, para que ele acha que serve;
- 4) Sempre que for visitar um museu deixe seu filho a vontade para questionar e emitir sua opinião e peça ajuda aos mediadores/monitores sempre que não conseguir sanar alguma dúvida. Ali é um espaço para construção do conhecimento;
- 5) Após a visita converse com seu filho sobre o que ele achou do museu. Esse diálogo é importante para fixar o que aprendido durante a visita.

Atividades para as crianças



Olá amiguinho (a), você sabia que os museus de nossa região do interior de São Paulo contam a história de um momento importante para o desenvolvimento de nossa região? Pois é, eles contam a história do café e da ferrovia. Vamos conhecer outras palavras relacionadas a eles? Procure no caça-palavras as seguintes palavras: museu, ferrovia, café, patrimônio, trem, estação e desenvolvimento.

C	A	F	E	H	I	K	L	G	N	V	M	H	D	R
D	S	T	J	C	L	M	S	X	Z	F	L	O	Y	P
E	S	A	C	R	Ç	D	U	Z	N	G	T	R	S	W
S	G	H	T	Y	G	Z	P	S	Q	W	Ç	X	T	R
E	W	Q	D	F	S	N	R	T	E	H	F	V	B	N
N	B	V	C	X	Z	A	S	D	F	U	J	K	L	Ç
V	Q	W	R	E	S	T	A	Ç	A	O	E	U	Y	I
O	P	A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç	M	N	B
L	V	C	X	Z	A	S	D	F	G	H	J	K	L	A
V	P	O	I	U	T	R	E	M	Y	T	R	E	W	I
I	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	Ç	L	K	V
M	J	H	G	F	D	S	A	Z	X	C	V	B	N	O
E	M	Ç	L	K	J	H	G	F	D	S	A	Q	W	R
N	E	R	T	Y	U	I	O	P	Ç	L	K	J	H	R
T	G	F	D	S	A	Z	D	X	C	V	B	N	M	E
O	T	P	A	T	R	I	M	O	N	I	O	J	H	F

Que tal conhecermos agora uma instituição museológica? Uma visita ao museu pode ser muita divertida. Reúna seus colegas e familiares e visite um museu mais próximo de sua casa, após responda as seguintes questões:



- a) Qual o nome do museu visitado?
- b) Qual a história do museu? Como ele surgiu?
- c) Qual o período da história é apresentado pelo museu? Qual a temática apresentada?
- d) O que você aprendeu indo ao museu?
- e) Faça um desenho dos objetos que você achou mais interessante

Pais/responsáveis, esta atividade pode ser transformada em um diálogo entre você e seu filho (a). Após a visita ao museu, sente com seu filho (a) e faça as questões em forma de conversa. Esse pode ser um momento rico para estar em família e conhecer o que seu filho (a) aprendeu.

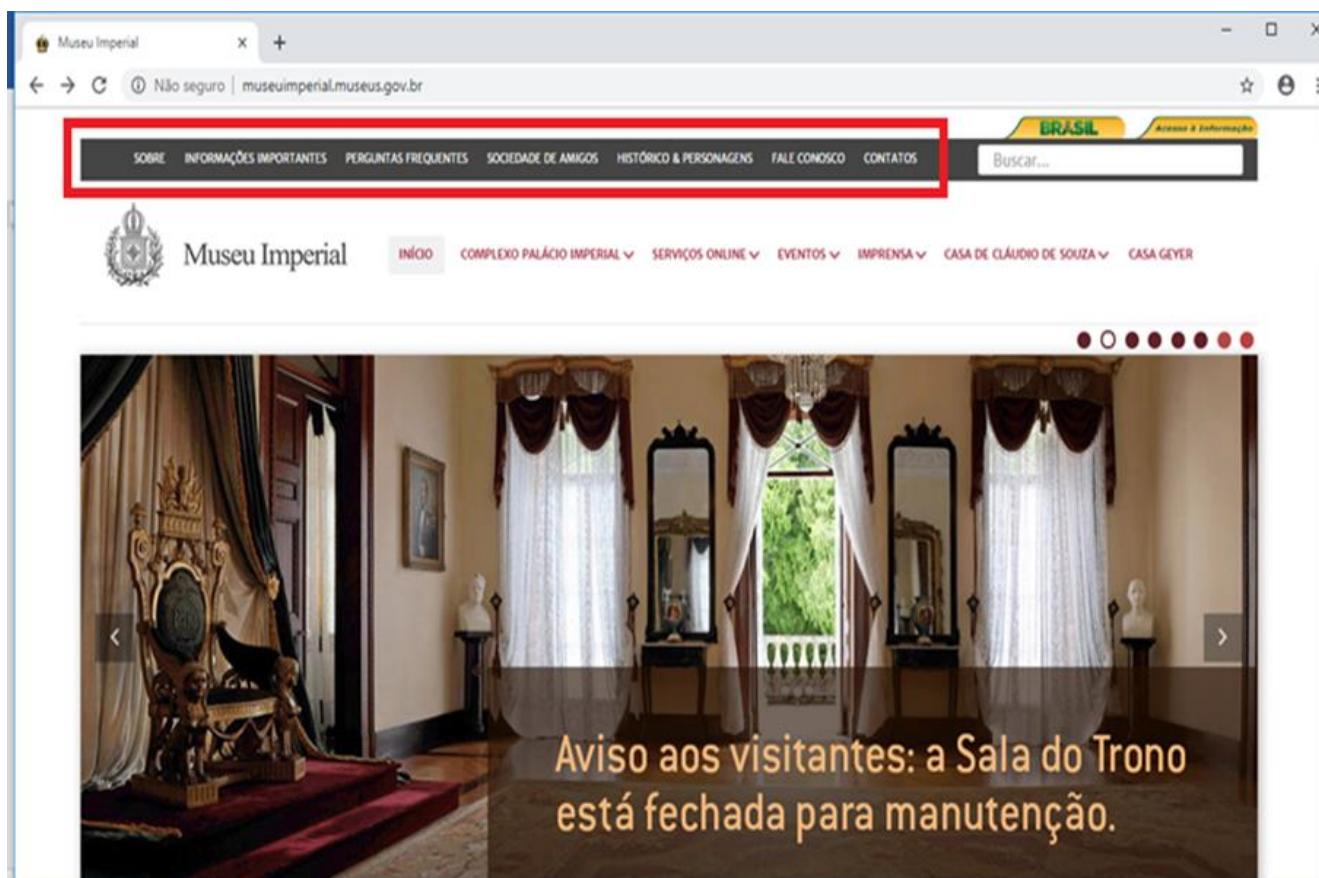
RESPOSTAS:

Você curte navegar na internet? Pois é, diversos museus disponibilizam seus acervos e até permitem que façamos visitas virtuais. Vamos visitar um desses museus?



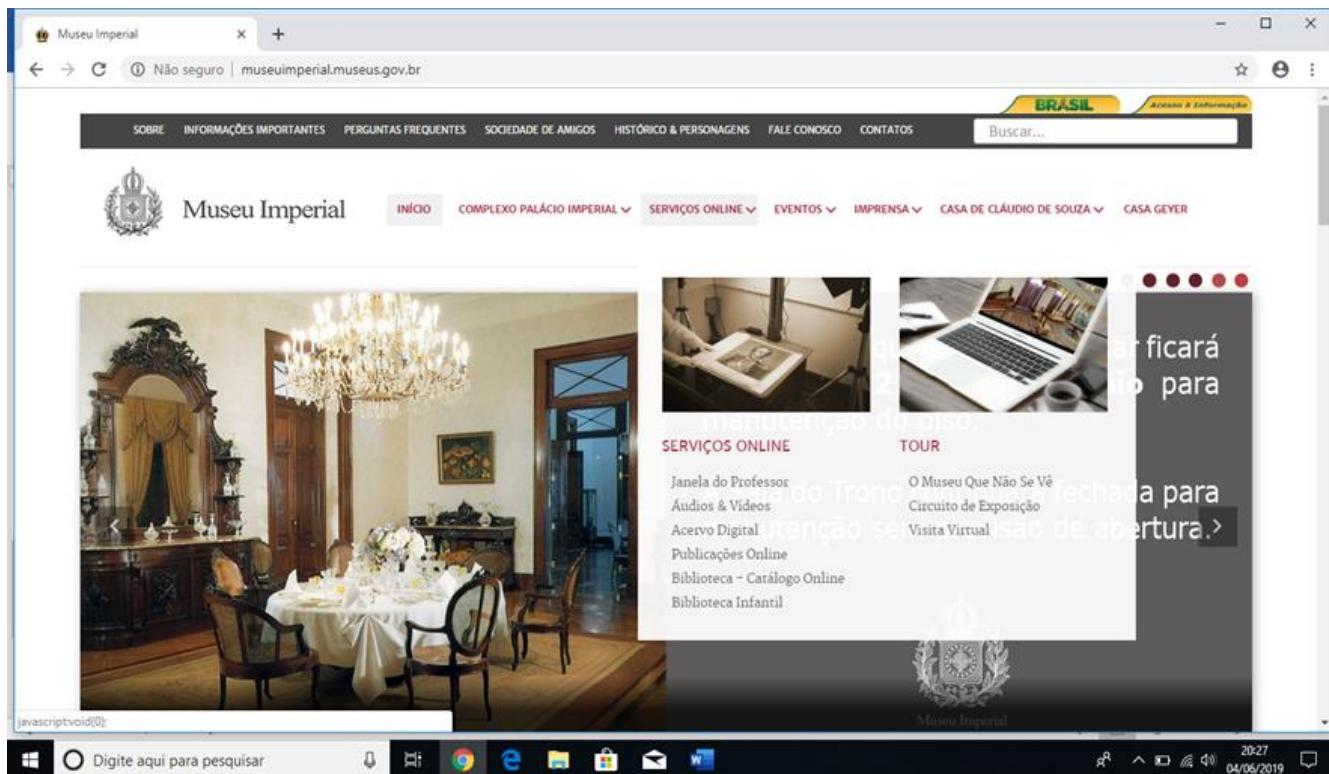
O museu que iremos visitar é o Museu Imperial, localizado na cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro e possui o maior acervo referente ao período imperial brasileiro, principalmente sobre o período conhecido como Segundo Reinado, no qual o Brasil fora governado por D. Pedro II.

Inicialmente acesse o link: <http://museuimperial.museus.gov.br/>
Ao acessar, irá aparecer a seguinte tela:



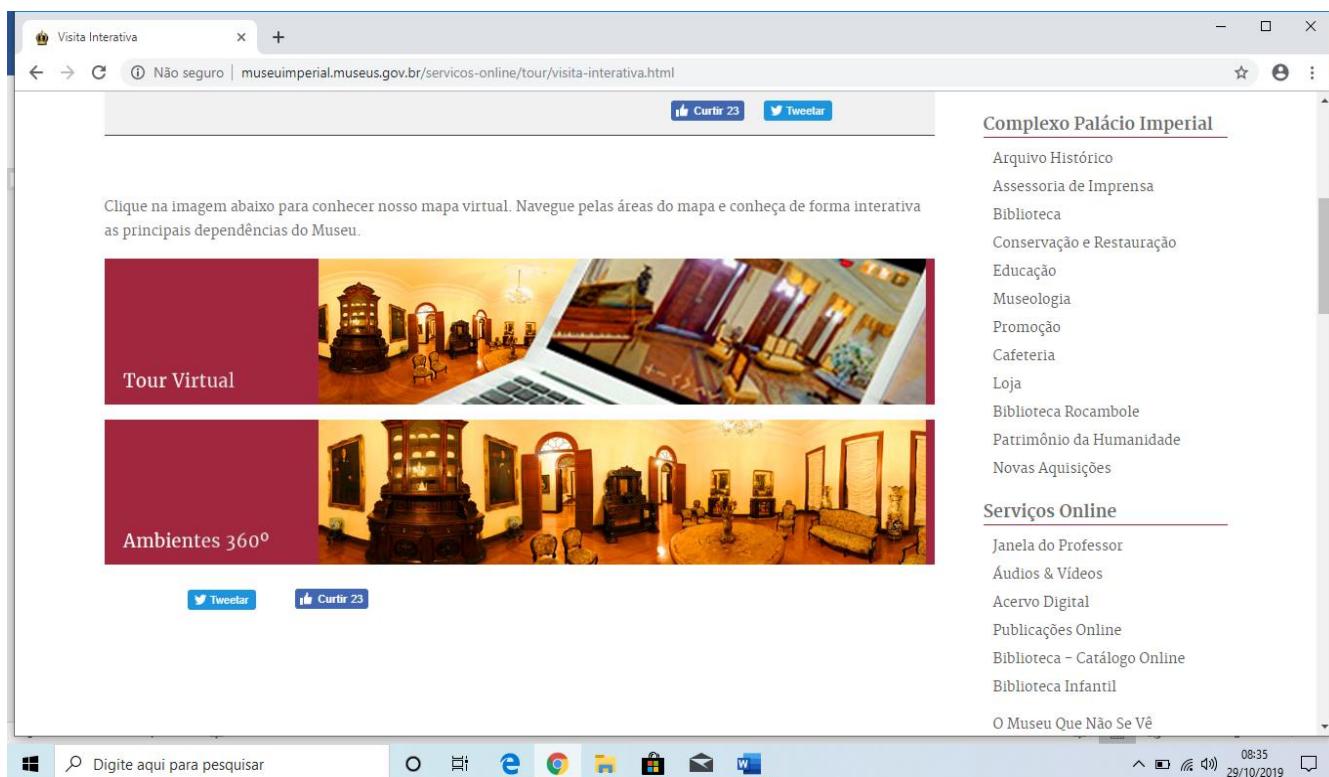
Fonte: Museu Imperial (2019)

Após acessá-la, clique em serviços on line:



Fonte: Museu Imperial (2019)

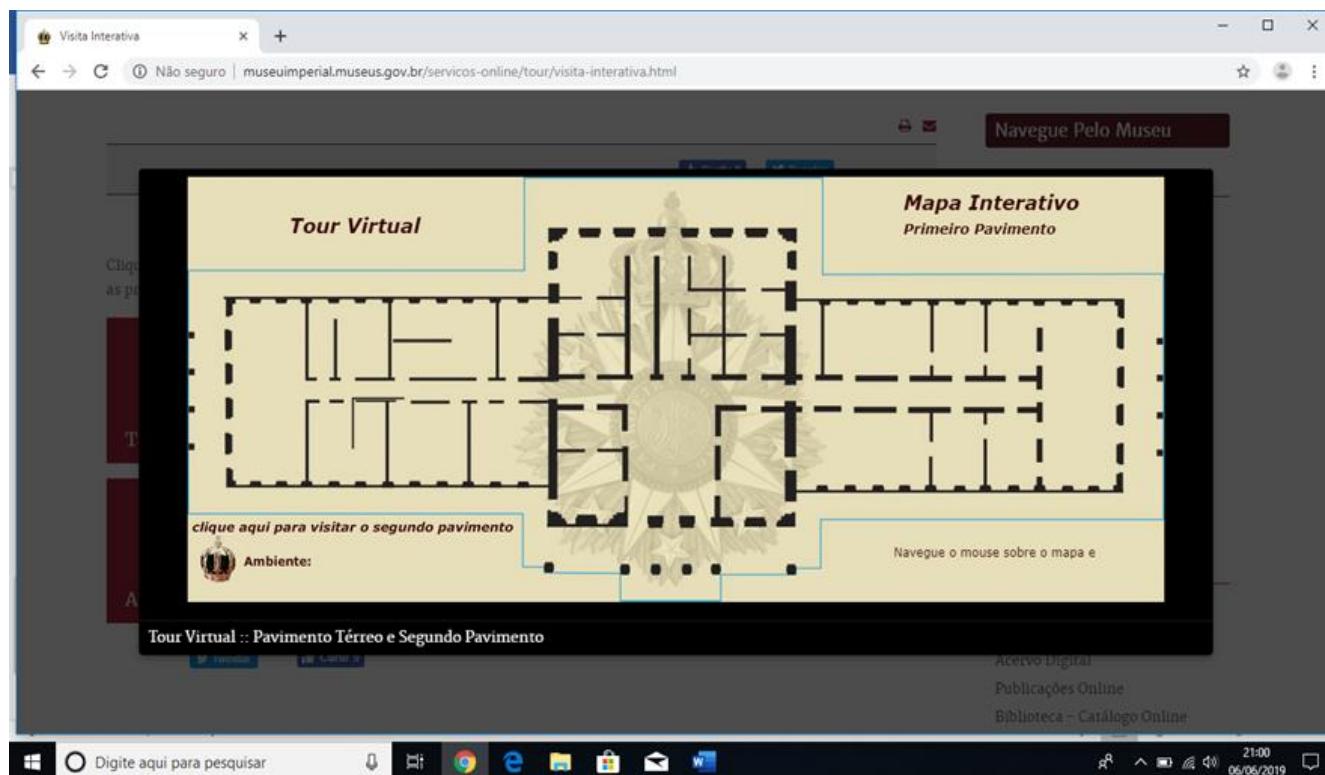
No item serviços on line aparece diversas opções para você navegar, clique em Visita Virtual:



Fonte: Museu Imperial (2019)

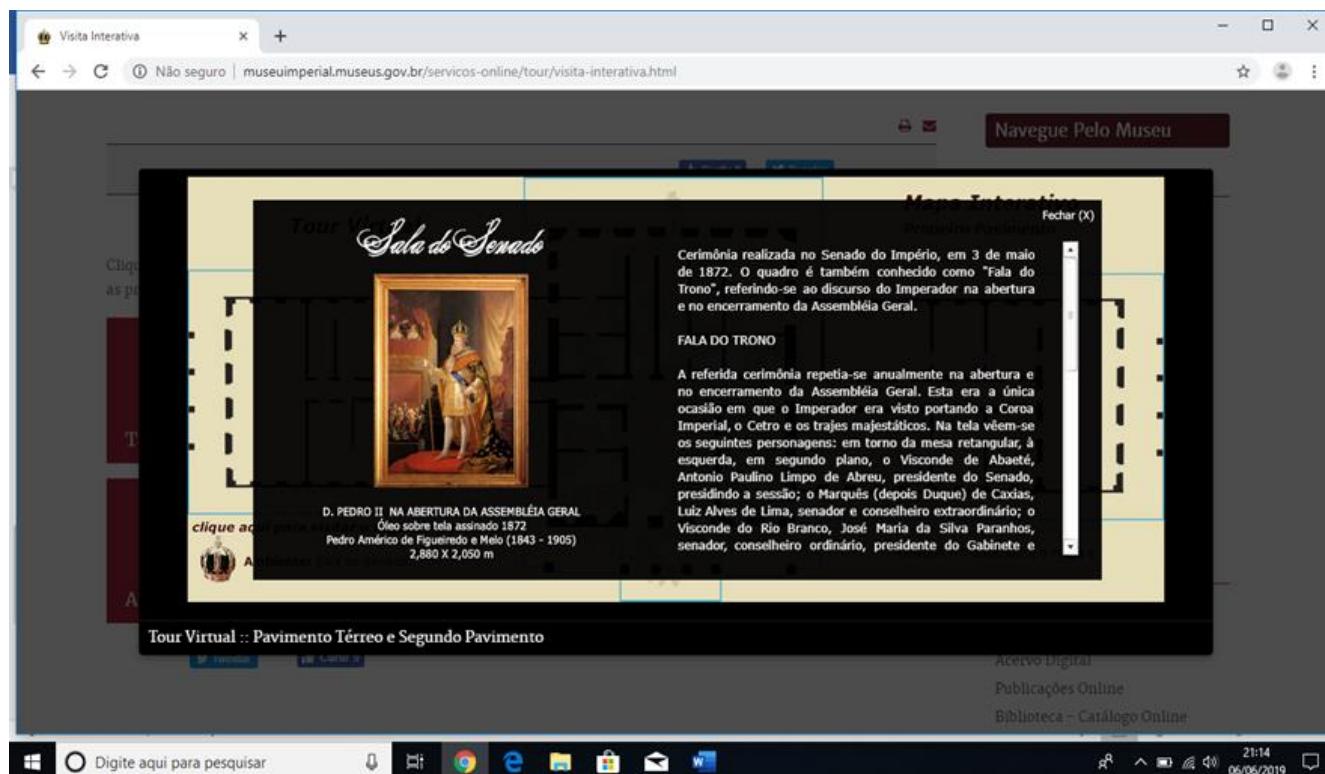
Ao clicar em Visita Virtual, irá aparecer duas opções de navegações: o Tour Virtual e o Ambientes 360°. Vamos conhecer cada um deles? Clique em Tour Virtual.

Ao entrar no Tour Virtual, irá aparecer um mapa interativo do museu, ao passar o mouse pelos ambientes a cor deles vão ficando mais escuras.



Fonte: Museu Imperial (2019)

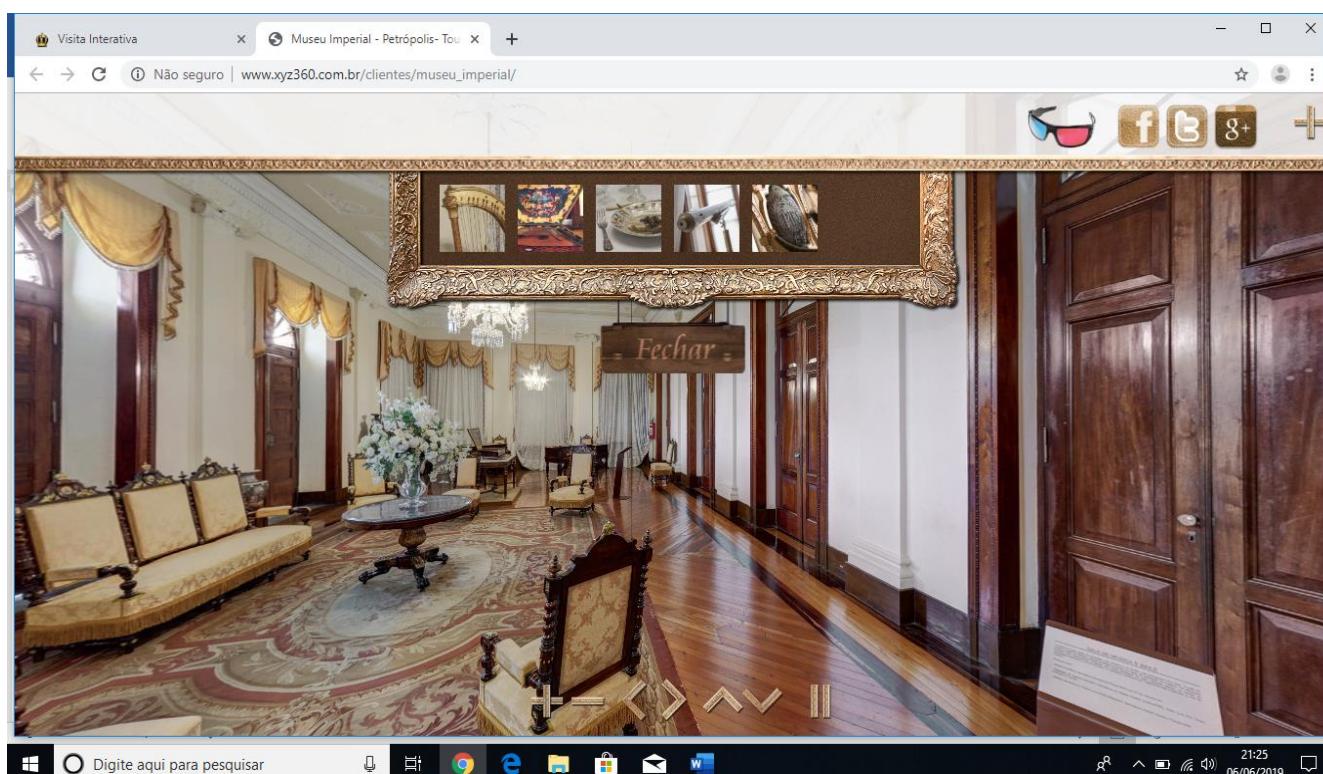
Ao clicar em qualquer um dos ambientes, aparece uma nova tela com informações sobre ele.



Fonte: Museu Imperial (2019)

Mas e o Ambiente 360°? Vamos entrar nele? Clique em Ambiente 360°.

Ao entrar em Ambiente 360° é apresentado um dos ambientes do museu. Na barra superior é possível fazer a escolha de outros ambientes. Nesse ambiente é possível você explorá-lo em 360° movimentando o mouse ou apenas repousando sobre a imagem, que começa a se movimentar sozinha. O site ainda possibilita a versão 3D, para isso é necessário que você tenha um óculos 3D. Para navegar utilizando a versão 3D, basta clicar no ícone do óculos na barra superior direita.



Fonte: Museu Imperial (2019)

Agora que você já sabe o passo a passo de como realizar uma visita virtual, sua missão é explorar o site do Museu Imperial e se divertir e aprender bastante. Boa visita!

Veja também!

Museu Casa de Portinari. Disponível em:

< <https://www.museucasadeportinari.org.br>>. Acesso em: 29 out 2019.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em:

< <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>>. Acesso em: 29 out 2019.

Que tal visitarmos diversos outros museus? Museus do mundo todo disponibilizam visitas virtuais. Vamos conhecer alguns deles? Abaixo você encontra sites de museus do Brasil e do mundo que possibilitam a visita virtual.

Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/>> Acesso em: 11 nov 2019

Museu Virtual da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Disponível em:
<http://www.museuvirtual.medicina.ufrj.br/galeria_virtual.php>. Acesso em:
11 nov 2019

Centro Cultural do Ministério da Saúde do Brasil

Disponível em:<<http://www.ccs.saude.gov.br/>> Acesso em: 11 nov 2019

Museu do Ipiranga

Disponível em:
<http://www.sp360.com.br/site/conteudo/index.php?in_secao=37&in_conteudo=85>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu da Pessoa

Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/home>>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu sem Fronteiras

Disponível em:<<http://www.museumwnf.org/#>>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu Fundação Salvador Dali

Disponível em:<<https://www.salvador-dali.org/en/museums/dali-theatre-museum-in-figueres/visita-virtual/>>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu Virtual Egípcio

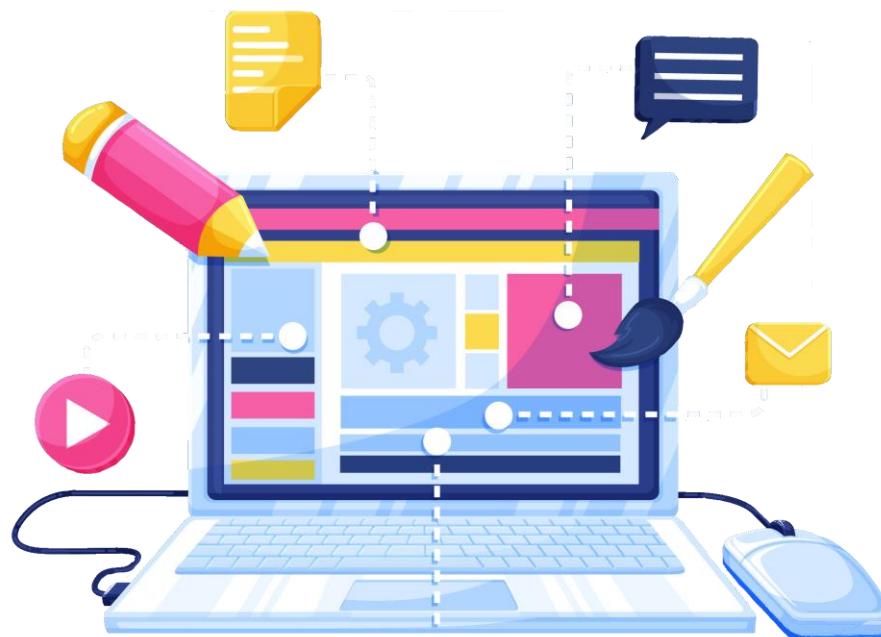
Disponível em:<<http://www.virtual-egyptian-museum.org/Collection/FullVisit/Collection.FullVisit-FR.html>>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu Virtual do Canadá

Disponível em:<<http://www.virtualmuseum.ca/home/>>. Acesso em: 11 nov 2019

Museu Virtual da China

Disponível em:< <https://www.comuseum.com/>>. Acesso em: 11 nov 2019



Museus em São Paulo para visitar

O interior paulista é rico em museus e em cada um é guardado um pouco da memória de cada lugar. Visitá-los pode ser um prazeroso programa em família ou com os amigos. Abaixo você encontra algumas sugestões de museus que você pode visitar.

Museu Histórico e Pedagógico de Garça

Endereço: Rua Júlio Prestes, 322, Willians, Garça/SP

CEP: 17.400-000

Telefone: (14) 3406-1971

E-mail: cultura@garça.sp.gov.br

Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara

Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 1485, centro, Araraquara/SP

CEP: 14800-350

Telefone: (16) 3322-4997

Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes

Endereço: Rua Santo Antônio, 641, centro, Piracicaba/SP

CEP: 13.400-160

Telefone: (19) 3422-3069

E-mail: mprudentedemoraes@piracicaba.sp.gov.br

Museu Pedagógico – Seminário Santo Antônio

Endereço: Estrada de Piratininga, Km 4.

Agudos/SP

CEP: 17120-000

Telefone: (14) 3262-1215

Museu de São Carlos

Endereço: Praça Antônio Prado, s/n, centro, São Carlos/SP

CEP: 13.560-046

Telefone: (16) 3373-2700

E-mail: museudesacaoscarlos@gmail.com

Museu Alexandre Chitto

Endereço: Rua Cel. Joaquim Anselmo Martins, 575, centro, Lençóis Paulista/SP.

CEP: 18682-040

Telefone: (14) 3264-1442

Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre

Endereço: Rua Coroados, 521, centro, Tupã/SP

CEP: 17.600-010

Telefone: (14) 3491-2333

E-mail: gerencia@museuindivanuire.org.br



Museu Histórico de Bauru

Endereço: Rua Rio Branco, 3-16, centro, Bauru/SP

CEP: 17010-190

Telefone: (14) 3232-4721

Museu de Paleontologia de Marília

Endereço: Avenida Sampaio Vidal, 245, centro, Marília/SP

CEP: 17500-020

Telefone: (14) 3402-6600

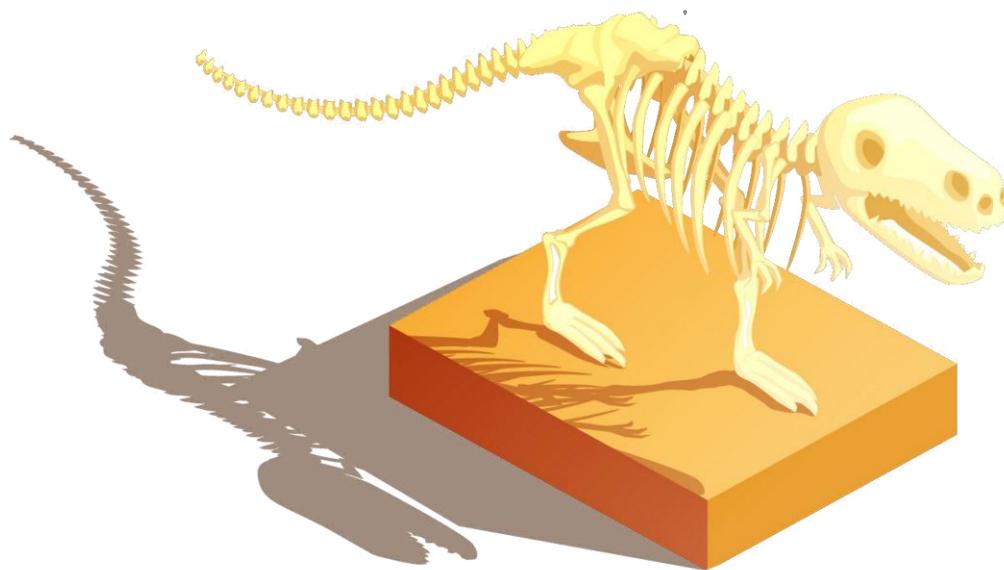
E-mail: dinomarilia@gmail.com

Pinacoteca Municipal de Bauru- Casa Ponce Paz

Endereço: Rua Antônio Alves, 9-10, centro, Bauru/SP

CEP: 17010-170

Telefone: (14) 3232-1552



O uso do trem foi de suma importância para o desenvolvimento do Oeste paulista, por ser o principal meio de transporte para escoamento do café produzido pela região. O trem também foi importante para o turismo. Observe a imagem retirada do site Projeto Museu Ferroviário Regional de Bauru e responda as questões.



Ponte "EURICO GASPAR DUTRA", sobre o rio Paraguai, no trajeto ferroviário Bauru-Conselheiro.

CONHEÇA O BRASIL CENTRAL. O TREM LEVA VOCÊ!

A região do Brasil Central por suas riquezas naturais, suas fauna e flora peculiares e pelos seus piscosos rios de planície, margeados em vários pontos por praias de brancas areias, vem atraindo uma corrente turística cada vez mais expressiva. Uma das opções de transporte para aquela área é o trem.

A viagem inicia-se em Bauru, cidade que, em consequência de seu entroncamento ferroviário RFFSA/FEPASA, já está definitivamente incluída nos roteiros turísticos de várias agências de São Paulo e Rio de Janeiro, e de onde se vai ao Pantanal Matogrossense, à Bolívia, ao Paraguai e outros países da América do Sul.

**VIAJE EM CONFORTÁVEIS COMPOSIÇÕES FERROVIÁRIAS
E DESFRUTE DAS BELAS PAISAGENS QUE A NATUREZA OFERECE**

Maiores informações: (Departamento de Comunicação Social)
Praça Alfredo Issa, 48 - 20.º andar - Fone: 228-9824 - SP

Estação da Luz Fones: 227-1906 e 227-3299 - SP.	Estação de Bauru Fone: 22-6833
--	-----------------------------------

Use o trem.
O transporte ideal.



Fonte: “Conheça o Brasil central, o trem leva você!”. Acervo Museu Ferroviário Regional de Bauru. Disponível em <http://www.projetomuseuferroviario.com.br/conheca-o-brasil-central-o-trem-leva-voce/>. Acesso em 29/10/2019

- Qual o título do texto?
- Que tipo de texto é esse?
- Por que Bauru foi incluída nos roteiros turísticos das agências de viagens de São Paulo e Rio de Janeiro?
- Saindo da cidade de Bauru, quais eram os destinos possíveis utilizando o trem como meio de transporte?
- Em sua opinião, o trem foi importante para o desenvolvimento da cidade de Bauru? Justifique sua resposta.

Referências

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville/SC. Univille. 2012.
- BLOISE, A. S. O desafio da gestão dos pequenos museus. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 43-49. Brodowski/SP. SISEM. 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História. Brasília. MEC. 1998.
- BRUNO, M. C. O. Os museus servem para transgredir: um ponto de vista sobre a museologia paulista. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 29-43. Brodowski/SP. SISEM. 2011
- DELORS, J. A educação ou a utopia necessária. In: UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir.** 2010. Disponível em:<
http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em: 22 mar 2019.
- FABBRI, A. Museus: o que são, para que servem. In: SISEM-SP (Org.) **Museus: o que são, para que servem?** p. 49-69. Brodowski/SP. SISEM. 2011.
- GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo. Cortez. 1999.
- _____. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação.** 11ª série, nº 1, p. 35-50, 2014. Disponível em:< <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>>. Acesso em 18 jul 2019.
- _____. Educação não-formal, educador(a) social e os projetos sociais de inclusão social. **Meta: avaliação.** Rio de Janeiro, v. 1, nº. 1, p. 28-43, jan/abr 2009. Disponível em:<
<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/1/5>>. Acesso em 18 jul 2019.
- _____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação.** v. 14. nº 50. p. 27- 38. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440362006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 mar 2019.
- MARANDINO, M. Interfaces na relação muse-escola. Universidade Federal de Santa Catarina. Caderno Brasileiro de ensino de Física. v. 18. Nº 1. 2001. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692>>. Acesso em: 22 mar 2019.
- MARIA, F. G. S. **O ensino de História em ambientes não-formais:** o museu como ambiente educativo. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica). Faculdade de ciências, UNESP, Bauru/SP. 2019.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** São Paulo. Papirus. p.133-173, 2006.
- MATHIAS, C. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. In: **Revista História Unisinos.** São Leopoldo: Unisinos, v. 15, nº 1, Jan\Abr, 2011, p. 40-49. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia>>. Acesso em: 20 ago 2017.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo. Papirus, p.11-65, 2006

NADAI, E. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. In: PINSKY, J (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo. Contexto. p. 27-35, 2014.

PINSKY, J. Vale a pena ver museus? In: PINSKY, J. **Por que gostamos de História**. São Paulo. Contexto. 2013.

SILVA, M.; GUIMARÃES, S. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas/SP. Papirus. 2017.

THEODORO, J. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, L. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo. Contexto. 2013.

Sites

Museu do café de Piratininga. Disponível em:<

<https://www.museudocafepiratininga.com.br/>>. Acesso em: 29out 2019.

Museu Ferroviário Regional de Bauru. Disponível

em:<<http://hotsite.bauru.sp.gov.br/museuferroviario/>> Acesso em: 20 mar 2019.

Museu Imperial. Disponível em:< <http://museuimperial.museus.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun 2019.

Núcleo de Conservação e Proteção do Patrimônio Histórico da Fazenda Lageado.

Disponível em:< <http://www.fca.unesp.br/#!/museudocafe>>. Acesso em: 18 mar 2019.

Projeto Museu Ferroviário Regional de Bauru. Disponível

em:<<http://www.projeto-museuferroviario.com.br/>>. Acesso em: 20 mar 2019.

Ilustrações – em ordem de aparição

Coluna antiga cilíndrica. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/antique-cylindrical-columns-white-red-black-marble-stone-with-cubical-base-realistic-vector-isolated-ancient-architecture-historical-modern-building-exterior-element_4997241.htm#page=1&query=greek%20column&position=12>.

ACESSO EM 8/11/2019.

Prédio do museu. Disponível em <[https://www.freepik.com/free-vector/bank-museum-buildings-isometric-](https://www.freepik.com/free-vector/bank-museum-buildings-isometric-icons_4267686.htm#page=4&query=museum&position=22)

[icons_4267686.htm#page=4&query=museum&position=22](https://www.freepik.com/free-vector/bank-museum-buildings-isometric-icons_4267686.htm#page=4&query=museum&position=22)>. ACESSO EM 9/11/2019.

Pessoas observando quadro. Disponível em <[https://www.freepik.com/free-vector/museum-decorative-flat-color-icons-](https://www.freepik.com/free-vector/museum-decorative-flat-color-icons-set_4425875.htm#page=1&query=museum&position=13)

[set_4425875.htm#page=1&query=museum&position=13](https://www.freepik.com/free-vector/museum-decorative-flat-color-icons-set_4425875.htm#page=1&query=museum&position=13)>. ACESSO EM 9/11/2019.

Pedra com pinturas rupestres. Disponível em <[https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-](https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37)

[set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37](https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37)>. ACESSO EM 9/11/2019.

Mulher com criança. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37>.

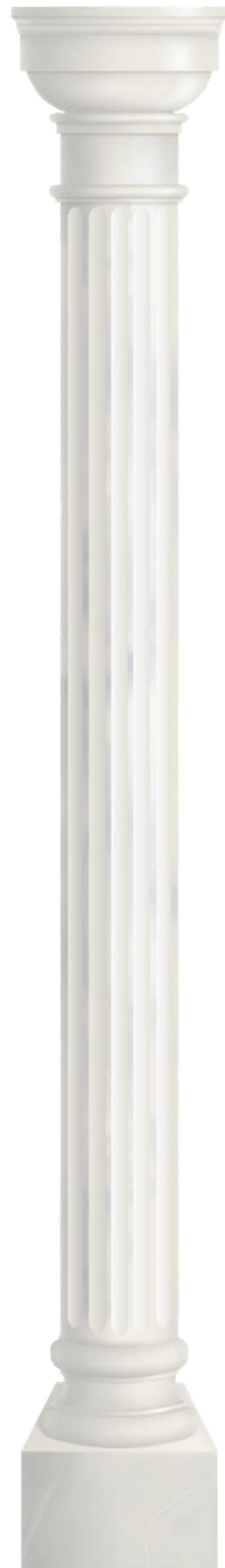
ACESSO EM 9/11/2019.

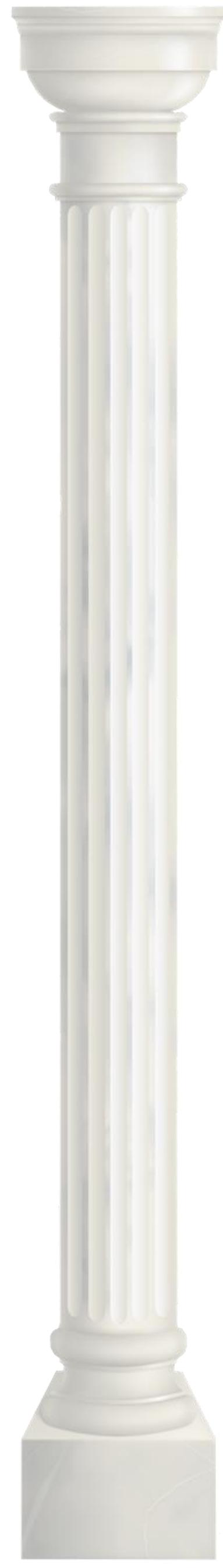
Homem com câmera fotográfica. Disponível em <[https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-](https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37)

[set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37](https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37)>. ACESSO EM 9/11/2019.

Busto com colar em vitrine. Disponível em <[https://www.freepik.com/free-vector/museum-exhibition-isometric-icons-](https://www.freepik.com/free-vector/museum-exhibition-isometric-icons-set_4331396.htm#page=4&query=museum&position=38)

[set_4331396.htm#page=4&query=museum&position=38](https://www.freepik.com/free-vector/museum-exhibition-isometric-icons-set_4331396.htm#page=4&query=museum&position=38)>. ACESSO EM 9/11/2019.





Estátua de mármore em estilo grego. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/museum-exhibition-isometric-icons-set_4331396.htm#page=4&query=museum&position=38>. ACESSO EM 9/11/2019.

Placa informativa. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/museum-artifacts-isometric-collection_4358845.htm#page=2&query=museum&position=2>. ACESSO EM 9/11/2019.

Prédio de museu. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/bank-museum-buildings-isometric-icons_4267686.htm#page=4&query=museum&position=22>. DISPONÍVEL EM 9/11/2019.

Menino de óculos com mochila. Disponível em https://br.freepik.com/vetores-gratis/mao-desenhadas-criancas-de-volta-a-escola_4923102.htm#page=3&query=menino+%C3%B3culos&position=8>. ACESSO EM 11/11/2019.

Computador portátil. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/colorful-infographic-computer_3063171.htm#page=1&query=computer&position=42>. ACESSO EM 12/11/2019.

Vaso em um pedestal. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/art-museum-isometric-icons-set_4270066.htm#page=4&query=museum&position=37>. ACESSO EM 9/11/2019.

Esqueleto de dinossauro. Disponível em <https://www.freepik.com/free-vector/museum-artifacts-isometric-collection_4358845.htm#page=2&query=museum&position=2>. ACESSO EM 9/11/2019.

